

Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro

Departamento de Educação e Psicologia

Violência interparental: estilos parentais, psicopatologia e personalidade de adolescentes filhos únicos e com irmãos

Versão Final

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Etelvina Eugénia Leite Teixeira
Inês Carvalho Relva
Otilia Monteiro Fernandes



Vila Real, 2018

Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro

Departamento de Educação e Psicologia

Violência interparental: estilos parentais, psicopatologia e personalidade de adolescentes filhos únicos e com irmãos

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Etelvina Eugénia Leite Teixeira



Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Departamento de Educação e Psicologia, sob a orientação das Professoras Doutoradas Inês Carvalho Relva e Otília Monteiro Fernandes

Vila Real, 2018

*“All your dreams can come
true if we have the courage
to pursue them.”* Walt Disney

Agradecimentos

A realização deste trabalho é resultado do empenho e da dedicação individual, mas também de um conjunto de esforços que permitiram a concretização desta difícil e árdua tarefa e que contribuiu para o meu desenvolvimento a nível pessoal e da minha formação académica. Neste sentido, torna-se imprescindível agradecer a todas pessoas, pelo apoio incondicional responsável pela transformação deste sonho em realidade.

Deixo aqui o meu profundo agradecimento e a minha enorme gratidão às Professoras Doutoras Inês Relva e Otília Monteiro Fernandes, por toda a disponibilidade, o apoio incondicional e a orientação prestada no decorrer desta etapa fundamentais para a concretização deste trabalho. Obrigada pela confiança depositada em mim e por toda a compreensão e motivação facultada.

Às pessoas mais importante na minha vida, os meus pais e o meu irmão. À minha mãe, o grande pilar da minha vida, a pessoa que sempre acreditou em mim. Obrigada por toda a força, paciência, amor e dedicação ao longo deste percurso académico e ao longo de toda a minha vida. Ao meu irmão por todo o apoio incondicional e por estar sempre do meu lado.

À minha querida amiga Dona Augusta pelos conselhos sábios, pela força e coragem que foram fulcrais para esta fase. Grata por toda a sabedoria e por me ensinar a enfrentar a vida com a maior tranquilidade, serenidade e simplicidade. E por me mostrar sempre o lado positivo desta dádiva que é a vida e de desfrutar de cada momento como se fosse o último.

Às minhas queridas amigas Sara, Catarina, Cátia, Paula, que me acompanharam em todo o meu percurso académico. Obrigada pela partilha dos melhores momentos como também dos momentos de angústia. Com vocês do meu lado, tudo se tornou mais simples e exequível de alcançar.

Às minhas amigas de longa data, Carina, Alexandra, Constança, Inês, pelo apoio incondicional, pelas palavras de ânimo, incentivo e por estarem sempre presentes. Obrigada por todos estes anos de amizade.

Por último, à **Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro** enquanto instituição de ensino e ao **corpo docente do Mestrado em Psicologia Clínica** responsável pela transmissão de conhecimento para a minha formação académica e profissional.

A todos o meu profundo e sincero: **MUITO OBRIGADA!**

Índice

Introdução	1
Estudo Empírico I: “A violência interparental e os estilos parentais em adolescentes filhos únicos e com irmãos”	3
Resumo	5
Abstract	7
Introdução	9
Método	16
Participantes.....	16
Procedimento.....	17
Instrumentos.....	18
Resultados	
Análises estatísticas.....	20
Análises inferenciais.....	22
Análises diferenciais.....	23
Análises preditivas.....	30
Discussão	35
Implicações práticas, limitações e propostas futuras	41
Referências Bibliográficas	42

Estudo Empírico II: “A relação entre violência interparental, personalidade e psicopatologia em adolescentes”	57
Resumo	59
Abstract	61
Introdução	63
Método	68
Participantes.....	68
Procedimento.....	69
Instrumentos.....	70
Resultados	
Análises estatísticas.....	73
Análises inferenciais.....	75
Análises diferenciais.....	76
Análises preditivas.....	81
Discussão	85
Implicações práticas, limitações e propostas futuras	93
Referências Bibliográficas	95
Considerações finais	107
ANEXOS	113

ÍNDICE DE TABELAS E FIGURAS

Estudo Empírico I

Tabela 1. Correlações entre as táticas de resolução de conflito e os estilos parentais, média e desvio padrão.....	23
Tabela 2. Análise diferencial das táticas de resolução de conflito e estilos parentais em função do sexo.....	25
Tabela 3. Análise diferencial das táticas de resolução de conflito e estilos parentais em função da idade.....	28
Tabela 4. Análise diferencial das táticas de resolução de conflito e estilos parentais em função do tipo de fratria.....	30
Tabela 4. Análises preditivas: Papel preditor do sexo, Agressão Psicológica entre os pais nos estilos parentais.....	34

Estudo Empírico II

Tabela 1. Correlações entre as táticas de resolução de conflito, sintomatologia psicopatológica e personalidade, média e desvio padrão.....	76
Tabela 2. Análise diferencial das táticas de resolução de conflito, sintomatologia psicopatológica e personalidade em função da escolaridade.....	79
Tabela 3. Análise diferencial das táticas de resolução de conflito, sintomatologia psicopatológica e personalidade em função do números de elementos na fratria.....	81

Tabela 4. Análises preditivas: Papel preditor do sexo, Agressão Psicológica entre os pais e os traços de personalidade na Ansiedade.....	82
Tabela 5. Análises preditivas: Papel preditor do sexo, Agressão Psicológica entre os pais e os traços de personalidade na Depressão.....	83
Tabela 6. Análises preditivas: Papel preditor do sexo, Agressão Psicológica entre os pais e os traços de personalidade na Sensibilidade Interpessoal.....	84

Introdução

A exposição à violência interparental trata-se de um tipo de mau trato. No decorrer dos anos, esta temática tem vindo a despertar maior interesse por parte da sociedade e da comunidade científica, dado que esta se tem debruçado sobretudo sobre o estudo das consequências que podem advir da ocorrência deste fenómeno nos adolescentes, nomeadamente, comportamental: internalização (como por exemplo, baixa autoestima, Depressão e Ansiedade) e externalização (por exemplo: consumo de substâncias, hostilidade; agressividade); emocional (tristeza, raiva; vergonha e culpa, por exemplo), social (dificuldade em interpretar os acontecimentos sociais e percepção negativa acerca dos relacionamentos interpessoais) (Cunningham & Baker, 2005; Cummings & Davies, 1994; Graham-Bermann, 1998; Rodrigues, 2006; Sani, 2007). Todavia, em Portugal, os estudos acerca do impacto na testemunha de episódios de violência entre as figuras parentais são ainda escassos, uma vez que não existem dados sobre a prevalência de vítimas menores expostas à violência interparental, quando o ambiente familiar é pautado por hostilidade e comportamentos violentos entre o casal. É importante ter em conta que o filho que observa estes comportamentos entre os pais também deve ser considerado como uma vítima, neste caso indireta, apesar de não sofrer qualquer tipo de agressão direta. Desta forma torna-se relevante a realização de estudos que abordem esta questão, assim como as consequências que este acontecimento pode despoletar no menor, no sentido de realizar intervenções precoces para minorar os efeitos negativos e prevenir o aparecimento de sintomatologia psicopatológica.

A violência entre o casal também desencadeia repercussões na própria vítima, tornando-a vulnerável psicológica e emocionalmente, e dificultando negativamente o seu modo de exercer a parentalidade. Geralmente, recorrem ao uso de comportamentos autoritários na educação dos seus descendentes. Por isso, também parece pertinente explorar a

percepção dos filhos acerca do modo como a parentalidade é exercida pelos seus progenitores, especificamente, pela vítima de violência.

O presente estudo divide-se em dois artigos, sendo que o primeiro se debruçou sobre o impacto da violência interparental na parentalidade, tendo como propósito verificar de que forma a violência psicológica entre os pais se correlacionam com os estilos parentais percebidos pelos adolescentes; analisar as diferenças das táticas de resolução de conflito e dos estilos parentais em função das variáveis sociodemográficas, nomeadamente, o sexo e a idade e o número de elementos na fratria, e analisar em que medida a Agressão Psicológica entre as figuras parentais pode exercer um efeito preditor nos estilos parentais. Posteriormente, o segundo artigo abordou as repercussões inerentes ao fenómeno da exposição da violência interparental nos adolescentes, verificando de que forma a violência psicológica entre os pais se correlacionam com os sintomas psicopatológicos e os traços de personalidade dos adolescentes; analisar as diferenças das táticas de resolução de conflito, da sintomatologia psicopatológica e dos traços de personalidade em função das variáveis sociodemográficas, nomeadamente, a escolaridade e o número de elementos na fratria, e analisar em que medida a Agressão Psicológica e os traços de personalidade exercem um efeito preditor no desenvolvimento de sintomatologia psicopatológica. Por último, em ambos os estudos serão expostas as limitações e as considerações finais do estudo.

ESTUDO EMPÍRICO I

A violência interparental e os estilos parentais em adolescentes filhos únicos e com irmãos

Resumo

A violência entre o casal acarreta implicações a diversos níveis (físico, psicológico e emocional) e no exercício da parentalidade. Todo este acontecimento despoleta na vítima uma extensa vulnerabilidade e um misto de sentimentos e emoções nefastas sobre si própria e quanto à sua capacidade de educação. O stresse que advém dos episódios de violência desencadeia na vítima imprevisibilidade, comportamentos negligentes e agressivos perante os seus filhos. A presente investigação tem como objetivo verificar de que forma a violência psicológica entre os pais se correlacionam com os estilos parentais percebidos pelos adolescentes; analisar as diferenças das táticas de resolução de conflito e dos estilos parentais em função das variáveis sociodemográficas, nomeadamente, o sexo e a idade e o número de elementos na fratria, e analisar em que medida a Agressão Psicológica entre as figuras parentais pode exercer um efeito preditor nos estilos parentais. A amostra foi composta por 1095 indivíduos com idades compreendidas entre os 14 e 18 anos ($M=15.67$; $DP=1.28$). Para a recolha de informação recorreu-se ao uso de três instrumentos de autorrelato: um questionário sociodemográfico, as *The Revised Conflict Tactics Scale - Parent-to-Parent Version* (CTS2 – CA) e o *Styles & Dimensions Questionnaire: Short Version* (PSDQ). Os resultados indicam que a Agressão Psicológica do pai se encontra associada positivamente com a da mãe e negativamente com o Apoio e o Afeto, a Regulação, e a Cedência de Autonomia/Participação da mãe. Constatou-se que a perceção de Agressão Psicológica exercida sobre a mãe se associa positivamente com a Coerção Física da mãe. Foram, ainda, reportadas diferenças significativas nos estilos parentais face ao sexo e à idade. Por último, a perceção dos adolescentes sobre a Agressão Psicológica entre os pais difere nas diferentes faixas etárias. Com a presente investigação pretende-se fazer uma reflexão acerca da relação entre a violência interparental e os estilos parentais, e neste sentido podem destacar-se as implicações práticas, nomeadamente, o impacto da violência entre o casal no exercício da

parentalidade. Assim, pretende-se que esta investigação possa contribuir para uma maior consciencialização acerca da problemática da violência interparental e das consequências que esta pode desencadear no desenvolvimento dos adolescentes, com intuito de sensibilizar os profissionais de saúde acerca deste fenómeno, bem como serem desenvolvidos programas de intervenção dirigidos para a parentalidade em contexto de violência doméstica.

Palavras-chaves: Violência interparental, irmãos, estilos parentais

Abstract

The violence between couples entails implications at various levels: physical, psychological, emotional and during parenting exercise. This whole event unleashes in the victim an extensive vulnerability and a mixture of negative feelings and emotions about him or herself and his/her capacity of education. The stress that becomes from the violence episodes unleashes in the victim unpredictability, negligent and aggressive behaviors towards their children. The current research aims to verify how psychological violence between parents is correlated to the parental styles perceived by adolescents; to analyze differences in conflict resolution tactics and parental styles according to sociodemographic variables, namely gender and age and number of siblings and to analyze the extent to which psychological aggression among parental figures can exert a predictive effect on parental styles. The sample consisted of 1095 individuals aged between 14 and 18 years old ($M=15.67$; $SD=1.28$). For the collection of information, two self-report instruments were used: sociodemographic questionnaire, the Revised Conflict Tactics Scale – Parent-to-Parent Version (CTS2 – CA) and the Styles & Dimensions Questionnaire: Short Version (PSDQ). The results indicate that the Psychological Aggression of the father is positively associated with the physical coercion of the mother and negatively with the Support and Affection, the Regulation, the transfer of Autonomy / Participation. It was observed that the perception of Psychological Aggression exerted on the mother is positively associated with the Physical Coercion of the mother. Significant differences were also reported in parental styles regarding gender and age. Finally, the adolescents' perception of psychological aggression among parents differs in different age groups. With the present research, we intend to reflect on the relationship between interparental violence and parental styles. Thereby, we can highlight the practical implications, namely, the impact of violence between the couple on the exercise of parenting. Thus, it is intended that this research may contribute to a greater awareness about the problem

of interparental violence and the consequences that this may trigger in the process of educating the children, in order to sensitize health professionals about this phenomenon, as well as to develop intervention programs aimed at parenting in the context of domestic violence.

Key Words: Interparental violence, siblings, parental styles

Introdução

Família

A família é um sistema aberto, no qual os membros estabelecem contacto direto uns com os outros, formam laços emocionais e compartilham uma história. Esta é estruturada por padrões e propriedades de organização que visam sustentar uma dinâmica relacional que contempla os fatores de proteção cruciais para o seu desenvolvimento (Minuchin, 1979; Liberman, 1998; Orth & Moré, 2008). Cada família tem uma história pautada por períodos de crise e de transição que contribuem para o seu ciclo vital (Relvas, 1996). As ações e medidas educativas estipuladas a nível familiar assumem um papel crucial no comportamento individual do adolescente (Castillo, 2007; Costa, 2013; Deslandes, Assis, & Santos, 2005; Drummond & Drummond Filho, 1998).

O ambiente familiar é visto como porto seguro e de suporte para o crescimento pessoal e expressão para o adolescente (Ainsworth, 1969; Bowlby, 1969). Todavia, isto nem sempre ocorre, e o ambiente familiar pode tornar-se um lugar aterrorizante, onde se encontra presente o ódio e o desespero face aos episódios sucessivos de violência que despoletam sentimentos de insegurança, tristeza e medo, nos filhos (Almeida, Gonçalves, & Sani, 2010; Lourenço, Salgado, Amaral, Gomes, & Senra 2011; Minuchin, 1990).

Violência interparental

A exposição à violência interparental consiste numa “forma indireta de vitimação caracterizada pelo testemunho por parte da criança ou jovem da violência e/ou conflito interparental, muitas vezes, associado ao risco aumentado de vitimação direta por parte do cônjuge agressor perante eventual tentativa da criança ou jovem em colocar um fim na situação violenta instalada. Esta forma de vitimação indireta causa mal-estar físico, psicológico, emocional, comportamental e relacional equiparável ao impacto provocado pela experiência direta de maus tratos” (APAV, 2011, p. 17). Este tipo de violência ocorre entre os

progenitores da criança ou adolescente, podendo estes estar ou não casados (McIntosh, 2002; Sani, 2006; WHO, 2002). Pode ainda referir-se a percepção do adolescente acerca dos atos dirigidos entre os seus progenitores (de mãe para pai ou de pai para mãe) e o impacto da exposição da violência nos filhos (Cunningham & Baker, 2004). A violência que ocorre em ambiente familiar, nomeadamente, a Agressão Psicológica e emocional exercida por um membro da família face ao outro, tem vindo a merecer uma maior atenção, todavia ainda são escassos os estudos acerca do impacto da violência interparental nos filhos (Kashani & Allan, 1998). A exposição do menor à violência entre as figuras parentais é uma forma de vitimação infantil (Cunningham & Baker, 2007; Edleson, Shin, & Armendariz, 2008; Lourenço, Baptista, Senra, Almeida, Basílio, & Bhona, 2013; Maldonado & Williams, 2005; Sani, 2006; 2008), sendo os filhos considerados vítimas “escondidas”, “silenciosas”, “esquecidas”, “desconhecidas”, visto que o principal foco da violência se prende no casal, sendo descartadas as consequências que esta pode despoletar nos filhos (e.g., Coutinho & Sani, 2008; Durand, Schraiber, França-Junior, & Barros, 2011; Ghazarian & Buehler, 2010; Izaguirre & Calvete, 2015; McDonald, Jouriles, Tart, & Minze, 2009; McIntosh, 2003; Sani, 1999, 2006, 2011). O mau trato emocional consiste na incapacidade de se proporcionar ao filho um ambiente familiar harmonioso, tranquilo, onde predomine o bem-estar emocional e afetivo (Canha, 2008).

Em Portugal, os estudos na área do impacto nas testemunhas da violência interparental ainda são escassos. Deste modo, o número de indivíduos expostos tem sido estimado de acordo com as estatísticas da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), dados das polícias ou investigações recentes. Num estudo de Lourenço e Lisboa (1992), verificou-se que 61% (205 menores de escolas oficiais) alegaram ter presenciado o pai a praticar agressão física contra a mãe. Os estudos acerca da temática de vitimação infantil apresentam limitações, visto que geralmente são apoiados em relatos dos progenitores ou de figuras que

interagem com o menor, neste sentido a informação difundida pode ser deturpada (Sani, 2004). Litrownick (2003), na sua investigação constatou que um em cada dois menores afirmou ouvir as discussões entre os progenitores, e um em cada três mencionou testemunhar agressão física por parte dos pais. De acordo com o IV Plano Nacional Contra a Violência Doméstica (2011/2013), da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género tendo em conta o relatório intercalar de execução de 2012, as vítimas deste tipo de violência são especificamente mães. Em 2011, aproximadamente 42% das ocorrências de violência domésticas participadas foram testemunhadas pelos filhos. Esta iniciativa contribui para a consciencialização das repercussões nos menores expostos à violência interparental. Em Portugal, o Relatório Anual de Segurança Interna (RASI), de 2016, refere que em 34,9% das participações de violência doméstica se verificou a exposição de menores.

Estilos parentais

O estilo parental refere-se ao paradigma de comportamento dos pais, expressado num ambiente emocional através de um conjunto de atitudes, que integram as práticas parentais e alguns aspetos da interação progenitores-filhos, nomeadamente, as alterações de humor, a linguagem corporal, o tom de voz, entre outros, (Darling & Steinberg, 1993; Patias, Siqueira, & Dias, 2013), relevante no processo de educação (Baurmind,1966). Distinguem-se três estilos parentais: o democrático, o autoritário e o permissivo, baseados nas dimensões de responsividade e exigência (e.g., Baumrind, 1966, 1971; Maccoby & Martin, 1983). A responsividade diz respeito às qualidades parentais afetivas, como aceitação e envolvimento. Já a exigência reflete um comportamento de controlo dos pais sobre o comportamento dos filhos (Stattin & Kerr, 2000).

No estilo democrático, os níveis de responsividade e existência são altos (Weber, Prado, Viezzer, & Brandenburg, 2004),ou seja, os pais exercem um controlo firme mas racional; valorizam tanto a obediência como a autonomia, não impõem restrições excessivas

nem recorrem às práticas punitivas exacerbadas (Brás, 2008; Santos et al., 2013). A comunicação e o afeto encontram-se presentes na interação estabelecida entre eles (Baumrind 1971; Brás, 2008; Weber et al., 2004). Este estilo é pautado por uma maior assertividade, maturidade e responsabilidade social (Baumrind 1971; Weber et al., 2004; Weber et al. 2006; Santos, et al., 2013). **O estilo autoritário** traduz-se pela conexão de níveis elevados de exigência/controlo, reduzida responsividade (Baumrind, 1966; Baumrind, 1971; Chao, 2001; Park & Bauer, 2002) e apoio emocional limitado (Chao, 2001; Park & Bauer, 2002). Os progenitores apresentam-se rígidos e autocráticos. Optam por impor regras restritas a qualquer participação da criança ou adolescente (Baumrind, 1966; Cecconello, Antonio, & Koller, 2003; Weber et al., 2004; Weber et al., 2006; Martinez et al., 2013; Santos et al., 2013), recorrendo à punição quando uma regra é infringida (Baumrind, 1966; Weber et al., 2004; Weber et al., 2006). Neste tipo de estilo prevalece a obediência, exigência pela ordem e autoridade das figuras parentais, assim como a desvalorização do diálogo e de autonomia. Estas atitudes podem despoletar problemas de ajustamento social e diminuição da autoconfiança, insegurança e comportamentos agressivos (Baumrind, 1966, 1971; Weber et al., 2004; Martinez et al., 2013; López, Calvo, & Menéndez, 2008; Weber et al., 2006). Os progenitores que adotam um estilo parental autoritário tendem a exercer violência física contra os adolescentes como maneira de os disciplinar (Cecconello, Antonio, & Koller 2003; Vasconcelos & Souza, 2006). Em contrapartida, **o estilo permissivo** caracteriza-se pela escassez ou inexistência de regras. Os pais não exercem qualquer tipo de controlo nem obediência (Brás, 2008; Patias et al., 2013; Santos et al., 2013; Weber et al., 2004; Weber et al., 2006), nem intervêm no desenvolvimento do adolescente, extinguindo as estratégias de punição encaradas como nocivas (Baumrind, 1996). Quando pretendem a realização de alguma tarefa por parte da criança, tentam através da utilização de explicações ou da manipulação (Brás, 2008; Weber et al., 2004; Weber et al., 2006). Estes progenitores não

podem ser vistos como um agente ativo da alteração de comportamentos dos filhos, mas sim como um recurso que estes podem usar. Aqui a violência ocorre quando os pais permissivos perdem o controlo sobre a situação (Brás, 2008). Os filhos destes progenitores desenvolvem menos competências sociais, são mais imaturos e pouco autónomos, podendo originar problemas de comportamento na adolescência, como por exemplo, o uso de substâncias ilícitas (Rodrigues, 2008; Santos et al., 2013).

Os estilos parentais encontram-se relacionados com as diversas áreas do desenvolvimento das crianças e adolescentes (Moreno, 2004; Rodrigues, 2008). De acordo com a literatura, o estilo democrático é considerado um fator facilitador para a promoção da interação social, da saúde mental positiva e um fator de proteção para o desenvolvimento psicossocial (Moreno, 2004), contribuindo positivamente para o bem-estar psicossocial do adolescente (Baumrind, 1971; Clemence, 2007; Lamborn, Mounts, Steinberg, & Dornbusch, 1991; Milevsky, Schlechter, Netter, & Keehn, 2007; Spera, 2005; Steinberg, Lamborn, Darling, Mounts, & Dornbusch, 1994; Steinberg, 2001). Diversos estudos verificaram aspetos relevantes para o desenvolvimento infantil, nomeadamente, melhor desempenho escolar, ajustamento emocional, diminuição de perturbações de comportamento e menos criminalidade (e.g., Lamborn et al., 1991; McKinney & Renk, 2008; Simons & Conger, 2007), elevada autoestima e satisfação com a vida (e.g., Milevsky, Schlechter, Netter, & Keehn's, 2007) melhores competências sociais e relacionamentos interpessoais (Lieberman, Doyle, & Markiewicz, 1999).

A parentalidade é fulcral no bem-estar dos filhos (e.g., Winsler, Madigan, & Aquilino, 2005). A literatura aponta para divergências entre os estilos parentais paternos e maternos, sendo que, geralmente, a figura materna adota um estilo democrático (e.g., Russell, Aloa, Feder, Glover, Miller e Palmer, 1998; Russel, Hart, Robinson, & Olsen, 2003; Winsler et al., 2005), manifestando maiores níveis de afetividade, apoio e relações de proximidade com os

filhos. O estilo autoritário é, maioritariamente, utilizado pelo pai (McKinney & Renk, 2008; Simons & Conger, 2007), recorrendo à punição para resolver conflitos e imposição rígida de valores e regras (Kaufmann et al., 2000; Webber, Viezzer, & Brandenburg, 2003).

É importante salientar que o modo como os pais educam os seus filhos pode ser influenciado pelo número de elementos da fratria (Fox, Platz, & Bentley, 1995) e pelas experiências parentais com o filho primogénito (Brody, 2004). Com o aumento de elementos na família, os recursos parentais passam a ser partilhados por todos os filhos (Downey, 2001) e, desta, forma, o nascimento de um irmão, se por um lado pode ser vantajoso na medida que contribui para a promoção do desenvolvimento socioemocional do primogénito (Dessen, 1997), por outro, pode ser visto como uma desvantagem, uma vez que a atenção dos pais passa a ser partilhada com ambos os elementos da fratria (Dessen, 1997; Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004) levando a demonstrações de ciúmes e comportamentos agressivos por parte do filho mais velho (Griffin & de la Torre, 1985). No estudo de estudo de Rosenberg e Hyde (1993) com intuito de estudar a influência dos filhos (com e sem irmãos) nas práticas das figuras parentais, constatou-se que não existe diferenças significativas em relação ao incutir do desenvolvimento de independência, empreendedorismo e superproteção. Porém, os progenitores apresentavam valores mais elevados no controlo autoritário e superproteção nos filhos únicos do que nos filhos mais velhos. Embora não se tenham revelado diferenças significativas, a tendência em estimular a autonomia nos filhos é maior nos primogénitos do que nos filhos únicos, sendo que nos filhos únicos a tendência para exercer controlo é maior. A partilha de atenção dos progenitores em relação aos filhos parece estar relacionada com o número de elementos da fratria e a ordem de nascimento (Fernandes, 2000; Freitas & Picinni, 2010). Ser filho único implica ter concentração total de atenção e cuidado parental (Jiao, Ji, & Jing, 1986), tornando-se benéfico não ter irmãos (Rivera & Carrasquillo, 1997). Outra vantagem, os filhos únicos apresentam mais autoestima do que quando se tem irmãos, uma

vez que são reforçados positivamente pelos pais, bem como, a tendência para aprender de forma veloz a linguagem e os comportamentos adultos (Fernandes, 2000; Rivera & Carrasquillo, 1997).

O exercício da parentalidade em contexto de violência interpaparental

Viver num contexto familiar com a presença constante de violência e hostilidade torna-se substancialmente debilitante para a vítima, na maioria dos casos a mulher, acarretando implicações a nível físico e psicológico e do exercício da parentalidade, na medida que afeta o seu reconhecimento como mulher e como mãe (Holden, Stein, Ritchie, Harris, & Jouriles, 1998; Levendosky, Huth-Bocks, Shapiro, & Semel, 2003; Sani, 2008). O stress que advém dos episódios de violência interfere no processo de educação da figura materna (e. g. Levendosky, Lynch, & Graham-Bermann, 2000), tornando-se imprevisível, menos responsiva, negligente ou utilizar estratégias agressivas, nomeadamente, ameaça, coação ou abuso físico (Canha, 2008; Dias, 2004; Dubowitz et al., 2001; Magen, Conroy, Hess, Panciera, & Simon, 2001; Monteiro, 2000) e atribuição excessiva de responsabilidade (Kashani & Allan, 1998). A utilização de um estilo autoritário por parte dos progenitores acarreta inúmeras implicações negativas, para além de aumentar a probabilidade de ocorrência de perpetração e de vitimação nas relações futuras (Almeida, Gonçalves, & Sani, 2010; Ceconello, De Antoni, & Koller, 2003).

As mulheres como vítimas de violência conjugal experienciam baixa autoestima, Ansiedade, Depressão, sentimentos de impotência e culpa (Sudermann e Jaffe, 1999), que vão dificultar a sua capacidade face ao processo de educação dos filhos, demonstrando incapacidade para proteger e assegurar as necessidades destes (Sani, 2008). Levendosky e colaboradores (2003) com intuito de examinar o papel mediador da relação mãe-criança no funcionamento de 103 crianças com experiência de violência interpaparental, verificaram que as

mulheres vítimas apresentavam-se deprimidas e, por sua vez, a eficácia parental era reduzida e uma vinculação de insegurança com os filhos.

Graham-Bermann e Levendosky (1998), no seu estudo comparativo com crianças de idade pré-escolar, filhas de mulheres agredidas e não agredidas, constataram que as mulheres vítimas de violência recorriam maioritariamente a estratégias de punição. Contudo, existem autores que alegam que as mães agredidas propiciam mais afetividade e suporte como forma de compensar os filhos como as mães que não experienciam violência (Holden, Stein, Ritchie, Harris, & Jouriles, 1998). Também o estudo de McCloskey, Figueredo e Koss (1995) vêm corroborar que nas famílias violentas o apoio facultado aos filhos é menor quando comparado com as famílias não violentas. Quando ocorre suporte nas famílias violentas, as consequências negativas para os filhos são minimizadas.

Assim, e face ao exposto, o presente estudo tem como propósito estudar o impacto da violência interparental nos estilos parentais, tendo em consideração a perspetiva dos adolescentes. Desta forma, a presente investigação apresenta como objetivos, (a) verificar de que forma a violência psicológica entre os pais se correlacionam com os estilos parentais percebidos pelos adolescentes; (b) analisar as diferenças das táticas de resolução de conflito e dos estilos parentais em função de variáveis sociodemográficas, nomeadamente, do sexo, da idade e do número de elementos na fratria e (c) analisar em que medida a Agressão Psicológica entre as figuras parentais e o sexo pode exercer um efeito preditor nos estilos parentais.

Método

A presente investigação traduz-se num estudo quantitativo, uma vez que é fundamentada em dados de natureza numérica, referentes aos instrumentos de autorrelato, e correlacional pois permite determinar as relações existentes entre as variáveis, não existindo manipulação de variáveis independentes. Apresenta, ainda, um carácter transversal, visto que

os dados foram recolhidos num único momento e subsequentemente, analisados através de procedimentos estatísticos.

O método de estudo rege-se por um paradigma ético e deontológico que asseguram as questões de privacidade, confidencialidade e anonimato (Freixo, 2011).

Participantes

A amostra do estudo é constituída por 1095 indivíduos (625 do sexo feminino – 57.1% e 470 do sexo masculino – 42.9%) com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos de idade ($M=15.67$; $DP=1.28$). A escolaridade dos participantes deste estudo abrange o 3º ciclo (9º ano) e o ensino secundário (10º, 11º e 12º ano), sendo que 269 (24.6%) se encontram no 9º ano, 254 (23.2%) frequentam o 10º ano, 284 (25.9%) estudam no 11º ano e 288 (26.3%) estão no 12º ano. No que concerne ao número de elementos da fratria, 224 (20.5%) são filhos únicos, 690 (63%) têm um irmão, 151 (13.8%) têm dois irmãos e 30 (2.7%) têm três irmãos.

Procedimento

Primeiramente, a investigação cingiu-se à seleção das variáveis e da amostra a estudar, sendo preponderante a pesquisa bibliográfica realizada a partir de livros e artigos científicos retraídos das bases de dados da *b-on*, Google académico, EBSCO, e repositórios das Universidades. Posteriormente, selecionaram-se os instrumentos de avaliação aferidos e validados para a população portuguesa, sendo ajustados conforme as variáveis em estudo. De seguida, procedeu-se ao pedido de autorização dos instrumentos aos respetivos aos autores. Após o parecer positivo, sucedeu-se à elaboração do protocolo constituído pelo questionário sociodemográfico e os questionários de autorrelato.

A recolha dos dados foi realizada a adolescentes com idades compreendidas entre os 14 e 18 anos de idade que frequentavam as escolas básicas e secundárias da região Norte do país e Trás-os-Montes. Inicialmente, o protocolo foi submetido à Comissão de Ética da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro com o intuito de solicitar o devido parecer e

elucidar os aspetos acerca da investigação, como, a pertinência, estrutura e objetivos. Após a obtenção da autorização institucional procedeu-se à entrega do pedido de consentimento aos encarregados de educação dos adolescentes.

A administração do respetivo protocolo ocorreu em contexto sala de aula, com a presença da investigadora para enunciar as instruções imprescindíveis no preenchimento dos questionários, sendo explicado os objetivos gerais do estudo, bem como a garantia dos pressupostos da participação voluntária, privacidade, confidencialidade e anonimato das respostas fornecidas. Os adolescentes necessitavam de cerca de 30 minutos para o preenchimento do protocolo.

Instrumentos

Um **Questionário de dados sociodemográficos** que foi elaborado para contemplar questões relativas às dimensões sociodemográficas dos participantes e dos seus progenitores, nomeadamente, sexo, idade, escolaridade, e questões relacionadas somente com o adolescente, tais como: número de irmãos, relacionamentos com os pares e as atividades extracurriculares.

As ***Revised Conflict Tactics Scale - Parent-to-Parent Version (CTS2 - CA*** - Straus, Hamby, Finkelhor, Boney-McCoy, e Sugarman, 1995; traduzido por Relva e Fernandes, 2013). Trata-se de um instrumento que permite avaliar a ocorrência de violência entre os pais, na perspetiva dos participantes, nomeadamente, os filhos. Esta versão das CTS2-CA é constituída por 4 escalas: **negociação, Agressão Psicológica, agressão física sem sequelas e agressão física com sequelas**. As CTS2-CA são constituídas por 62 itens nos quais 31 itens se cingem a avaliar as estratégias de resolução de conflitos paternos e 31 que são relativos as estratégias de resolução de conflitos maternos. O indivíduo terá de responder às questões tendo em conta o comportamento dos progenitores em contexto de conflito/interação. Este instrumento pretende avaliar as táticas de resolução de conflito convencionais, como por

exemplo a negociação, assim como comportamentos coercivos e censurados a nível social. As CTS2-CA apresentam uma escala de resposta de *Likert* que oscila entre 0 (“nunca”) e 4 (“muitas vezes”). Neste estudo utilizou-se apenas a dimensão Agressão Psicológica para a figura paterna e para a figura materna, abrangendo questões como “*a minha mãe/o meu pai insultou ou disse palavras contra o meu pai/minha mãe*”.

Através da análise da consistência interna à dimensão *Agressão Psicológica*, registaram-se valores de *alpha* de Cronbach de .67 para o pai e .65 para a mãe referente à totalidade do instrumento. As análises fatoriais confirmatórias apresentam valores adequados para o ajustamento do modelo quer para o pai, $\chi^2(12) = 35,099$ *Ratio* = 2.925, $p = .000$, com CFI = .977; SRMR = .004; RMSEA = .042, quer para a mãe, $\chi^2(13) = 38.477$ *Ratio* = 2.960, $p = .000$, com CFI = .971; SRMR = .004; RMSEA = .042.

O *Styles & Dimensions Questionnaire: Short Version (PSDQ)* traduzido para a população portuguesa por Nunes e Mota (2013) a partir da versão original de Robinson, Mandleco, Olsen e Hart (1996) foi utilizado com o intuito de avaliar a perceção que os adolescentes apresentam face aos estilos parentais das figuras cuidadoras. Trata-se de uma escala de autorrelato constituída por 32 itens que estabelecem uma versão para o “Pai” e outra para a “Mãe” nas quais as respostas se apresentam numa escala tipo *Likert* que varia entre 1 (“nunca”) e 5 (“sempre”). Este questionário é constituído por três dimensões, na medida em que avalia os estilos parentais propostos pelo modelo conceptual de Baumrind: democrático, autoritário e permissivo. O *Estilo Democrático (ED)* inclui 3 subescalas: **Apoio e Afeto**, **Regulação**, e **Cedência de Autonomia/Participação Democrática**; o *Estilo Autoritário (EA)* inclui também 3 subescalas: **Coerção Física**, **Hostilidade Verbal** e **Punição**; e o *Estilo Permissivo (EP)* é constituído apenas por uma subescala, a **Indulgência**.

Neste estudo, foram apenas utilizados dois estilos parentais: o estilo democrático e o estilo autoritário. O primeiro estilo é constituído por três subescalas: **Apoio e Afeto** (5 itens)

que integra questões como: “*os meus pais são sensíveis aos meus sentimentos e necessidades*”; **Regulação** (5 itens) com questões como “*os meus pais realçam os motivos das regras que implementam*” e **Cedência de Autonomia/Participação Democrática** (5 itens) que englobam questões como “*os meus pais têm em conta as minhas preferências*”. Relativamente ao segundo, será apenas abordado a subescala relativa à **Coerção Física** (4 itens) em que apresenta questões como “*os meus pais batem-me quando sou desobediente*”. A análise de consistência interna apresentou um valor de .88 para a mãe e de .90 para o pai referente à totalidade do instrumento. No que respeita à dimensão *estilo democrático*, na análise da consistência interna obtiveram-se valores de *alpha* de Cronbach: AA = .82/.84; Reg = .82/.84 e CAP = .80/.83 para a mãe e para o pai, respetivamente. Quanto ao *estilo autoritário*, registaram-se valores de *alpha* de Cronbach: CF = .69/.70 para a mãe e para o pai, respetivamente. As análises fatoriais confirmatórias apresentam valores adequados para o ajustamento do modelo quer para o pai, $\chi^2(11) = 28.680$ *Ratio* = 2.607, $p = .003$, com CFI = .996; SRMR = .012; RMSEA = .038, quer para a mãe, $\chi^2(12) = 47.139$ *Ratio* = 3.928, $p = .000$, com CFI = .991; SRMR = .014; RMSEA = .052,

Análises estatísticas

O tratamento dos dados foi realizado com recurso a dois programas estatísticos distintos, especificamente, o *SPSS - Statistical Package for the Social Sciences – IBM SPSS*, versão 20.0 para o sistema *Windows* e o *Amos* que se destina a testar as propriedades psicométricas dos instrumentos do estudo a partir da realização de Análises Confirmatórias de 1ª ordem.

Inicialmente, procedeu-se à limpeza da amostra com intuito de eliminar os questionários incompletos e/ou respondidos de forma aleatória. Neste sentido, sucedeu-se à identificação e exclusão dos *missings* e *outliers* prejudiciais para a investigação, realizado

através da determinação dos valores de *Zscores* e análise da distância de *Mahalanobis*. Este procedimento implicou a exclusão de indivíduos do estudo. De seguida, testou-se a normalidade da amostra tendo como suporte o processo de inferência estatística da distribuição normal ou de *Gauss*. Para tal efetivou-se o cálculo dos valores de *skeweness* (assimetria) e *kurtosis* (achatamento) assegurando-se a normalidade sempre que os valores se encontrassem compreendidos no intervalo da sua unidade (-1 e 1) (Marôco, 2007). Também, se realizou o teste *Kolmogorov-Smirnov*, gráficos de Histogramas, *Q-Q Plots*, *Scatterplots* e *Boxplots* (Marôco, 2007). Tendo em conta os valores calculados, constatou-se que a amostra integrava os critérios de inclusão da normalidade, sendo possível realizar a análise estatística através de testes paramétricos. Marôco (2007) alega que em amostras consideradas grandes (superiores a 30), a distribuição da média amostral, geralmente, segue uma distribuição normal. Neste sentido, o presente estudo tornou-se suscetível de recorrer aos testes paramétricos.

No sentido de dar resposta aos objetivos traçados para a presente investigação procedeu-se à realização de diversas análises estatísticas, tendo em consideração para a interpretação, os valores de significância de $p < .05$. Assim, recorreu-se a análises correlacionais de Pearson, no qual se apresentaram como positivas ou negativas, com grau baixo, moderado ou forte, análises de *testes t* e de variância multivariadas (MANOVAS) e univariadas (ANOVA). É de frisar que nas análises multivariadas (Manovas), foi analisado o efeito de cada fator (Eta Parcial) sendo que o valor de $= .01$ corresponde a um efeito pequeno, valores de $= .06$ representam um efeito moderado e valores de $= .14$ revelam um efeito grande (Cohen, 1988). Posteriormente, foram analisados os valores de correlação de Pearson intraescalares. Cohen determinou que as correlações que oscilam entre $.10$ e $.29$ são consideradas como pequenas; entre $.30$ e $.49$ são médias e $.50$ e 1.0 são elevadas. Procedeu-

se ainda, à realização de regressões múltiplas hierárquicas com intuito de aferir a presença de um efeito preditor entre as variáveis em estudo.

Resultados

Análises inferenciais

Associações entre Agressão Psicológica e estilos parentais

Ao analisar as dimensões das táticas de resolução de conflitos e dos estilos parentais foi possível evidenciar correlações significativas. A dimensão **Agressão Psicológica contra o pai** apresenta uma correlação significativa positiva de magnitude baixa com a **Coerção Física da mãe** ($r = .078; p \leq .01$). Por sua vez, registaram-se correlações significativas negativas de magnitude baixa nas dimensões **Apoio e Afeto** (pai $r = -.187; p \leq .01$; mãe $r = -.143; p \leq .01$); **Regulação** (pai $r = -.180; p \leq .01$; mãe $r = -.157; p \leq .01$); **Cedência de Autonomia/Participação Democrática** (pai $r = -.163; p \leq .01$; mãe $r = -.135; p \leq .01$). No que se refere à dimensão **Agressão Psicológica contra a mãe**, verificaram-se correlações significativas negativas de magnitude baixa nas dimensões **Apoio e Afeto** (pai $r = -.176; p \leq .01$; mãe $r = -.163; p \leq .01$); **Regulação** (pai $r = -.176; p \leq .01$; mãe $r = -.173; p \leq .01$); **Cedência de Autonomia/Participação Democrática** (pai $r = -.149; p \leq .01$; mãe $r = -.144; p \leq .01$). Para além disto, constatou-se uma correlação significativa positiva de magnitude baixa na dimensão **Coerção Física mãe** ($r = .084; p \leq .01$).

Tabela 1. Correlações entre táticas de resolução de conflito e estilos parentais, média e desvio padrão (N=1095)

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Táticas De resolução de conflito										
1. Agressão Psicológica pai	-									
2. Agressão Psicológica mãe	.928**	-								
Estilos parentais pai										
3. Apoio e afeto	-.187**	-.176**	-							
4. Regulação	-.180**	-.176**	.760**	-						
5. Cedência de autonomia/participação	-.163**	-.149**	.755**	.692**	-					
6. Coerção física	.047	.050	-.095**	-.052	-.142**	-				
Estilos parentais mãe										
7. Apoio e afeto	-.143**	-.163**	.799**	-.639**	.663**	-.170**	-			
8. Regulação	-.157**	-.173**	.659**	.919**	.616**	-.083**	.700**	-		
9. Cedência de autonomia/participação	-.135**	-.144**	.644**	.616**	.914**	-.160**	.727**	.661**	-	
10. Coerção física	.078	.084**	-.068*	-.034	-.121**	.861**	-.153**	-.054	-.149**	-
M	.21	.21	3.80	3.62	3.65	1.26	4.10	3.77	3.77	1.30
DP	.28	.28	.94	.96	.92	.46	.83	.90	.86	.49

* $p < .05$; ** $p < .01$

Análises diferenciais

Variância da Agressão Psicológica e estilos parentais em função do sexo

Para testar as diferenças nas variáveis **Agressão Psicológica** e **estilos parentais** em função do **sexo** recorreu-se à realização do teste *t*. No que se refere à análise de diferenças da variável **Agressão Psicológica** face ao **sexo**, não se observaram diferenças estatísticas

significativas quer para o **pai** [$t(1093) = -1.266; p = .206$], com IC 95% [-.06, .01] quer para a **mãe** [$t(1093) = -.875; p = .382$], com IC 95% [-.05, .02].

No que concerne à percepção dos filhos, em função do **sexo**, sobre os **estilos parentais do pai**, os resultados obtidos apontaram para diferenças estatisticamente significativas nas dimensões: **Apoio e Afeto** [$t(1093) = -2.014; p = .044$], com IC 95% [-.00, -.23], no qual o sexo feminino ($M = 3.85; DP = .96$) apresenta valores superiores comparativamente com o sexo masculino ($M = 3.74; DP = .90$); **Cedência de Autonomia/Participação Democrática** [$t(1093) = -3.674; p = .000$], com IC 95% [-.10, -.32], onde o sexo feminino ($M = 3.73; DP = .93$) aponta valores mais elevados do que o sexo masculino ($M = 3.53; DP = .90$); e **Coerção Física** [$t(789) = 6.715; p = .000$], com IC 95% [.14, .25], em que o sexo masculino apresenta maiores níveis ($M = 1.38; DP = .54$) relativamente ao sexo feminino ($M = 1.18; DP = .38$). Relativamente, à dimensão **Regulação** não se verificaram diferenças significativas [$t(1059) = -.064; p = .949$], com IC 95% [-.12, .11].

No que respeita à percepção dos adolescentes, em função do **sexo**, sobre os **estilos parentais da mãe**, os resultados revelam diferenças estatisticamente significativas nas seguintes dimensões: **Apoio e Afeto** [$t(1093) = -4.532; p = .000$], com IC 95% [-.13, -.33], onde o sexo feminino ($M = 4.20; DP = .81$) apresenta valores superiores ao sexo masculino ($M = 3.97; DP = .84$); **Cedência de Autonomia/Participação Democrática** [$t(1093) = -4.876; p = .000$], com IC 95% [-.15, -.36], que o sexo feminino ($M = 3.88; DP = .85$) apresenta valores mais elevados do que o sexo masculino ($M = 3.62; DP = .86$); e na **Coerção Física** [$t(793) = 6.068; p = .000$], com IC 95% [.13, .25], no qual os sujeitos do sexo masculino ($M = 1.40; DP = .57$) apontam níveis superiores comparativamente aos indivíduos do sexo feminino ($M = 1.22; DP = .40$). Todavia na dimensão **Regulação** não se observa diferenças estatísticas significativas [$t(1093) = -.908; p = .364$], com IC 95% [-.16, .06].

Tabela 2. Análise diferencial das táticas de resolução de conflito e estilos parentais em função do sexo

Dimensões	1.Sexo Masculino (n= 470)M±DP	2.Sexo Feminino (n= 625) M±DP	IC 95%	Direção das diferenças Significativas
Táticas de resolução de conflito				
Agressão Psicológica pai	.20 ±.28	.22±.29	[-.06,.01]	n.s.
Agressão Psicológica mãe	.20 ±.27	.22±.28	[-.05,.02]	n.s.
Estilos parentais do pai				
Apoio e Afeto	3.74±.90	3.85±.96	[-.00,-.23]	1<2
Regulação	3.62±.90	3.63±1.00	[-.12,.11]	n.s.
Cedência de	3.53±.90	3.73±.93	[-.10,-.32]	1<2
Estilos parentais da mãe				
Apoio e Afeto	3.97±.84	4.20±.81	[-.13,-.33]	1<2
Regulação	3.74±.87	3.79±.92	[-.16, .06]	n.s.
Cedência de	3.62±.86	3.88±.85	[-.15,- .36]	1<2
Autonomia/Participação				
Coerção Física	1.38±.54	1.18±.38	[.14,.25]	1>2
Estilos parentais da mãe				
Apoio e Afeto	3.97±.84	4.20±.81	[-.13,-.33]	1<2
Regulação	3.74±.87	3.79±.92	[-.16, .06]	n.s.
Cedência de	3.62±.86	3.88±.85	[-.15,- .36]	1<2
Autonomia/Participação				
Coerção Física	1.40±.57	1.22±.40	[.13, .25]	1>2

Nota: n.s. – não significativo

Variância das táticas de resolução de conflito entre os pais e estilos parentais em função da idade

Para verificar as diferenças das variáveis **táticas de resolução de conflito** e **estilos parentais** em função da variável **idade**, procedeu-se à realização de análises de variância multivariada (MANOVAS). Neste sentido, foram criados dois grupos de idade (14 e 15 anos e dos 16 aos 18 anos).

No que concerne à variável **tática de resolução de conflito** em função da **idade** verificaram-se diferenças estatísticas significativas [$F(2,1092) = 4.504$; $p = .011$; $\eta^2 = .008$]. Através das análises univariadas evidenciaram-se diferenças estatísticas significativas na

dimensão **Agressão Psicológica** quer para o pai [$F(1,1093) = 7.459; p = .006; \eta^2 = .007$], quer para a mãe [$F(1,1093) = 8.998; p = .003; \eta^2 = .008$], sendo que os adolescentes do grupo com idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos ($M = .23; DP = .29$) observam níveis superiores de **Agressão Psicológica da progenitora contra o progenitor** comparativamente com o grupo de idades de 14 e 15 anos ($M = .19; DP = .27$). Também, o grupo de idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos ($M = .24; DP = .29$) testemunham níveis mais elevados de **Agressão Psicológica do progenitor contra a progenitora** em comparação com o grupo de idades de 14 e 15 anos ($M = .19; DP = .26$).

No que respeita à análise diferencial da variável **estilos parentais** em função da **idade**, os resultados revelaram diferenciação estatística significativa $F(8,1086) = 5.431; p = .000; \eta^2 = .038$. De acordo com as análises univariadas foi possível verificar diferenças estatísticas significativas relativas aos estilos parentais para o pai nas seguintes dimensões: **Apoio e Afeto** [$F(1,1093) = 21.314; p = .000; \eta^2 = .019$]; onde os adolescentes do grupo de idades com 14 e 15 anos ($M = 3.95; DP = .90$) apresentam média superior aos adolescentes do grupo de idades compreendidas entre 16 e 18 anos ($M = 3.69; DP = .96$); **Regulação** [$F(1,1093) = 18.317; p = .000; \eta^2 = .016$], no qual os sujeitos do grupo de idades 14 e 15 anos evidenciam maiores níveis de Regulação ($M = 3.76; DP = .91$) comparativamente aos sujeitos do grupo de idades dos 16 aos 18 anos ($M = 3.51; DP = .99$); **Cedência e Autonomia/Participação Democrática** [$F(1,1093) = 11.117; p = .001; \eta^2 = .010$], em que os indivíduos do grupo de idades 14 e 15 anos ($M = 3.75; DP = .89$) manifestam valores superiores relativamente aos indivíduos do grupo de idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos ($M = 3.56; DP = .94$); **Coerção Física** [$F(1,1093) = 6.481; p = .011; \eta^2 = .006$], no qual os adolescentes do grupo de idade 14 e 15 anos ($M = 1.30; DP = .49$) apresentam médias superiores em comparação com os adolescentes do grupo de idades compreendidas entre 16 aos 18 anos ($M = 1.23; DP = .44$). Quanto aos **estilos parentais** referentes à mãe evidenciaram-se também diferenciação

estatística significativas nas dimensões estudadas. Destacaram-se as dimensões: **Apoio e Afeto** [$F(1,1093) = 20.443$; $p = .000$; $\eta^2 = .018$]; onde os adolescentes do grupo de idades com 14 e 15 anos ($M = 4.22$; $DP = .78$) apresentam média superior aos adolescentes do grupo de idades compreendidas entre 16 e 18 anos ($M = 3.99$; $DP = .85$); **Regulação** [$F(1,1093) = 21.646$; $p = .000$; $\eta^2 = .019$], no qual os sujeitos do grupo de idades 14 e 15 anos evidenciam maiores níveis de Regulação ($M = 3.91$; $DP = .84$) comparativamente aos sujeitos do grupo de idades dos 16 aos 18 anos ($M = 3.66$; $DP = .93$); **Cedência e Autonomia/Participação Democrática** [$F(1,1093) = 12.878$; $p = .000$; $\eta^2 = .012$], em que os indivíduos do grupo de idades 14 e 15 anos ($M = 3.87$; $DP = .84$) manifestam valores superiores relativamente aos indivíduos do grupo de idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos ($M = 3.68$; $DP = .87$); **Coerção Física** [$F(1,1093) = 10.927$; $p = .001$; $\eta^2 = .010$], no qual os adolescentes do grupo de idade 14 e 15 anos ($M = 1.35$; $DP = .52$) apresentam médias superiores em comparação com os adolescentes do grupo de idades compreendidas entre 16 aos 18 anos ($M = 1.25$; $DP = .45$).

Tabela 3. Análise diferencial das táticas de resolução de conflito entre os pais e estilos parentais em função da idade

Dimensões	1.Grupo de idades 14 e 15 anos	2.Grupo de idades 16 aos 18 Anos	IC 95%	Direção das diferenças Significativas
	(n= 498) M±DP	(n= 597) M±DP		
Táticas de resolução de conflito				
Agressão Psicológica pai	.19 ±.27	.23±.29	[19,.23]	1<2
Agressão Psicológica mãe	.19 ±.26	.24±.29	[.19,.23]	1<2
Estilos parentais do pai				
Apoio e Afeto	3.95±.89	3.69±.96	[3.76,3.87]	1>2
Regulação	3.76±.91	3.51±.99	[3.58,3.69]	1>2
Cedência de	3.75±.89	3.56±.94	[3.60,3.71]	1>2
Estilos parentais da mãe				
Apoio e Afeto	4.22±.78	3.99±.85	[4.06,4.16]	1>2
Regulação	3.91±.84	3.65±.93	[3.73, 3.83]	1>2
Cedência de	3.87±.84	3.68±.87	[3.73,.83]	1>2
Autonomia/Participação				
Coerção física	1.30±.49	1.23±.44	[1.24,1.30]	1>2
Coerção Física				
Apoio e Afeto	1.35±.52	1.25±.45	[1.27, 1.33]	1>2

Variância das táticas de resolução de conflito entre os pais e dos estilos parentais em função do tipo de fratria

De modo a analisar as diferenças das variáveis **táticas de resolução de conflito** e **estilos parentais** em função da variável **do tipo de fratria**, recorreu-se à realização de análises de variância multivariada (MANOVAS), sendo criados inicialmente dois grupos de fratria (filhos únicos e com irmãos).

No que se refere à **tática de resolução de conflito** em função do **tipo de fratria** não se verificou a presença de diferenças estatísticas significativas [$F(2,1092) = 2.606; p = .074; \eta^2 = .005$]. Nas análises univariadas foi possível constatar a presença de diferenças estatísticas

significativas na dimensão **Agressão Psicológica pai** [$F(1,1093) = 3.876; p = .049; \eta^2 = .004$], sendo que os adolescentes do grupo com irmãos testemunham mais violência contra o pai ($M = .22; DP = .29$) do que os filhos únicos ($M = .18; DP = .25$). No entanto, quanto à dimensão **Agressão Psicológica mãe** não se verificou diferenciação estatística significativa [$F(1,1093) = 1.994; p = .164; \eta^2 = .002$].

Relativamente aos **estilos parentais**, os resultados indicam diferenciação estatística significativa [$F(8,1086) = 2.144; p = .029; \eta^2 = .016$]. Ao recorrer às análises univariadas verificou-se que apenas a dimensão **Apoio e Afeto da mãe** apresentou diferenças estatísticas significativas [$F(1,1093) = 6.730; p = .010; \eta^2 = .006$], no qual os filhos únicos apresentam maior perceção de **Apoio e Afeto da mãe** ($M = 4.23; DP = .82$) do que os sujeitos com irmãos ($M = 4.07; DP = .83$). Os resultados auferidos nas restantes dimensões não revelam a presença de diferenças estatísticas significativas: **Apoio e Afeto do pai** [$F(1,1093) = 3.515; p = .061; \eta^2 = .003$], **Regulação do pai** [$F(1,1093) = .092; p = .762; \eta^2 = .000$] e **da mãe** [$F(1,1093) = 1.537; p = .215; \eta^2 = .001$] **Cedência e Autonomia/Participação Democrática do pai** [$F(1,1093) = 1.271; p = .260; \eta^2 = .001$] e **da mãe** [$F(1,1093) = 1.879; p = .171; \eta^2 = .002$] e **Coerção Física do pai** [$F(1,1093) = 2.069; p = .151; \eta^2 = .002$] e **da mãe** [$F(1,1093) = 2.630; p = .105; \eta^2 = .002$].

Tabela 4. *Análise diferencial das táticas de resolução de conflito entre os pais e estilos parentais em função do tipo de fratria*

Dimensões	Filhos únicos (n= 224) <i>M±DP</i>	Com irmãos/irmãs (n= 871) <i>M±DP</i>	<i>F</i>	<i>p</i>
Táticas de resolução de conflito				
Agressão Psicológica pai	.18±.25	.22±.29	3.876	.049
Agressão Psicológica mãe	.19 ±.26	.22±.28	1.994	.164
Estilos parentais do pai				
Apoio e Afeto	3.91±.95	3.78±.93	3.515	.061
Regulação	3.64±1.00	3.62±.95	.092	.762
Cedência de	3.70±.93	3.63±.92	1.271	.260
Autonomia/Participação				
Coerção Física	1.22±.45	1.27±.47	2.069	.151
Estilos parentais da mãe				
Apoio e Afeto	4.23±.82	4.07±.83	6.730	.010
Regulação	3.84±.93	3.75±.89	1.537	.215
Cedência de	3.84±.87	3.75±.86	1.879	.171
Autonomia/Participação				
Coerção Física	1.25±.50	1.31±.48	2.630	.105

Análises preditivas: Papel preditor do sexo e da Agressão Psicológica nos estilos parentais

Com o intuito de responder ao objetivo proposto efetuaram-se análises de regressões múltiplas hierárquicas, em que se definiu como variável dependente as dimensões dos estilos parentais referentes ao pai e à mãe, e como variável independente as dimensões das táticas de resolução de conflito. Neste sentido, realizaram-se análises de regressões lineares simples em detrimento de um método hierárquico. Para proceder à realização das análises de regressões múltiplas introduziram-se dois blocos, em que o **bloco 1** refere-se à variável sexo (*sexo_dummy*); e o **bloco 2** que se refere à Agressão Psicológica entre os pais. É de ressaltar

que a variável sexo foi recodificada como *dummy* (0 - masculino; 1- feminino), no sentido de verificar qual dos diferentes sexos melhor consegue explicar e prever as variáveis preditas.

No que respeita à dimensão **Apoio e Afeto pai**, o **bloco 1** apresentou um contributo significativo [F(1,1093) = 4.056; $p = .044$] e explica 0.4% da variância total ($R^2 = .004$) contribuindo de forma individual com 0.4% da variância total do modelo ($R^2 \text{ change} = .004$); o **bloco 2** apresentou um contributo significativo [F(3,1091) = 15.010; $p = .000$] e explica 4% da variância total ($R^2 = .040$) contribuindo de forma individual com 3.6% da variância para o modelo ($R^2 \text{ change} = .036$). A partir da análise individual do contributo de cada uma das variáveis independentes dos blocos, constata-se que apenas duas variáveis apresentam uma contribuição significativa ($p \leq .05$) enquanto predictoras do **apoio/afeto do pai**, no qual serão apresentadas por ordem de importância: **sexo feminino** ($\beta = .068$) e **Agressão Psicológica contra o pai** ($\beta = -.176$).

No que concerne à **dimensão Apoio e Afeto da mãe**, o **bloco 1** teve um contributo significativo [F(1,1093) = 20.539; $p = .000$] e explica 1.8% da variância total ($R^2 = .018$) contribuindo individualmente com 1.8% da variância para o modelo ($R^2 \text{ change} = .018$); o **bloco 2** teve um contributo significativo [F(3,1091) = 17.727; $p = .000$] e explica 4.6% da variância total ($R^2 = .046$) contribuindo de forma individual com 2.8% da variância para o modelo ($R^2 \text{ change} = .028$). Com a análise individual do contributo de cada uma das variáveis independentes dos blocos, verificou-se que apenas duas variáveis mostraram uma contribuição significativa ($p \leq .05$) enquanto predictoras de **Apoio e Afeto da mãe**, apresentadas por ordem de importância: **sexo feminino** ($\beta = .140$) e **Agressão Psicológica contra a mãe** ($\beta = -.209$).

Relativamente, à dimensão **Regulação do pai**, o **bloco 1** não contribuiu significativamente para o modelo [F(1,1093) = .004; $p = .950$]; e o **bloco 2** teve um contributo significativo [F(3,1091) = 12.451; $p = .000$] e explica 3.3% da variância total ($R^2 = .033$)

contribuindo de forma individual com 3.3% da variância para o modelo ($R^2_{change} = .033$). Mediante a análise individual do contributo de cada uma das variáveis independentes dos blocos, constatou-se que nenhuma das variáveis em estudo revelou uma contribuição significativa ($p \leq .05$) enquanto predictoras da **Regulação do pai**.

Quanto à dimensão **Regulação da mãe** o **bloco 1** não apresentou significância para o modelo [$F(1,1093) = .825$; $p = .364$]; o **bloco 2** apresentou um contributo significativo [$F(3,1091) = 11.671$; $p = .000$] e explica 3.1% da variância total ($R^2 = .031$) contribuindo de forma individual com 3% da variância para o modelo ($R^2_{change} = .030$). Mediante a análise individual do contributo de cada uma das variáveis independentes dos blocos, constatou-se que apenas uma das variáveis apontou para uma contribuição significativa ($p \leq .05$) enquanto preditora de **Regulação da mãe**, nomeadamente: **Agressão Psicológica contra a mãe** ($\beta = -.194$).

Em relação à dimensão **Cedência de Autonomia/Participação Democrática do pai**, o **bloco 1** apresentou um contributo significativo para o modelo [$F(1,1093) = 13.500$; $p = .000$] e explica 1.2% da variância total ($R^2 = .012$) contribuindo de forma individual com 1.2% da variância para o modelo ($R^2_{change} = .012$); o **bloco 2** apresentou um contributo significativo [$F(3,1091) = 15.323$; $p = .000$] e explica 4% da variância total ($R^2 = .040$) contribuindo de forma individual com 2.8% da variância para o modelo ($R^2_{change} = .028$). Através da análise individual do contributo de cada uma das variáveis independentes dos blocos, constatou-se que duas variáveis indicaram para uma contribuição significativa ($p \leq .05$) enquanto predictoras de **Cedência de Autonomia/Participação do pai**, apresentadas por ordem de importância: **sexo feminino** ($\beta = .117$) e **Agressão Psicológica contra o pai** ($\beta = -.192$).

No que concerne à **dimensão Cedência de Autonomia/Participação Democrática da mãe**, o **bloco 1** teve um contributo significativo [$F(1,1093) = 23.779$; $p = .000$] e explica

2.1% da variância total ($R^2 = .021$) contribuindo individualmente com 2.1% da variância para o modelo ($R^2 \text{ change} = .021$); o **bloco 2** teve um contributo significativo [$F(3,1091) = 16.403$; $p = .000$] e explica 4.3% da variância total ($R^2 = .043$) contribuindo de forma individual com 4.1% da variância para o modelo ($R^2 \text{ change} = .041$). Com a análise individual do contributo de cada uma das variáveis independentes dos blocos, verificou-se que somente uma variável mostrou uma contribuição significativa ($p \leq .05$) enquanto preditora de **Cedência de Autonomia/Participação Democrática da mãe**, nomeadamente: **sexo feminino** ($\beta = .150$).

No que respeita à **dimensão Coerção Física do pai**, o **bloco 1** teve um contributo significativo [$F(1,1093) = 49.853$; $p = .000$] e explica 4.4% da variância total ($R^2 = .044$) contribuindo individualmente com 4.4% da variância para o modelo ($R^2 \text{ change} = .044$); o **bloco 2** teve um contributo significativo [$F(3,1091) = 17.836$; $p = .000$] e explica 4.7% da variância total ($R^2 = .047$) contribuindo de forma individual com 0.3% da variância para o modelo ($R^2 \text{ change} = .003$). Com a análise individual do contributo de cada uma das variáveis independentes dos blocos, verificou-se que somente uma variável mostrou uma contribuição significativa ($p \leq .05$) enquanto preditora de **Coerção Física do pai**, nomeadamente: **sexo masculino** ($\beta = -.211$).

Por último, na **dimensão Coerção Física da mãe**, o **bloco 1** teve um contributo significativo [$F(1,1093) = 40.638$; $p = .000$] e explica 3.6% da variância total ($R^2 = .036$) contribuindo individualmente com 3.6% da variância para o modelo ($R^2 \text{ change} = .036$); o **bloco 2** teve um contributo significativo [$F(3,1091) = 16.657$; $p = .000$] e explica 4.4% da variância total ($R^2 = .044$) contribuindo de forma individual com 0.8% da variância para o modelo ($R^2 \text{ change} = .008$). Com a análise individual do contributo de cada uma das variáveis independentes dos blocos, verificou-se que somente uma variável mostrou uma contribuição

significativa ($p \leq .05$) enquanto preditora de **Coerção Física da mãe**, nomeadamente: **o sexo masculino** ($\beta = -.192$).

Tabela 5. *Análises preditivas: Papel preditor do sexo, da Agressão Psicológica entre os pais nos estilos parentais*

	R^2	R^2 change	B	S. Error	β	t	p
Apoio/Afeto pai							
Bloco 1	.004	.004					
Sexo (<i>dummy</i>)							
Bloco 2	.040	.036					
CTS2_CA							
Agressão Psicológica pai			-.586	.265	-.176	-2.207	.028
Agressão Psicológica mãe							
Apoio/Afeto mãe							
Bloco 1	.018	.018	.233	.049	.140	4.717	.000
Sexo (<i>dummy</i>)							
Bloco 2	.046	.028					
CTS2_CA							
Agressão Psicológica pai							
Agressão Psicológica mãe			-.626	.237	-.209	-2.642	.008
Regulação pai							
Bloco 1	.000	.000					
Sexo (<i>dummy</i>)							
Bloco 2	.033	.033					
CTS2_CA							
Agressão Psicológica pai							
Agressão Psicológica mãe							
Regulação mãe							
Bloco 1	.001	.001					
Sexo (<i>dummy</i>)							
Bloco 2	.031	.030					
CTS2_CA							
Agressão Psicológica pai							
Agressão Psicológica mãe			-.629	.260	-.194	-2.424	.016
Cedência de Autonomia/Participação pai							
Bloco 1	.012	0.12	.218	.055	.117	3.945	.000
Sexo (<i>dummy</i>)							
Bloco 2	.040	.028					
CTS2_CA							
Agressão Psicológica pai			-.631	.261	-.192	-2.414	.016
Agressão Psicológica mãe							

Cedência de Autonomia/Participação mãe**Bloco 1**Sexo (*dummy*)**Bloco 2** .021 .021 .262 .052 .150 5.067 .000

CTS2_CA

Agressão Psicológica pai .043 .022

Agressão Psicológica mãe

Coerção Física pai**Bloco 1**Sexo (*dummy*)**Bloco 2** .044 .044 -.198 .028 -.211 -7.119 000

CTS2_CA

Agressão Psicológica pai .

Agressão Psicológica mãe

Coerção Física mãe**Bloco 1**Sexo (*dummy*)**Bloco 2** .036 .036 -.189 .029 -.192 -6.480 .000

CTS2_CA

Agressão Psicológica pai

Agressão Psicológica mãe

Nota. B, SE e β para um nível de significância de $p < 0.5$ Bloco 1 – Sexo; Bloco 2 – CTS2_CA-Agressão Psicológica

Discussão

De acordo com inúmeras investigações, a violência entre progenitores parece estar interligada ao modo como as figuras parentais executam o seu exercício de parentalidade. Partindo deste pressuposto, pode-se supor que a presença de violência em contexto familiar, especificamente entre o casal, acarreta na vítima uma fragilidade emocional que influencia o seu processo de educação para com os seus descendentes. Neste sentido, o presente estudo pretendeu averiguar o impacto da violência interparental nos estilos parentais. A violência interparental pode ser vista como um fator potenciador, com influência negativa nos processos de parentalidade, podendo provocar alterações na qualidade das relações progenitores-filhos, nomeadamente, indisponibilidade emocional e adoção de estilos parentais

ineficazes (Belsky, 1984; Easterbrooks & Emde, 1988). Também, a maioria dos estudos alega que a violência conjugal afeta de forma negativa o exercício de parentalidade (Dias, 2004; Monteiro, 2000).

De acordo com os resultados auferidos no estudo, verificou-se que a **Agressão Psicológica do pai** encontra-se associada positivamente com a **Coerção Física da mãe** e negativamente com o **Apoio e Afeto**, a **Regulação**, a **Cedência de Autonomia/Participação Democrática**, respetivamente para o pai e a mãe. Os resultados observados revelam ainda que a **Agressão Psicológica exercida sobre a mãe** está associada de forma positiva com a **Coerção Física da mãe** e de forma negativa com o **Apoio e o Afeto**, a **Regulação**, a **Cedência de Autonomia/Participação Democrática**, quer para o pai quer para a mãe. Desta forma, os dados sugerem que a presença de Agressão Psicológica entre os progenitores interfere com o modo como as figuras parentais educam os seus filhos. A violência em contexto familiar torna-se bastante debilitante para a vítima, frequentemente a mulher, acarretando implicações diretas a nível físico e psicológico e indiretas a nível do exercício da parentalidade (Buehler & Gerard, 2002; Holden, Stein, Ritchie, Harris, & Jouriles, 1998; Levendosky, Huth-Bocks, Shapiro, & Semel, 2003; Sani, 2008). Erel e Burman (1995) investigaram o tipo de relação entre a qualidade conjugal e o comportamento parental, concluindo que as relações conjugais (funcionais e disfuncionais) interferem com a interação pais-filhos, designando este efeito como *spillover*. Também, Mosmann e Wagner (2008) no seu estudo realizado com 149 casais com pelo menos um filho adolescente, verificaram que quanto maior o nível de conflito entre o casal, maior a exigência e menor a responsividade dos progenitores perante os filhos. Também se verificou, uma associação entre o conflito conjugal e a parentalidade comprovando este mesmo efeito (e.g., Gerard, Krishnakumar, & Buheler, 2006; Krishna-kumar & Buehler, 2000). Quanto maiores os níveis de conflitos conjugais, menor serão os níveis de satisfação conjugal e maior será a adesão dos

progenitores ao estilo parental autoritário, baseado por um distanciamento, pouca afetividade e com recurso à punição (e.g., Krishna-kumar & Buehler, 2000; Gerard et al., 2006). Este dado obtido no presente estudo, foi corroborado com investigações de Levendosky et al., (2000), sendo que a mulher vítima de violência torna-se inconsistente, menos responsiva e negligente, aderindo a estratégias rígidas, como a ameaça, coação ou abuso físico, como forma de educar os seus filhos (Bowker, Arbitell, & McFerron, 1990; Dias, 2004; Dubowitz et al., 2001; Hester, Pearson, & Harwin, 2002; Magen, Conroy, Hess, Panciera, & Simon, 2001; Monteiro, 2000). Outro estudo de Levendosky et al. (2003) que teve como propósito analisar o papel mediador da relação mãe-filho em vítimas de violência conjugal, foi constatado que as vítimas de violência se encontravam mais deprimidas e, conseqüentemente, a eficácia parental era menor. As mulheres vítimas de violência tendem a adotar estratégias agressivas, nomeadamente físicas e psicológicas sobre o adolescente (Danoso & Ricas, 2009; Dias, 2004; Monteiro, 2000).

No que concerne à análise de diferenças da variável **Agressão Psicológica entre os pais** não se observaram, no nosso estudo, diferenças estatísticas significativas em relação ao **sexo**. De facto, e independentemente do sexo, o adolescente, quando se encontra exposto à violência interparental, sente a necessidade de atribuir um significado à ocorrência, podendo elaborar uma percepção adversa à realidade (Eisikovits, Winstok, & Enosh, 1998). Viver num ambiente familiar violento poderá implicar a elaboração de crenças e valores negativos, no qual se denota uma incapacidade para lidar com situações de raiva e stresse, recorrendo à violência como meio de resolver os conflitos (Jaycox & Repetti, 1993) e nas relações futuras uma tendência para recorrer ao comportamento agressivo (Kalmuss, 1984). O sexo feminino tende a identificar-se com a mãe, adotando um comportamento submisso, passivo e obediente, e os rapazes com o pai, adotando posições de poder e privilégios (Gracia, Mesa, & Vila, 2013).

Os resultados obtidos na presente investigação reportam também a presença de diferenças significativas nos **estilos parentais** face ao **sexo**, sendo que o sexo feminino apresenta maior percepção de **Apoio e Afeto, Cedência e autonomia/Participação Democrática**, quer pela figura materna quer pela figura paterna. Evidências empíricas revelam que o sexo feminino tende a considerar os pais como sendo mais responsivos e exigentes do que o sexo masculino (e.g., Ducharme, Cruz, Marinho, & Grande, 2006; Webber et al., 2004), sendo que os elementos do sexo feminino tendem a perceber os pais como mais democráticos contrariamente aos elementos do sexo masculino (Soares & Almeida, 2011). No entanto, o **sexo masculino** apresenta uma maior percepção de **Coerção Física** por parte de ambos os progenitores. No estudo de Russell et al., (1998) com o intuito de analisar as diferenças entre os estilos parentais em função da variável sexo, das figuras parentais e dos filhos, constatou-se que a mãe, por norma, é mais democrática e o pai mais autoritário.

Relativamente à análise comparativa das **táticas de resolução de conflito utilizadas pelos pais** face à **idade**, verificam-se diferenças significativas na Agressão Psicológica, sendo que os adolescentes mais velhos testemunham níveis superiores de violência psicológica do que os mais novos. A adolescência é caracterizada por um processo de transição entre a fase da infância e a adulta, no qual o adolescente começa a assumir mais responsabilidades, torna-se mais autónomo e independente e, conseqüentemente, adquire maior maturidade emocional (Graham, 2004). Desta forma, o resultado do presente estudo é expectável, visto que os sujeitos mais velhos apresentam uma maior compreensão acerca do comportamento dos progenitores na resolução de conflitos, denotando uma incapacidade em recorrer a estratégias para lidar com as situações conflituosas, optando pela Agressão Psicológica (Finkellor, 2008). Os adolescentes mais novos, como se encontram no início da adolescência estão mais concentrados em experiências exteriores, relacionamento com os pares, demonstrando-se menos focados nos conflitos existentes no ambiente familiar (Graham, 2004).

No que concerne aos **estilos parentais** em função da **idade**, os indivíduos mais novos percebem por parte dos progenitores maiores níveis de **Apoio e Afeto, Regulação, Cedência de Autonomia/Participação e Coerção Física** do que os indivíduos mais velhos. Tal como foi evidenciado no estudo longitudinal de Goede, Branje e Meeus (2009), no qual o intuito se prendia a analisar as alterações da percepção dos adolescentes na qualidade da interação progenitores-filhos. Os autores concluíram que com o decorrer da adolescência, a interação pais-filhos torna-se gradualmente mais igualitária sendo que os adolescentes mais velhos percebem menos controlo e autoridade parental comparativamente aos adolescentes mais novos. Os adolescentes mais novos percebem mais suporte social e controlo parental (e.g., Canavarro & Pereira, 2007) e os mais velhos percebem as figuras parentais como menos responsivas e controladoras (e.g., Ducharme, Cruz, Marinho, & Grande, 2006).

Nas análises diferenciais em função do número de elementos na fratria (filhos únicos e com irmãos), os resultados obtidos apontam que os filhos únicos manifestam maior percepção de apoio/afeto da mãe do que os indivíduos com irmãos. Este resultado era previsível, uma vez que o exercício da parentalidade se relaciona com o número de filhos e a ordem de nascimento na fratria (Freitas & Piccinini, 2010). Porém, os dados sobre esta temática são, ainda, incongruentes. Jiao, Ji e Jing (1986), alegam que a presença de um filho único acarreta a concentração de atenção no mesmo. O facto de não ter irmãos pode ser considerado uma vantagem (Rivera & Carrasquillo, 1997), uma vez que, estes sujeitos recebem mais reforços positivos por parte dos pais. No estudo de Rosenberg e Hyde (1993) no qual o intuito era analisar os estilos adotados pelos progenitores em relação aos seus filhos, sendo a amostra constituída por grupos com irmãos e sem irmãos. Os resultados não reportam diferenciação estatística entre as figuras parentais relativamente ao estimular a independência, empreendedorismo e superproteção. Os progenitores obtiveram valores mais elevados no estilo autoritário e superproteção nos filhos únicos do que nos primogénitos. Apesar de não se

verificar a presença de diferenças significativas, os pais dos filhos primogénitos tendem a incutir o desenvolvimento de independência/autonomia dos filhos, contudo, os pais com filhos únicos tendem a manifestar mais controlo sobre os mesmos (Rosenberg & Hyde, 1993). O número de filhos parece aumentar o uso de estratégias mais punitivas e reduzir a utilização de comportamento de apoio/suporte (Bögels & Brechman-Toussaint, 2006). As expectativas dos progenitores em relação ao primeiro filho são maiores em comparação com os outros filhos (Bögels & Brechman-Toussaint, 2006; Fernandes, 2000).

Por último, nas análises preditivas foi possível verificar que a perceção de agressão psicológica entre os pais prediz negativamente o apoio/afeto e a regulação da mãe. A agressão psicológica do pai prediz negativamente a cedência de autonomia/participação democrática do pai. Estes resultados eram expectáveis e como se pode verificar na literatura, a presença constante de violência interfere negativamente a nível do funcionamento psicológico das vítimas e nas suas capacidades de exercer uma parentalidade considerada adequada, isto é, a progenitora não ser capaz de responder às necessidades dos seus filhos (Sani, 2008). É de esperar que os progenitores manifestam concepções divergentes a nível do processo de socialização e da sua experiência como educadores. Desta forma, considera-se que a variável sexo poderá influenciar os díspares estilos parentais. Os resultados auferidos apontam que o sexo feminino prediz o apoio/afeto e a cedência de autonomia por parte dos pais. Em contrapartida, o sexo masculino prediz a coerção física dos pais. Os progenitores são mais autoritários com os rapazes, pelo facto de estes manifestarem um comportamento ser mais desafiador e desobediente (Lytton & Romney, 1991). Este resultado pode ser justificado em detrimento da cartelização da sociedade acerca do sexo masculino, como sendo o mais forte e apto para a manipulação das regras, ao invés das raparigas que são consideradas como mais delicadas e menos aptas face à capacidade de defesa. Neste sentido, os progenitores podem caracterizar as suas filhas como obedientes, mais emotivas, perspicazes e menos

manipuladoras, e que por sua vez, poderá facultar o seu exercício de parentalidade de forma mais democrática. No estudo de Brand et al., (2011), que foi constituído por uma amostra de 139 raparigas e 119 rapazes, no qual constatou que as raparigas apresentam uma maior perceção dos estilos parentais positivos e os rapazes uma maior perceção de estilos parentais negativos. Também o estudo realizado por Olivari, Wahn, Maridaki-Kassotaki, Antonopoulou e Confalonieri (2015), com uma amostra de 702 adolescentes com idades compreendidas entre os 16 e 19 anos de idade, os resultados indicaram que o sexo masculino perceciona os pais como sendo mais autoritários e permissivos comparativamente às raparigas. Os estudos apontam que as mães utilizem maioritariamente os estilos democrático ou permissivo e o progenitor o autoritário (e.g., Russell, Hart, Robinson, & Olsen, 2003; Russell, et al., 1998; Winsler et al., 2005). De facto, as mães, tendencialmente, manifestam mais expressão de afeto e os pais tendem a ser menos emotivos na interação com os seus filhos (Russel et al., 1998).

Implicações práticas, limitações e propostas futuras

A presente investigação visa contribuir para uma reflexão acerca da associação entre a violência interparental e os estilos parentais. Assim, é pertinente destacar as implicações práticas subjacentes à realização da presente investigação, nomeadamente, o impacto da violência entre o casal no exercício da parentalidade. Desta forma, pretende-se que as conclusões formuladas possam contribuir para uma maior consciencialização sobre a problemática da violência interparental e as consequências que esta pode desencadear no processo de educação dos filhos, assim como, alertar a importância do sistema familiar no exercer da parentalidade, na medida de sensibilizar os profissionais de saúde acerca deste fenómeno que incapacita a vítima de exercer o seu papel parental e que a torna vulnerável no seu relacionamento conjugal. Nesta medida, seria fundamental implementar programas de prevenção e intervenção para aperfeiçoar o bem-estar físico e psicológico dos sujeitos, e

assim, recorrer a estilos parentais mais favoráveis. Porém, a intervenção deve ser dirigida, não só à vítima, mas também ao agressor. Neste sentido, torna-se pertinente o desenvolvimento de programas dirigidos para a parentalidade em contexto de violência doméstica.

A presente investigação apresentou algumas limitações referentes ao tamanho da amostra. Apesar de a amostra ser constituída por um número razoável de indivíduos, não se pode generalizar os resultados para toda a população portuguesa, uma vez que a recolha de informação apenas abrangeu a zona norte do país. Outra possível limitação refere-se ao uso de instrumentos de autorrelato, que por vezes, implicam alguma distorção de informação, sendo importante em investigações futuras utilizar instrumentos de carácter qualitativo, no sentido de possibilitar uma recolha de informação mais fidedigna e verdadeira.

Uma das pistas futuras passa por abordar os outros tipos de violência conjugal (física e sexual), bem como as repercussões ao nível da parentalidade. Assim, em investigações futuras seria pertinente explorar o impacto da violência interparental no exercício de parentalidade, nomeadamente ao nível dos progenitores, uma vez que os estudos acerca desta temática, ainda são escassos. E geralmente, os estudos realizados envolvem apenas as vítimas do sexo feminino, descurando possibilidade de ocorrência de violência contra o sexo masculino. Sendo relevante sensibilizar os profissionais e a sociedade acerca da violência no homem. Também, seria importante, perceber as perceções dos progenitores acerca do exercício parental, neste caso, a perceção quanto ao uso de diferentes práticas educativas.

Referências

- Almeida, T., Gonçalves, R., & Sani, A. (2010). Comportamiento agresivo en el menor: Testimonio de conflictos interparentales. *Revista Infancia, Juventud y Ley*, 2, 78-81.
- APAV (2011). *Manual crianças e jovens vítimas de violência: compreender, intervir e prevenir*. Lisboa, Ministério da Saúde.

- Ainsworth, M. (1969). Object relations, dependency, and attachment: Theoretical review of the infant-mother relationship. *Child Development, 40*, 969-1026.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development, 37*(4) 887-907. doi: 10.2307/1126611.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology, 4*(1) 1-103. doi.org/10.1037/h0030372.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development, 55*(1), 83-96. doi: 10.2307/1129836.
- Bowker, L., Arbitell, M., & McFerron, J. (1990). On the relationship between wife beating and child abuse. In K. Yllö & M. Bograd (Eds.), *Feminist perspectives on wife abuse* (pp. 158-174). California: Sage Publications.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss. Vol.1: Attachment*. New York: Basic Books.
- Bögels, S., & Brechman-Toussaint, M. (2006). Family issues in child anxiety: Attachment, family functioning, parental rearing and beliefs. *Clinical Psychology Review, 26*, 834-856.
- Brand, S., Gerber, M., Beck, J., Kalak, N., Hatzinger, M., Pühse, U., & Holsboer-Trachsler, E. (2011). Perceived parenting styles differ between genders but not between elite athletes and controls. *Adolescent Health, Medicine and Therapeutics, 2*, 9-14. doi:10.2147/AHMT.S16992.
- Brás, P. (2008). *Um olhar sobre a parentalidade (estilos parentais e aliança parental) à luz das transformações sociais actuais* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade de Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Lisboa.
- Brody, G. H. (2004). Sibling's direct and indirect contributions to child development. *Current Directions in Psychological Sciences, 13*(3), 124-126.

- Buehler, C. & Gerard, J. (2002). Marital conflict, ineffective parenting, and children's and adolescents maladjustment. *Journal of Marriage and Family Volume*, 64(1),78-92.
doi: 10.1111/j.1741-3737.2002.00078.x.
- Canha, J. (2008). A criança vítima de violência. In R. A. Gonçalves e C. Machado (orgs.), *Violência e vítimas de crime*, vol. II. 3ª Ed. (pp. 17-37). Coimbra: Quarteto Editora.
- Canavarro, M., & Pereira, A. (2007). A percepção dos filhos sobre os estilos parentais educativos: A versão portuguesa do EMBU-C. *Revista Iberoamericana de Diagnostico y Evaluación Psicológica*, 2, 193-210.
- Castillo, M. (2007). Los padres y los hijos: variables de riesgo. *Educación y Educadores*, 10(1), 27-37.
- Cecconello, A., De Antoni, C., & Koller, S. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em Estudo*, 8, 45-54.
- Chao, R. (2001). Extending research on the consequences of parenting style for Chinese-Americans and European-Americans. *Child Development*, 72(6), 1832-1843.
- Clemence, A. (2007). Les modèles d'éducation parentaux. *Psychoscope*, 28(4), 16-18.
- Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (2013). IV Plano Nacional Contra a Violência Doméstica (2011-2013): Relatório Intercalar de Execução de 2012. Lisboa.
- Coutinho, M., & Sani, A. (2008). Evidência empírica na abordagem sobre as consequências da exposição à violência interparental. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Fernando Pessoa*, 5, 284-293.
- Costa, A. (2013). *Violência na fratria, autoestima, autoeficácia e rendimento académico* (Dissertação de Mestrado não publicada), Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.

- Cunningham, A., & Baker, L. (2004). *What about me! Seeking to understand a child's view of violence in the family*. London, ON: Centre for Children & Families in the Justice System.
- Cunningham, A. & Baker, L. (2007). Little eyes, little ears – How violence against a mother shapes children as they grow. London, ON: Centre for Children and Families in the Justice System.
- Danoso, M., & Ricas, J. (2009). Perspectiva dos pais sobre educação e castigo físico. *Revista de Saúde Pública*, 43(1), 78-84.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113(3), 487-496.
- Deslandes, S., Assis, S., & Santos, N. (2005). Violências envolvendo crianças no Brasil: Um plural estruturante e estruturado. In Ministério da Saúde, *Impacto da violência na saúde dos brasileiros* (pp. 43-77). Brasília, DF: Ministério da Saúde.
- Dessen, M. (1997). Desenvolvimento familiar: Transição de um sistema triádico para um sistema poliádico. *Temas em Psicologia*, 5(3), 51-61.
- Dias, I. (2004). *Violência na família: uma abordagem sociológica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Downey, D. (2001). Number of siblings and intellectual development: the resource dilution explanation. *American Psychologist*, 56(6/7), 497-504.
- Dubowitz, H., Black, M., Kerr, M. A., Hussey, J. M., Morrel, T. M., Everson, M. D., & Starr Jr, R. H. (2001). Type and timing of mothers' victimization: effects on mothers and children. *Pediatrics*, 107(4), 728-735.
- Ducharne, M. A., Cruz, O., Marinho, S., & Grande, C. (2006). Questionário de Estilos Educativos Parentais (QEEP). *Psicologia e Educação*, 1, 63-75.

- Drummond, M., & Drummond Filho, H. (1998). *Drogas: A busca de respostas*. São Paulo: Loyola.
- Durand, J., Schraiber, L., França-Junior, I., & Barros, C. (2011) Impact of exposure to intimate partner violence on children's behavior. *Revista de Saúde Pública*, 45(2), 355-364.
- Erel, O., & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 118, 108-132.
- Easterbrooks, M., & Emde, R. (1988). Marital and parent-child relationship: Role of affect in the family system. In R. A. Hinde & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *Relationship within families: Mutual influences* (pp. 83-103). New York: Oxford University Press.
- Eisikovits, Z., Winstok, Z., & Enosh, G. (1998). Children's experience of interparental violence: A heuristic model. *Children and Youth Services Review*, 20(6), 547-568.
- Fernandes, O. M. (2000). *Fratria e personalidade* (Tese de Doutorado não publicada), Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.
- Finkellor, D. (2008). *Childhood victimization: Violence, crime, and abuse in the lives of young people*. New York: Oxford University Press.
- Freixo, M. (2011). *Metodologia científica: Fundamentos, métodos e técnicas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Freitas, A., & Piccinini, C. (2010). Práticas educativas parentais em relação ao filho único e ao primogênito. *Estudos de Psicologia*, 27(4), 515-528.
- Fox, R., Platz, D., & Bentley, K. (1995). Maternal factors related to parenting practices, developmental expectations, and perceptions of child behavior problems. *Journal of Genetic Psychology*, 156(4), 431-441.

- Gerard, J., Krishnakumar, A., & Buehler, C. (2006). Marital conflict, parent-child relations, and youth maladjustment: A longitudinal investigation of spillover effects. *Journal of Family, 27*(7), 951-975. doi: 10.1177/0192513X05286020.
- Graham-Bermann, S., & Levendosky, A. (1998). The social functioning of preschool-age children whose mothers are emotionally and physically abused. *Journal of Emotional Abuse, 1*, 59-84.
- Graham, P. (2004). *The end of adolescence*. New York: Oxford University Press.
- Ghazarian, S., & Buehler, C. (2010). Interparental conflict and academic achievement: An investigation of mediating factors. *Journal of Youth and Adolescence, 39*(1), 23-35. doi: 10.1007/s10964-008-9360-1.
- Goede, I., Branje, S., & Meeus, W. (2009). Developmental changes in adolescents' perceptions of relationships with the parents. *Journal Youth Adolescence, 38*, 75-88.
- Gracia, J., Mesa, C., & Vila, D. (2013). A intervenção com crianças vítimas de violência doméstica interparental em Aragão (Espanha): resposta judicial e assistência social integrada. *E-cadernos ces, 20*, 105-136. doi: 10.4000/eces.1690.
- Griffin, E., & de la Torre, C. (1985). New baby in the house: Sibling jealousy. *Medical Aspects of Human Sexuality, 19*(3), 110-116.
- Hester, M., Pearson, C., & Harwin, N. (2002). *Making an impact: Children and domestic violence: A reader* (3rd Ed.). London: Jessica Kingsley Publishers.
- Holden, G., Stein, J., Ritchie, K., Harris, S., & Jouriles, E. (1998). Parenting behaviors and beliefs of battered woman, In George Holden, Robert; Ernest Jouriles (Eds.), *Children exposed to marital violence theory, research and applied issues* (pp. 293-334). Washington: American Psychological Association.

- Izaguirre, A., & Calvete, E. (2015). Children who are exposed to intimate partner violence: Interviewing mothers to understand its impact on children. *Child Abuse & Neglect*, *48*, 58-67.
- Jaycox, L., & Reppeti, R. (1993). Conflict in families and the psychological adjustment of preadolescent children. *Journal of Family Psychology*, *7*(3), 344-355.
- Jiao, S., Ji, G., & Jing, Q. (1986). Comparative study of behavioral qualities of only children and sibling children. *Child Development*, *57*(2), 357-361.
- Kalmuss, D. (1984). The intergenerational transmission of marital aggression. *Journal of Marriage and the Family*, *46*, 11-19.
- Kashani, J., & Allan, W. (1998). *The impact of family violence on children and adolescents*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Kaufmann, D., Gesten, E., Lucia, R., Salcedo, O., Rendina-Gobioff, G., & Gadd, R. (2000). The relation between parenting style and children's adjustment: The parents' perspective. *Journal of Child and Family Studies*, *9*(2), 231-245. doi:10.1023/A:1009475122883.
- Kowaleski-Jones, L., & Dunifon, R. (2004). Children's home environments: Understanding the role of family structure changes. *Journal of Family Issues*, *2*(1), 3-28.
- Krishnakumar, A., & Buehler, C. (2000). Interparental conflict and parenting behaviors: A meta-analytic review. *Family Relations*, *49*, 25-44.
- Lamborn, S. D., Mounts, N., Steinberg, L., & Dornbusch, S. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Development*, *62*, 1049-1065.
- Levendosky, A., Lynch, S., & Graham-Bermann, S. (2000). Mothers' perceptions of the impact of woman abuse on their parenting, *Violence Against Women*, *6*(3), 247-271.

- Levendosky, A., Huth-Bocks, A., Shapiro, D., & Semel, M. (2003). The impact of domestic violence on the maternal-child relationship and preschool-age children's functioning. *Journal of Family Violence, 17*(3), 275-287.
- Liberman, R. (1998). *A criança e o divórcio: estudo psicopatológico e médico social*. Porto: Rés-Editora.
- Lieberman, M., Doyle, A., & Markiewicz, D. (1999). Developmental patterns in security of attachment to mother and father in late childhood and early adolescence: Associations with peer relations. *Child Development, 70*, 202-213.
- Litrownick, A., Newton, R., Hunter, W., English, D., & Everson, D. (2003). Exposure to family violence in young at-risk children: A longitudinal look at the effects of victimization and witnessing physical and psychological aggression. *Journal of Family Violence, 18*(1), 59-73. doi:10.1023/A:1021405515323.
- Lytton, H. & Romney, D. (1991). Parents' Differential Socialization of Boys and Girls: A Meta-Analysis. *Psychological Bulletin, 109*(2), 267-296.
- Lourenço, N. & Lisboa, M. (1992). Representações da violência. Lisboa: Cadernos CEJ, 2/91.
- Lourenço, L., Salgado, F., Amaral, A., Gomes, S., & Senra, L. (2011). O impacto do testemunho da violência interpaparental em crianças: uma breve pesquisa bibliométrica e bibliográfica. *Revista Internacional de Psicologia, 4*(1), 104- 111.
- Lourenço, L., Baptista, M., Senra, L., Almeida, A., Basílio, C., & Bhona, F. (2013). Consequences of exposure to domestic violence for children: A systematic review of the literature. *Paidéia, 23*(55), 263-271. doi: 10.1590/1982-43272355201314.
- Maccoby, E., & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In E. M. Hetherington (Ed.), *Handbook of child psychology* (4th Ed., Vol.4. Socialization, personality and social development, pp. 1-101). New York: Wiley.

- Magen, R., Conroy, K., Hess, P., Panciera, A., & Simon, B. (2001). Identifying domestic violence in child abuse and neglect investigations. *Journal of Interpersonal Violence, 16*(6), 580-601.
- Maldonado, D. & Williams, L. (2005). O comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com a violência doméstica. *Psicologia em Estudo, 10*(3), 353-362.
- Marôco, J. (2007). *Análise estatística: com utilização do SPSS* (3ª Ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Martinez, I., Fuentes, M., Garcia, F., & Madrid, I. (2013). El estilo de socialización familiar como factor de prevención o riesgo para el consumo de sustancias y otros problemas de conducta en los adolescentes españoles. *Adicciones, 25*(3), 235-242.
- McDonald, R., Jouriles, E., Tart, C., & Minze, L. (2009). Children's adjustment problems in families characterized by men's severe violence toward women: Does other family violence matter? *Child abuse negligence, 33*(2), 94-101. doi: [10.1016/j.chiabu.2008.03.005](https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2008.03.005).
- McCloskey, L., Figueredo, A., & Koss, M. (1995). The effects of systemic family violence on children's mental health. *Child Development, 66*, 1239-1261.
- Milevsky, A., Schlechter, M., Netter, S., & Keehn, D. (2007). Maternal and paternal parenting styles in adolescents: Associations with self-esteem, depression and life-satisfaction. *Journal of Child and Family Studies, 16*(1), 39-47.
- McKinney, C., & Renk, K. (2008). Differential parenting between mothers and father – Implications for late adolescents. *Journal of Family Issues, 29*(6), 806-827. doi:10.1177/0192513X07311222.
- McIntosh, J. (2002). Thought in the face of violence: A child's need. *Child Abuse and Neglect, 26*, 229-241.

- McIntosh, J. (2003). Children living with domestic violence: Research foundations for early intervention. *Journal of Family Studies*, 9(2), 219-234.
- Minuchin, S. (1979). *Familles en thérapie*. Paris: J. P. Delarge.
- Minuchin, S. (1990). *Famílias: Funcionamento & tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Monteiro, F. (2000). *Mulheres agredidas pelos maridos: de vítimas a sobreviventes*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e Direitos das Mulheres.
- Moreno, C. (2004). Desenvolvimento e conduta social dos dois aos seis anos. In Coll, C., Marchesi, A., Palácios, J., et al., *Desenvolvimento psicológico e educação, Vol. 1- Psicologia Evolutiva* (2nd Ed.) (pp. 214-232). Porto Alegre: Artmed.
- Mosmann, C. & Wagner, A (2008). Dimensiones de la conyugalidad y de la parentalidad: un modelo correlacional. *Revista Intercontinental de Psicología y Educación*, 10(2), 79-103.
- Olivari, M., Wahn, E., Maridaki-Kassotaki, K., Antonopoulou, K., & Confalonieri, E. (2015). Adolescent perceptions of parenting styles in Sweden, Italy and Greece: An exploratory study. *Europe's Journal of Psychology*, 11(2), 244–258. doi:10.5964/ejop.v11i2.887.
- Orth, S., & Moré, O. (2008). Funcionamento de famílias com membros dependentes de substâncias psicoativas. *Psicologia Argumenta*, 26(55), 293-303.
- Patias, N., Siqueira, A., & Dias, A. (2013). Práticas educativas e intervenção com pais: a educação como proteção ao desenvolvimento dos filhos. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, 21(1), 29-40. doi.org/10.15603/2176-1019.
- Park, H., & Bauer, S. (2002). Parenting practices, ethnicity, socioeconomic status and academic achievement in adolescents. *School Psychology International*, 23, 386-395.
- Relvas, A. (1996). *O ciclo vital da família*. Porto: Edições Afrontamento.

Relatório Anual de Segurança Interna 2016. Sistema de Segurança Interna. Lisboa.

Rivera, M., & Carrasquillo, J. (1997). Spoiled or spectacular? A look at the only child. Information analyses. United States Department of Education. Office of Educational Research and Improvement. Educational Resources Information Center, 1-15.

Rodrigues, M. (2008). *Representações parentais sobre Práticas Educativas*. (Dissertação de Mestrado não publicada), Universidade do Minho, Braga.

Rosenberg, B. & Hyde, J. (1993). *Differential socialization of only and first-children*. Paper presented at Society for Research in Child Development meetings, New Orleans, Louisiana, March.

Russell, A., Aloa, V., Feder, T., Glover, A., Miller, H., & Palmer, G. (1998). Sex-based differences in parenting styles in a sample with preschool children. *Australian Journal of Psychology*, 50, 89-99.

Russell, A., Hart, C., Robinson, C., & Olsen, S. (2003). Children's sociable and aggressive behavior with peers: A comparison of the U.S. and Australia and contributions of temperament and parenting styles. *International Journal of Behavioral Development*, 23, 74-86.

Sani, A. (1999). As vítimas silenciosas: A experiência de vitimação directa nas crianças. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 247-257.

Sani, A. (2004). Abordagens teóricas da violência interparental: compreensão do ajustamento da criança ao conflito dos pais. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 153-177.

Sani, A. (2006). Vitimação indirecta de crianças em contexto familiar. *Análise Social*, 180, 849-864.

- Sani, A. (2008). Mulher e mãe no contexto de violência doméstica: A experiência de parentalidade. *Ex-aequo – Revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as mulheres*, 18, 123-133.
- Sani, A. (2011). Crianças vítimas de violência: representações e impacto do fenómeno. Porto: Edições UFP.
- Sani, A., & Almeida, T. (2011). Violência interparental: A vitimação indirecta de crianças. In A. I. Sani (Ed.), *Temas de vitimologia. Realidades emergentes na vitimação e respostas sociais* (pp. 12-31). Coimbra: Edições Almedina.
- Santos, T., Matos, M., Simões, M., Camacho, I., Tomé, G., & Moreno, M. (2013). Estilos Parentais e desenvolvimento positivo em crianças e adolescentes com doença crónica. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 4(2),185-203.
- Simons, L. G., & Conger, R. D. (2007). Linking mother-father differences in parenting to a typology of family parenting styles and adolescent outcomes. *Journal of Family Issues*, 28(2),212-241. doi:10.1177/0192513X06294593.
- Soares, D & Almeida, L. (2011). Percepção dos estilos educativos parentais: sua variação ao longo da adolescência. Acedido a 13 de fevereiro de 2017 em <http://hdl.handle.net/1822/15346>.
- Spera, C. (2005). A review of the relationship among parenting practices, parenting styles, and adolescent school achievement. *Educational Psychology. Review*, 17(2), doi: 10.1007/s10648-005-3950-1.
- Steinberg, L., Lamborn, S., Darling, N., Mounts, N., & Dornbusch, S. (1994). Over-time changes in adjustment and competence among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Development*, 65, 754-770.

- Steinberg, L. (2001). We know some things: Adolescent-parent relationships in retrospect and prospect. *Journal of Research on Adolescence*, *11*, 1-19. doi: 10.1111/1532-7795.00001.
- Stattin, H., & Kerr, M. (2000). Parental monitoring: A reinterpretation. *Child Development*, *71*(4), 1072-1085. doi: 10.1111/1467-8624.00210.
- Suderman M., Jaffe P. (1999). A handbook for health and social service providers and educators on children exposed to women abuse/family violence. Ottawa, Ontario: Family Violence Prevention Unit, Health Canada.
- Webber, L., Viezzer, A, & Brandenburg, O. (2003). A relação entre o estilo parental e o otimismo da criança. *Psico-USF*, *8* (1), 71-79.
- Weber, L., Prado P., Viezzer A., & Brandenburg, O. (2004). Identificação de estilos parentais: O ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *17*, 323-331.
- Weber, L., Selig, G., Bernardi, M., & Salvador, A. (2006). Continuidade dos estilos parentais através das gerações transmissão intergeracional de estilos parentais. *Paidéia* *16*(35), 407-414.
- Winsler, A., Madigan, A., & Aquilino, S. (2005). Correspondence between maternal and paternal parenting styles in early childhood. *Early Childhood Research Quarterly*, *20*,1-12. doi:10.1016/j.ecresq.2005.01.007.
- World Health Organization. (2002). *World report on violence and health*. Geneva: World Health Organization.
- López, S., Calvo, J. & Ménendez, M. (2008). Estilos parentales. Revisión bibliografica y reformulación teorica. *Teoria Educativa*, *20*, 151-178.
- Vasconcelos, A., & Souza, M. (2006). As noções de educação e disciplina em pais que agridem seus filhos. *Psychology*, *37*(1), 15-22.

ESTUDO EMPÍRICO II

A relação entre violência interparental, personalidade e psicopatologia em adolescentes

Resumo

Os adolescentes expostos à violência interparental são considerados vítimas indiretas e, simultaneamente, vulneráveis ao desenvolvimento de sintomatologia psicopatológica e à desordem da personalidade. O presente estudo apresentou como objetivo verificar de que forma a violência psicológica entre os pais se correlacionam com os sintomas psicopatológicos e os traços de personalidade dos adolescentes; analisar as diferenças das táticas de resolução de conflito, da sintomatologia psicopatológica e dos traços de personalidade em função das variáveis sociodemográficas, nomeadamente, a escolaridade e o número de elementos na fratria, e analisar em que medida a Agressão Psicológica e os traços de personalidade exercem um efeito preditor no desenvolvimento de sintomatologia psicopatológica. A amostra foi constituída por 1095 indivíduos com idades compreendidas entre os 14 e 18 anos ($M=15.67$; $DP=1.28$). Na recolha de dados utilizaram-se instrumentos de autorrelato: o questionário sociodemográfico, as *Revised Conflict Tactics Scale - Parent-to-Parent Version* (CTS2 – CA), o *Brief Symptom Inventory* (BSI) e o NEO-FFI-20 - Inventário de Personalidade. Os resultados apontam para que a perceção de Agressão Psicológica entre os pais esteja associada à sintomatologia psicopatológica e, por sua vez, a sintomatologia psicopatológica encontra-se associada à personalidade. Também se evidenciou que a Sensibilidade Interpessoal apresenta uma associação positiva com a Abertura à Experiência e uma associação negativa com a Extroversão e a Conscienciosidade. Observou-se que a perceção de Agressão Psicológica entre os progenitores e a personalidade oscila em função do nível de escolaridade e do número de irmãos. Por último, a Extroversão, a Abertura à Experiência e a Conscienciosidade parecem exercer um efeito preditor sobre a sintomatologia psicopatológica. Neste sentido, torna-se crucial o desenvolvimento de programas de prevenção e intervenção com intuito de minimizar os possíveis danos da

exposição à violência interparental e evitar o desenvolvimento de psicopatologia, contribuindo para uma saúde mental mais saudável.

Palavras-chave: Adolescência, violência interparental, psicopatologia, personalidade, irmãos.

Abstract

The teenagers exposed to interparental violence are considered indirect victims and, at the same time, vulnerable to the development of psychopathological symptomatology and unstable personality traits. The present study aimed to verify how psychological violence among parents correlates with the psychopathological symptoms and personality traits of adolescents; to analyze differences in conflict resolution tactics, psychopathological symptomatology and personality traits as a function of sociodemographic variables, namely schooling and the number of elements in the siblings, and to analyze the extent to which psychological aggression and personality traits have a predictor effect in the development of psychopathological symptomatology. The sample consisted of 1095 individuals aged between 14 and 18 years ($M = 15.67$; $SD = 1.28$). In the data collection were used the sociodemographic questionnaire, the Revised Conflict Tactics Scale - Parent-to-Parent Version (CTS2 - CA), the Brief Symptom Inventory (BSI) and the NEO-FFI-20 - Personality Inventory. The results indicate that the perception of psychological aggression among parents is associated with psychopathological symptomatology and, in turn, the psychopathological symptomatology is associated with personality. It has also been shown that interpersonal sensitivity has a positive association with openness to experience and a negative association with extroversion and conscientiousness. It was observed that perception of psychological aggression between the parents and the personality oscillates according to the level of schooling and the number of siblings. Finally, extroversion, openness to experience and conscientiousness seem to have a predictive effect on psychopathological symptomatology. Thus, it is crucial to develop prevention and intervention programs in order to minimize possible damages from exposure to interparental violence and avoid the development of psychopathology, contributing to healthy mental health.

Key Words: Adolescence, interparental violence, psychopathology, personality, siblings.

Introdução

Adolescência

A adolescência refere-se a uma etapa do ciclo vital pautada por um conjunto de mudanças a níveis distintos: biológico, psicológico, culturais e psicossocial (e.g., Araújo, Vieira, & Coutinho, 2010; Parsons, 2003), sendo designada como uma fase de consolidação da identidade (Parsons, 2003). O adolescente encontra-se numa etapa de transição da infância para a idade adulta, no sentido em que o sujeito deixa de ser dependente e passa a adquirir mais autonomia. Nesta fase, assiste-se a um distanciamento familiar e a procura de segurança emocional e suporte afetivo nos relacionamentos interpessoais (e.g., Hazan & Zeifman, 1999).

Para os progenitores, a adolescência dos seus filhos é considerada como um ciclo difícil e desafiador. Nesta fase, é de extrema relevância a família promover um crescimento e desenvolvimento para os seus filhos, inculcando-lhe como base as regras e as normas sociais, e servindo-se como um modelo, no sentido de transmitir ideias, atitudes e comportamentos (Pratta & Santos, 2007).

No decorrer do processo desenvolvimental, o funcionamento psicológico dos sujeitos pode ser influenciado pelo estabelecimento das relações no ambiente familiar ou pelo modo como o adolescente experiencia as vivências infantis e a forma como as assimila (e.g., Rutter, 1987). Desta forma, a reciprocidade, a homeostasia, a confiança, a comunicação, a afetividade, a coesão familiar e a qualidade dos laços emocionais entre os progenitores e os filhos são aspetos fulcrais com influência benéfica no desenvolvimento a nível emocional, cognitivo e social dos adolescentes (e.g., Bronfenbrenner, 1996; Dix, 1991). Contrariamente, a ausência de harmonia no seio familiar e a falta de qualidade nos relacionamentos familiares e conjugal poderá comprometer o desenvolvimento dos filhos e aumentar a probabilidade de desenvolver psicopatologia (Pratta & Santos, 2007; Sawyer, Miller-Lewis, & Clark, 2006).

Consequências da exposição à violência interparental

A exposição contínua à violência interparental despoleta susceptibilidade física e emocional na vítima indireta acarretando implicações no processo desenvolvimental normativo (Carlson, 2000; Cummings & Davies, 1994; Edleson, 1999; Holden, 1998; Hughes, Humphrey, & Weaver, 2005; Kitzmann, Gaylord, Holt, & Kenny, 2003). Testemunhar violência em contexto familiar apresenta consequências profundas no adolescente, devido à proximidade e continuidade da experiência e a relevância que o meio familiar tem para o seu desenvolvimento (Sani, 2002). O indivíduo que se encontra exposto apresenta mais probabilidade em desenvolver respostas desadaptativas em distintas áreas do funcionamento emocional, social, cognitivo e físico (Cunningham & Baker, 2005; Rodrigues, 2006; Sani, 2007). De acordo com a investigação cerca de 30 a 50% de adolescentes expostos a violência estão em risco de desenvolver psicopatologia (Graham-Bermann, 1998; Cummings & Davies, 1994).

A agressão exercida sob a progenitora pode ser considerada um abuso emocional que acarreta implicações negativas para a saúde mental e emocional da criança ou adolescente (Brandon & Lewis, 1996; Fergusson & Horwood, 1998). Os atos violentos praticados por um dos progenitores, ainda que seja uma violência indireta, têm um enorme impacto sob as crianças e jovens, podendo estas desenvolver, níveis de reatividade emocional, ameaça e culpa (Sani & Almeida, 2011), tristeza, medo e atitudes ambivalentes face aos pais, isto é, têm sentimentos de empatia e medo com o pai, e por sua vez nutrem sentimentos de compaixão e “obrigação” de proteção sobre a mãe (Goldblatt, 2003; Mullender et al., 2002). É ainda de frisar que a probabilidade do menor reproduzir comportamentos agressivos com futuras parceiras é maior (Almeida, Gonçalves, & Sani, 2010; Black, Sussman, & Unger, 2010; Brandon & Lewis, 1996; Cecconello, De Antoni, & Koller, 2003; Gagne, Lavoie, & Hebert, 2005; Kinsfogel & Grych, 2004). Os menores que testemunham episódios de violência entre

as figuras parentais manifestam sentimentos negativos acerca da sua autoestima e de confiança no futuro e nos relacionamentos com os outros (Jaffe, Wolfe, & Wilson, 1990).

A transmissão intergeracional da violência rege-se pela teoria de aprendizagem social, em que os indivíduos, vítimas diretas ou indiretas da violência interpaparental encontram-se mais propensos no desenvolvimento de comportamentos de agressão no futuro ou adotar um papel de vítima nos relacionamentos íntimos (Almeida, Gonçalves, & Sani, 2010; Ceconello, De Antoni, & Koller, 2003; Widom, 1989). Segundo a literatura, a violência é um ato aprendido com recurso à modelagem do comportamento agressivo dos progenitores. Desta forma, experiências passadas determinam se, quando e com que frequência a agressão é manifestada (Kashani, Daniel, Dandoy, & Holcomb, 1992). As crianças aprendem a comportar-se a partir das ações que observam nos seus modelos parentais (Kashani et al., 1992). Menores que testemunham violência entre os progenitores apresentam uma maior tendência para imitar e recorrer ao comportamento violento, como uma maneira de encarar e resolver os problemas (Bandura, Azzi, & Polydoro, 2008). Outra explicação para a ocorrência do comportamento violento por parte dos menores é a predisposição genética (Oliveira & Sani, 2009). Kaufman e Zigler (1993) defendem que a transmissão intergeracional da violência deve-se à conexão dos fatores biológicos e sociais.

Segundo a teoria da Aprendizagem Social de Bandura (1986) o ser humano aprende e adquire comportamentos a partir da instrução direta e da observação. Neste sentido e tendo em conta esta teoria, o indivíduo que testemunha a violência interpaparental apresenta uma elevada probabilidade para a reprodução (modelagem) de comportamentos violentos, realizados a partir da observação e imitação e permanecem conforme os diferentes reforços (Bandura, 1986; Luthra & Gidycz, 2006). O adolescente poderá reproduzir estes comportamentos fora do contexto familiar, através de atitudes de permissividade e de violência, principalmente em relacionamentos amorosos. Neste sentido, os jovens são

considerados transmissores do comportamento agressivo que desencadeiam conflitos interpessoais e predisposição para se tornarem agressores ou vítimas, permitindo dar continuidade à violência intergeracional (Oliveira, & Sani, 2009).

Os adolescentes expostos aos conflitos parentais tendem a indagar e a confrontar a/o progenitor, vítima direta da violência, pois não consegue tolerar e coabitar neste tipo de ambiente. Geralmente, vivenciam sentimentos de raiva e frustração acompanhados de fugas ou comportamentos criminosos/delinquentes (Avanci et al., 2009; Edleson, 1999; Fergusson & Horwood, 1998; Holt, Buckley, & Whelan, 2008; Izaguirre & Calvete, 2015; Jaffe et al., 1990), podendo recorrer ao uso de álcool e/ou outras substâncias com o intuito de provocar alterações de humor (Cunningham & Baker, 2004; Fergusson & Horwood, 1998; Mullender et al., 2002). Outros adolescentes, essencialmente, do sexo feminino tendem a adotar um comportamento parental sobre os irmãos mais novos, com o intuito de garantir a sua proteção e segurança face à ocorrência da violência entre os progenitores, sendo impensável fugas do seu lar (Holt, Buckley, & Whelan, 2008; Sani, 2003).

Segundo McIntosh (2002), viver num ambiente familiar problemático pode comprometer o desenvolvimento de quem testemunha a violência interpaparental. A exposição da vítima indireta a modelos de comportamentos desviantes pode originar problemas emocionais, cognitivos, fisiológicos e comportamentais (Assis & Ferreira, 2012; Luthar, 2003; Edleson, 1999; Lourenço et al., 2011; Øverlien, 2010; Sani, 2007), perturbações de comportamento antissocial, e psicopatologias (Chemtob & Carlson, 2004).

De acordo com vários estudos empíricos (Harold, Aitken, & Shelton, 2007; O'Donnel, Moreau, Cardeml, & Pollastri, 2010; Salisbury, Henning, & Holdford, 2009) relativos aos problemas fisiológicos, emocionais e psicológicos constatou-se a presença de Depressão, stress pós-traumático, insegurança e baixa autoestima, agravando-se com a exposição e a intensidade testemunhada pelo menor. Vários outros estudos (e.g., Ghazarian & Buehler,

2010; McDonald, Jouriles, Tart, & Minze 2009, Whiteside-Mansell, Bradley, McKelvey, & Fussel, 2009, verificaram outros problemas de comportamento e adaptação (ajustamento) como diminuição do desempenho escolar, uso de comportamento violento, hostil e de rejeição em contexto familiar, escolar e social. Contudo, a exposição à violência interpaparental nem sempre implica uma resposta desadequada por parte de quem a observa (Ghazarian & Buehler, 2010; McDonald, Jouriles, Tart e Minze, 2009; Whiteside-Mansell, Bradley, McKelvey, & Fussel, 2009; Grundy, Gondoli, & Salafia, 2007). Tudo vai depender da forma como a criança se adapta ao acontecimento relativo ao conflito interpaparental, tendo em conta a avaliação cognitiva dos seus atributos e habilidades e as estratégias para lidar com a situação ligadas ao seu autoconceito (Milani & Loureiro, 2009). Assim, os recursos que a criança tem, levam a que apresente respostas positivas face às adversidades, minimizando o impacto do acontecimento (Milani & Loureiro, 2009).

O impacto da violência interpaparental estende-se também para os relacionamentos de pares, assistindo a uma dificuldade do jovem em estabelecer laços de amizade com os outros, sendo que os jovens tendem a adotar um estilo de vinculação evitante, manifestando dificuldade em confiar nos outros (Levendosky, Huth-Bocks, & Semel, 2002). Wekerle e Wolfe (1999) evidenciaram nos seus estudos algumas diferenças relativas ao sexo das vítimas indiretas, no sentido em que o sexo masculino é mais propenso a adotar padrões abusivos/agressivos nos relacionamentos íntimos, enquanto o sexo feminino é propenso ao papel de vítima nos seus relacionamentos na fase adulta.

A violência interpaparental é considerada uma problemática social muito presente na sociedade. Contudo, é descurada o adolescente que se encontra constantemente exposto a um ambiente familiar hostil e violento, visto que este não é o alvo direto, desvalorizando o impacto que a exposição a comportamentos de violência entre as figuras vinculativas poderá despoletar no desenvolvimento dos filhos. Em Portugal, ainda são poucos os estudos acerca

desta problemática, sendo pertinente estudar as consequências da exposição à violência interparental no adolescente, uma vez que existe muitos adolescentes vítimas indiretas de violência entre os pais, todavia, este fenómeno é estatisticamente desconhecido. Desta forma, a presente investigação pretende, (a) verificar de que forma a violência psicológica entre os pais se correlacionam com os sintomas psicopatológicos e os traços de personalidade dos adolescentes; (b) analisar as diferenças das táticas de resolução de conflito, da sintomatologia psicopatológica e dos traços de personalidade em função das variáveis sociodemográficas, nomeadamente, escolaridade e ao número de elementos na fratria (c) analisar em que medida a Agressão Psicológica e os traços de personalidade exercem um efeito preditor no desenvolvimento de sintomatologia psicopatológica.

Método

A presente investigação traduz-se num estudo quantitativo, uma vez que é fundamentada em dados de natureza numérica, referentes aos instrumentos de autorrelato, e correlacional pois permite determinar as relações existentes entre as variáveis, não existindo manipulação de variáveis independentes. Apresenta, ainda, um carácter transversal, visto que os dados foram recolhidos num único momento e subsequentemente, analisados através de procedimentos estatísticos.

O método de estudo rege-se por um paradigma ético e deontológico que asseguram as questões de privacidade, confidencialidade e anonimato (Freixo, 2011).

Participantes

A amostra do estudo é constituída por 1095 indivíduos (625 do sexo feminino – 57.1% e 470 do sexo masculino – 42.9%) com idades compreendidas entre os 14 e 18 anos de idade ($M=15.67$; $DP=1.28$). A escolaridade dos participantes deste estudo abrange o 3º ciclo (9º ano) e o ensino secundário (10º, 11º e 12º ano), sendo que 269 (24.6%) se encontram no 9º ano, 254 (23.2%) frequentam o 10º ano, 284 (25.9%) estudam no 11º ano e 288 (26.3%) estão

no 12º ano. No que concerne, ao número de elementos da fratria, 224 (20.5%) dos sujeitos não têm irmãos, 690 (63%) têm um irmão, 151 (13.8%) têm dois irmãos e 30 (2.7%) tem três irmãos.

Procedimento

Primeiramente, a investigação cingiu-se à seleção das variáveis e da amostra a estudar, sendo preponderante a pesquisa bibliográfica realizada a partir de livros e artigos científicos retraídos das bases de dados da *b-on*, Google académico, EBSCO, e repositórios das Universidades. Posteriormente, selecionaram-se os instrumentos de avaliação aferidos e validados para a população portuguesa, sendo ajustados conforme às variáveis em estudo. De seguida, procedeu-se ao pedido de autorização dos instrumentos aos respetivos aos autores. Após o parecer positivo, sucedeu-se à elaboração do protocolo constituído pelo questionário sociodemográfico e os questionários de autorrelato.

A recolha dos dados foi realizada a adolescentes com idades compreendidas entre os 14 e 18 anos de idade que frequentavam as escolas básicas e secundárias da região Norte do país e Trás-os-Montes. Inicialmente, o protocolo foi submetido à Comissão de Ética da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro com o intuito de solicitar o devido parecer e elucidar os aspetos acerca da investigação, como, a pertinência, estrutura e objetivos. Após a obtenção da autorização institucional procedeu-se à entrega do pedido de consentimento aos encarregados de educação dos adolescentes.

A administração do respetivo protocolo ocorreu em contexto sala de aula, com a presença da investigadora para enunciar as instruções imprescindíveis no preenchimento dos questionários, sendo explicado os objetivos gerais do estudo, bem como a garantia dos pressupostos da participação voluntária, privacidade, confidencialidade e anonimato das respostas fornecidas. Os adolescentes necessitavam de cerca de 30 minutos para o preenchimento do protocolo.

Instrumentos

Um **Questionário de dados Sociodemográficos** que foi elaborado para contemplar questões contingentes às dimensões sociodemográficas dos participantes e dos seus progenitores, nomeadamente, sexo, idade, escolaridade. Para além disso, abordou-se questões relacionadas somente com o adolescente, tais como: número de irmãos, relacionamentos com os pares e as atividades extracurriculares.

As ***Revised Conflict Tactics Scale - Parent-to-Parent Version* (CTS2 - CA** - Straus, Hamby, Finkelhor, Boney-McCoy, e Sugarman, 1995; traduzido por Relva e Fernandes, 2013). Trata-se de um instrumento que permite avaliar a ocorrência de violência entre os pais, na perspectiva dos participantes, nomeadamente, os filhos. Esta versão das CTS2-CA é constituída por 4 escalas: **negociação, Agressão Psicológica, agressão física sem sequelas e agressão física com sequelas**. As CTS2-CA são constituídas por 62 itens nos quais 31 itens se cingem a avaliar as estratégias de resolução de conflitos paternos e 31 que são relativos as estratégias de resolução de conflitos maternos. O indivíduo terá de responder às questões tendo em conta o comportamento dos progenitores em contexto de conflito/interação. Este instrumento pretende avaliar as táticas de resolução de conflito convencionais, como por exemplo a negociação, assim como comportamentos coercivos e censurados a nível social. As CTS2-CA apresentam uma escala de resposta de *Likert* que oscila entre 0 (“nunca”) e 4 (“muitas vezes”). Neste estudo utilizou-se apenas a dimensão Agressão Psicológica para a figura paterna e para a figura materna, abrangendo questões como “*a minha mãe/o meu pai insultou ou disse palavrões contra o meu pai/minha mãe*”.

Através da análise da consistência interna à dimensão *Agressão Psicológica*, registaram-se valores de *alpha* de Cronbach de .67 para o pai e .65 para a mãe referente à totalidade do instrumento. As análises fatoriais confirmatórias apresentam valores adequados para o ajustamento do modelo quer para o pai, $\chi^2(12) = 35,099$ *Ratio* = 2.925, $p = .000$, com

CFI = .977; SRMR = .004; RMSEA = .042, quer para a mãe, $\chi^2(13) = 38.477$ Ratio = 2.960, $p = .000$, com CFI = .971; SRMR = .004; RMSEA = .042.

O *Brief Symptom Inventory* (BSI) foi desenvolvido por Derogatis (1982), sendo validado e adaptado para a população portuguesa por Canavarro (1999) com o intuito de avaliar os sintomas psicopatológicos. Este constitui uma versão abreviada do SCL-90 (*Symptom Checklist – 90*). O BSI caracteriza-se como um instrumento de autorrelato composto por 53 itens com uma escala de resposta tipo *Likert* que oscila entre 0 (“nunca”) a 4 (“muitíssimas vezes”). Sendo solicitado ao indivíduo que responda às questões apresentadas em função do nível de sintomatologia apresentada durante a última semana. Desta forma, o inventário permite avaliar a sintomatologia correspondente a nove dimensões, nomeadamente, **somatização**, a **obsessão-compulsão**, **Sensibilidade Interpessoal**, **Depressão**, **Ansiedade**, **hostilidade**, **Ansiedade fóbica**, **ideação paranoide** e **psicoticismo**, bem como a três índices globais, nomeadamente, Índice Geral de Sintoma (IGS); o Índice de Sintomas Positivos (ISP) e o Total de Sintomas Positivos (TSP). Do ponto de vista clínico, a partir da análise das pontuações obtidas nas nove dimensões pode-se retirar informação sobre o tipo de sintomatologia que preponderantemente perturba mais o indivíduo e, através da leitura dos índices globais avaliar, de forma geral, o nível de sintomatologia psicopatológica apresentado.

O BSI pode ser administrado a doentes do foro psiquiátrico (sujeitos perturbados emocionalmente, por exemplo) e à população em geral.

No presente estudo selecionaram-se apenas três dimensões, nomeadamente, a **Depressão** (6 itens) que abrange questões como por exemplo, “sentir-se sem esperança para o futuro”, a **Ansiedade** (6 itens) com questões “ter ataques de terror ou pânico” e a **Sensibilidade Interpessoal** (4 itens) aborda questões como “sentir-se inferior aos outros”. No que concerne à confiabilidade do BSI, a análise de consistência interna apresentou um valor de *alpha* de Cronbach correspondente a .92. Relativamente às subescalas, os valores de

consistência interna para a Depressão foi de .81; para a Ansiedade de .79 e para a Sensibilidade Interpessoal de .80. Quanto às análises fatoriais confirmatórias do presente instrumento confirma-se o ajustamento dos valores sendo estes adequados para o modelo, $\chi^2(16) = 52,251$, $Ratio = 3.266$, $p = .000$, com $CFI = .991$; $SRMR = .009$; $RMSEA = .046$.

O **NEO-FFI-20** - Inventário de personalidade que foi desenvolvido e validado para a população portuguesa por Bertoquini e Pais-Ribeiro (2006), tendo como suporte a versão original do Inventário de Personalidade NEO-PI-R de Costa e McCrae (1992). O NEO-FFI-20 trata-se de uma versão reduzida constituída por 20 itens cujo intuito é avaliar as cinco dimensões básicas da personalidade de acordo com o modelo dos cinco fatores da personalidade, nomeadamente: o **Neuroticismo (N)**, **Extroversão (E)**, **Abertura à Experiência (O)**, **Amabilidade (A)** e **Conscienciosidade (C)** (Bertoquini & Pais-Ribeiro, 2006). Estes 20 itens cingem-se a um formato de resposta de tipo *Likert* que oscila entre 1 (“discordo fortemente”) a 5 (“concordo fortemente”) (Bertoquini & Pais-Ribeiro, 2006), sendo distribuídos e agrupados, invariavelmente, pelas cinco dimensões básicas da personalidade. De frisar que os itens 3,13, 18 são invertidos. Neste estudo utilizaram-se as seguintes dimensões: **Extroversão** (4 itens) que pretende avaliar a quantidade e a intensidade das interações interpessoais, a necessidade de estimulação, o nível de atividade e a capacidade de expressar alegria, com questões como “*sou uma pessoa muito ativa*”; **Abertura à Experiência** (4 itens) cujo objetivo é avaliar a procura proactiva e a apreciação da experiência por si própria, a tolerância e a exploração do incógnito, remetendo para questões como “*acho as discussões filosóficas aborrecidas*” e **Conscienciosidade** (4 itens) que se destina à avaliação do grau de organização, persistência e motivação no comportamento dirigido para um objetivo, com questões do tipo “*sou uma pessoa muito competente*”. No que respeita à confiabilidade do NEO-FFI-20, a análise da consistência interna demonstrou valor de *alpha* de Cronbach de .66 relativo à totalidade do instrumento. Relativamente a cada dimensão do

instrumento, os valores de *alpha* de Cronbach para a Extroversão corresponde a .63, para a Abertura à Experiência a .64 e para a Conscienciosidade a .79. O instrumento apresenta uma consistência interna aceitável. Tendo em conta os critérios propostos por Pais-Ribeiro (2010), os instrumentos revelam qualidades psicométricas admissíveis quando as suas escalas são compostas por um número de itens reduzidos, sendo considerado aceitável valor de *alpha* de Cronbach acima de .60. A análise fatorial confirmatória registou valores adequados para o modelo, $\chi^2(50) = 128.708$ *Ratio* = 2.846, $p = .000$, com CFI = .972; SRMR = .035; RMSEA = .038.

Análises estatísticas

O tratamento dos dados foi realizado com recurso a dois programas estatístico distintos, especificamente, o *SPSS - Statistical Package for the Social Sciences – IBM SPSS*, versão 20.0 para o sistema *Windows* e o *Amos* que se destina a testar as propriedades psicométricas dos instrumentos do estudo a partir da realização de Análises Confirmatórias de 1ª ordem.

Inicialmente, procedeu-se à limpeza da amostra com intuito de eliminar os questionários incompletos e/ou respondidos de forma aleatória. Neste sentido, sucedeu-se à identificação e exclusão dos *missings* e *outliers* prejudiciais para a investigação, realizado através da determinação dos valores de *Zscores* e análise da distância de *Mahalanobis*. Este procedimento implicou a exclusão de indivíduos do estudo. De seguida, testou-se a normalidade da amostra tendo como suporte o processo de inferência estatística da distribuição normal ou de *Gauss*. Para tal efetivou-se o cálculo dos valores de *skeweness* (assimetria) e *kurtosis* (achatamento) assegurando-se a normalidade sempre que os valores se encontrassem compreendidos no intervalo da sua unidade (-1 e 1) (Marôco, 2007). Também, se realizou o teste *Kolmogorov-Smirnov*, gráficos de Histogramas, *Q-Q Plots*, *Scatterplots* e

Boxplots (Marôco, 2007). Tendo em conta os valores calculados, constatou-se que a amostra integrava os critérios de inclusão da normalidade, sendo possível realizar a análise estatística através de testes paramétricos. Marôco (2007) alega que em amostras consideradas grandes (superiores a 30), a distribuição da média amostral, geralmente, segue uma distribuição normal. Neste sentido, o presente estudo tornou-se suscetível de recorrer aos testes paramétricos.

De modo a dar resposta aos objetivos traçados para a presente investigação procedeu-se à realização de diversas análises estatísticas, tendo em consideração para a interpretação, os valores de significância de $p < .05$. Assim, recorreu-se a análises correlacionais de Pearson, no qual se apresentaram como positivas ou negativas, com grau baixo, moderado ou forte, análises de *testes t* e de variância multivariadas (MANOVAS) e univariadas (ANOVA). É de frisar que nas análises multivariadas (Manovas), foi analisado o efeito de cada fator (Eta Parcial), de acordo com os valores de $= .01$ corresponde a um efeito pequeno, valores de $= .06$ representam um efeito moderado e valores de $= .14$ revelam um efeito grande (Cohen, 1988). Posteriormente, foram analisados os valores de correlação de Pearson intraescalares. Cohen determinou que as correlações que oscilam entre $.10$ e $.29$ são consideradas como pequenas; entre $.30$ e $.49$ são médias e $.50$ e 1.0 são elevadas. Procedeu-se ainda, à realização de Modelos de Regressões Múltiplas Hierárquicas com intuito de aferir a presença de um efeito preditor entre as variáveis em estudo.

Resultados

Análises inferenciais

Associações entre Agressão Psicológica, sintomas psicopatológicos e traços de personalidade

A partir da análise às dimensões das **táticas de resolução de conflito entre os pais** e à **sintomatologia psicopatológica**, verificou-se a existência de correlações significativas entre as variáveis em estudo. Assim, a dimensão **Agressão Psicológica** registra uma correlação positiva significativa de magnitude baixa com a **Ansiedade** (pai $r = .171$; $p \leq .01$; mãe $r = .172$; $p \leq .01$), com a **Depressão** (pai $r = .183$; $p \leq .01$; mãe $r = .181$; $p \leq .01$) e com a **Sensibilidade Interpessoal** (pai $r = .181$; $p \leq .01$; mãe $r = .178$; $p \leq .01$).

Também a correlação entre as **táticas de resolução de conflito** entre os pais e os **traços de personalidade** indicaram associações significativas. Na dimensão **Agressão Psicológica para o pai e mãe** ocorreram correlações significativas negativas de magnitude baixa com a **Extroversão** (pai $r = -.078$; $p \leq .01$; mãe $r = -.083$; $p \leq .01$) e a com **Conscienciosidade** (pai $r = -.089$; $p \leq .01$; mãe $r = -.088$; $p \leq .01$).

No que se refere às correlações entre as dimensões da **sintomatologia psicopatológica** e as dimensões **dos traços de personalidade**, evidenciaram-se associações significativas. A dimensão **Ansiedade** registra uma correlação positiva de magnitude baixa com a dimensão **Abertura à Experiência** ($r = .117$; $p \leq .01$) e uma correlação negativa de magnitude baixa com a dimensão **Extroversão** ($r = -.180$; $p \leq .01$) e com a **Conscienciosidade** ($r = -.147$; $p \leq .01$). Por sua vez, a dimensão **Depressão** aponta para uma correlação negativa significativa de magnitude baixa a moderada com a **Extroversão** ($r = -.337$; $p \leq .01$) e **Conscienciosidade** ($r = -.258$; $p \leq .01$). Por fim, a dimensão **Sensibilidade Interpessoal** apresenta uma correlação positiva significativa de magnitude baixa com a **Abertura à Experiência** ($r = .077$; $p \leq .01$) e

uma correlação negativa significativa de magnitude baixa a moderada com a **Extroversão** ($r = -.292$; $p \leq .01$) e a **Conscienciosidade** ($r = -.239$; $p \leq .01$).

Tabela 1. Correlações entre táticas de resolução de conflito, sintomas psicopatológicos e personalidade, média e desvio padrão (N=1095)

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8
Táticas de resolução de conflito								
1. Agressão Psicológica pai	-							
2. Agressão Psicológica mãe	.928**	-						
Sintomas psicopatológicos								
3. Ansiedade	.171**	.172**	-					
4. Depressão	.183**	.181**	.725**	-				
5. Sensibilidade Interpessoal	.181**	.178**	.711**	.824**	-			
Personalidade								
6. Extroversão	-.078**	-.083**	-.180**	-.337**	-.292**	-		
7. Abertura à Experiência	.029	.006	.117**	.030	.077**	-.026	-	
8. Conscienciosidade	-.089**	-.088**	-.147**	-.258**	-.239**	.472**	.007	-
M	.21	.21	.71	.65	.64	3.89	2.92	3.88
DP	.28	.28	.59	.61	.68	.64	.83	.63

* $p < .05$; ** $p < .01$

Análises Diferenciais

Com o intuito de analisar as diferenças entre as variáveis das táticas de resolução de conflito entre os pais, a sintomatologia psicopatológica e os traços de personalidade em função da idade e da fratria, realizaram-se análises de variância multivariada (MANOVAS). Desta forma, estabeleceram-se dois grupos de escolaridade (9º e 10º ano e 11º e 12º ano) e

três grupos do número de elementos da fratria (filhos únicos, com um irmão e com dois ou três irmãos) e, posteriormente, procedeu-se à realização das análises diferenciais.

Variância da tática de resolução de conflito, da sintomatologia psicopatológica e dos traços de personalidade em função da escolaridade

No que concerne à variável **táticas de resolução de conflito** em função da **escolaridade** registaram-se diferenças estatisticamente significativas [$F(2,1092) = 6.362$; $p = .002$; $\eta^2 = .012$]. De acordo com as análises univariadas foi possível evidenciar a diferenciação estatística significativa na dimensão **Agressão Psicológica** contra **pai** [$F(1,1093) = 10.576$; $p = .001$; $\eta^2 = .010$] e da **Agressão Psicológica** contra **a mãe** [$F(1,1093) = 12.716$; $p = .000$; $\eta^2 = .012$], sendo que os adolescentes pertencentes ao grupo de escolaridade do 11º e 12º anos ($M = .24$; $DP = .29$) percebem níveis superiores de Agressão Psicológica contra o pai comparativamente aos adolescentes do grupo de escolaridade do 9º e 10º anos ($M = .18$; $DP = .27$). Também, o grupo de escolaridade do 11º e 12º anos ($M = .24$; $DP = .29$) testemunham níveis mais elevados de **Agressão Psicológica do progenitor contra a mãe** em comparação com o grupo de escolaridade do 9º e 10º anos ($M = .18$; $DP = .26$).

Relativamente à **sintomatologia psicopatológica** em função da **escolaridade**, os resultados auferidos indicam a presença de diferenças estatisticamente significativas [$F(3,1091) = 10.123$; $p = .000$; $\eta^2 = .027$]. A partir das análises univariadas registaram-se diferenças estatísticas significativas na dimensão **Ansiedade** [$F(1,1093) = 15.510$; $p = .000$; $\eta^2 = .014$], sendo que os adolescentes do grupo de escolaridade do 11º e 12º ano ($M = .78$; $DP = .61$) evidenciam níveis mais elevados de Ansiedade comparativamente com os indivíduos do grupo de escolaridade do 9º e 10º ano ($M = .64$; $DP = .55$); na **Depressão** [$F(1,1093) = 24.537$; $p = .000$; $\eta^2 = .022$], sendo que os indivíduos que frequentam o 11º e 12º ano ($M = .73$; $DP = .63$) evidenciam níveis mais elevados de Ansiedade comparativamente aos

indivíduos que frequentam o 9º e 10º ano ($M = .55$; $DP = .57$) e na **Sensibilidade Interpessoal** [$F(1,1093) = 8.318$; $p = .004$; $\eta^2 = .008$], sendo que os indivíduos que frequentam o 11º e 12º ano ($M = .69$; $DP = .70$) evidenciam níveis mais elevados de Ansiedade comparativamente aos indivíduos que frequentam o 9º e 10º ano ($M = .57$; $DP = .66$).

Por último, também se constatou diferença significativa na **personalidade** face à **escolaridade** [$F(3,1091) = 4.815$; $p = .002$; $\eta^2 = .013$]. De acordo com as análises univariadas verificou-se a existência de diferenças estatísticas significativas na dimensão **Extroversão** [$F(1,1093) = 12.613$; $p = .000$; $\eta^2 = .011$], sendo que os adolescentes que frequentam o 9º e o 10º ano ($M = 3.97$; $DP = .61$) evidenciam níveis mais elevados de Extroversão comparativamente com os indivíduos do grupo de escolaridade do 11º e 12º ano ($M = 3.83$; $DP = .66$); e **Conscienciosidade** [$F(1,1093) = 5.186$; $p = .023$; $\eta^2 = .005$], sendo que os adolescentes que frequentam o 11º e 12º ano ($M = 3.93$; $DP = .65$) evidenciam níveis mais elevados de **Conscienciosidade** comparativamente com os indivíduos do grupo de escolaridade do 9º e 10º ano ($M = 3.84$; $DP = .61$). Na dimensão **Abertura à Experiência** não se registou diferenciação estatística significativa [$F(1,1093) = 1.526$; $p = .217$; $\eta^2 = .001$].

Tabela 2. Análise diferencial das táticas de resolução de conflito, da sintomatologia psicopatológica e da personalidade em função da escolaridade

Dimensões	9º Ano e 10º ano (n= 523)	11º Ano e 12º ano (n= 572)	F	p
	M±DP	M±DP		
Táticas de resolução de conflito				
Agressão Psicológica pai	.18±.27	.24±.29	10.576	.001
Agressão Psicológica mãe	.28±.26	.24±.29	12.716	.000
Sintomas psicopatológicos				
Ansiedade	.64 ±.55	.78±.61	15.510	.000
Depressão	.55±.57	.73±.63	24.537	.000
Sensibilidade Interpessoal	.57±.66	.69±.70	8.318	.004
Personalidade				
Extroversão	3.97±.61	3.83±.66	12.613	.000
Abertura à Experiência	2.89±.83	2.95±.84	1.526	.217
Conscienciosidade	3.84±.61	3.93±.65	5.186	.023

Variância da tática de resolução de conflito, da sintomatologia psicopatológica e da personalidade em função do número de elementos da fratria

No que concerne às variáveis **tática de resolução de conflito**, os resultados revelaram que não existe diferenciação estatística significativa em função do **número de elementos da fratria** [F(4,2184) = 1.914; $p = .105$; $\eta^2 = .003$]. As análises univariadas indicaram a presença de diferenças estatísticas significativas na dimensão **Agressão Psicológica contra o pai** [F(1,1093) = 3.136; $p = .044$; $\eta^2 = .006$], onde o grupo de sujeitos com dois ou três irmãos testemunham níveis superiores de Agressão Psicológica contra o pai ($M = .25$; $DP = .31$) do que o grupo de sujeitos com um irmão ($M = .21$; $DP = .28$) e do grupo sujeitos sem irmãos ($M = .18$; $DP = .25$). Posteriormente, com a realização de um teste de *post-hoc*, com recurso ao teste de *Scheffé*, evidenciaram-se também diferenças estatísticas significativas entre o grupo 1 (sem irmãos) e o grupo 3 (dois e três irmãos) ($p = .044$). Em relação à dimensão **Agressão**

Psicológica contra a mãe não se registaram diferenças estatisticamente significativas [F(2,1092) = 2.140; $p = .118$; $\eta^2 = .004$].

No que se refere aos **sintomas psicopatológicos** em função do número de elementos da fratria não se verificou diferenciação estatística significativa [F(6,2180) = .562; $p = .761$; $\eta^2 = .002$]. Com a realização das análises univariadas não se verificaram diferenças estatísticas significativas na **Ansiedade** [F(2,1092) = 1.487; $p = .227$; $\eta^2 = .003$], na **Depressão** [F(2,1092) = 1.331; $p = .265$; $\eta^2 = .002$] e na **Sensibilidade Interpessoal** [F(2,1092) = 1.054; $p = .349$; $\eta^2 = .002$].

Por último, não se constataram diferenças estatísticas significativas da personalidade em função do número de elementos da fratria [F(6,2180) = 1.916; $p = .075$; $\eta^2 = .005$]. A partir das análises univariadas não se constataram diferenças significativas na dimensão **Extroversão** [F(2,1092) = .390; $p = .677$; $\eta^2 = .001$] e **Abertura à Experiência** [F(2,1092) = 1.851; $p = .158$; $\eta^2 = .003$]. Contudo, registaram-se diferenças estatisticamente significativas na dimensão **Conscienciosidade** [F(2,1092) = 3.134; $p = .044$; $\eta^2 = .006$], sendo que os indivíduos do grupo sem irmãos ($M = 3.97$; $DP = .65$) evidenciam níveis superiores de Conscienciosidade comparativamente aos indivíduos do grupo com dois e três irmãos ($M = 3.86$; $DP = .59$) e do que o grupo de indivíduos com um irmão ($M = 3.85$; $DP = .63$). Através de um teste de *post-hoc*, recorrendo ao teste de *Scheffé*, foi possível verificar diferenças significativas entre o grupo sem irmãos e o grupo com um irmão ($p = .048$).

Tabela 3. Análise diferencial da tática de resolução de conflito, sintomatologia psicopatológica e personalidade em função do número de elementos da fratria

Dimensões	1.Filhos únicos (n= 224) <i>M±DP</i>	2.Um irmão (n= 181) <i>M±DP</i>	3.Dois e três irmãos (n= 690) <i>M±DP</i>	<i>F</i>	<i>p</i>
Táticas de resolução de conflito					
Agressão Psicológica pai	.18 ±.25	.21±.28	.25±.31	3.136	.044
Agressão Psicológica mãe	.29 ±.26	.21±.27	.25±.28	2.140	.118
Sintomas psicopatológicos					
Ansiedade	.65±.56	.73±.59	.71±.60	1.487	.227
Depressão	.59±.56	.67±.63	.64±.59	1.331	.265
Sensibilidade Interpessoal	.58±.60	.66±.71	.62±.65	1.05	.349
Personalidade					
Extroversão	3.91±.67	3.90±.64	3.86±.62	.390	.677
Abertura à Experiência	2.83±.78	2.93±.82	2.97±.91	1.851	.158
Conscienciosidade	3.97±.65	3.85±.64	3.86±.59	3.134	.044

Análises preditivas: Papel preditor da violência interparental e da personalidade no desenvolvimento de sintomatologia psicopatológica nos adolescentes

De forma a responder aos objetivos propostos realizaram-se análises de regressões múltiplas hierárquicas. As referidas análises foram realizadas com a introdução de três blocos, em que o **bloco 1** refere-se à variável sexo (*sexo_dummy*); o **bloco 2**, a Agressão Psicológica entre os pais e o **bloco 3**, a personalidade. É relevante frisar que a variável sexo foi recodificada como *dummy* (0- masculino; 1- feminino), no sentido de verificar qual dos diferentes sexos melhor consegue explicar e predizer as variáveis em estudo.

No que se refere à dimensão **Ansiedade**, o **bloco 1** apresentou um contributo significativo [$F(1,1093) = 46.235$; $p = .000$] e explica 4.1% da variância total ($R^2 = .041$) contribuindo individualmente com 4.1% da variância para o modelo ($R^2 \text{ change} = .041$); o **bloco 2** teve um contributo significativo [$F(3,1091) = 26.911$; $p = .000$] e explica 6.9% da variância total ($R^2 = .069$) contribuindo de forma individual com 2.8% da variância para o

modelo ($R^2_{change} = .028$); o **bloco 3** teve um contributo significativo [$F(6,1088) = 21.501$; $p = .000$] e explica 10.6% da variância total ($R^2 = .106$) contribuindo de forma individual com 3.7% da variância para o modelo ($R^2_{change} = .037$). Ao analisar individualmente o contributo de cada uma das variáveis independentes dos blocos foi possível verificar que quatro variáveis apresentam uma contribuição significativa ($p \leq .05$) enquanto predictoras de **Ansiedade**, sendo apresentadas por ordem de importância **sexo feminino** ($\beta = .183$), a **Extroversão** ($\beta = -.113$), a **Abertura à Experiência** ($\beta = .077$) e a **Conscienciosidade** ($\beta = -.093$).

Tabela 4 Análises preditivas: Papel preditor do sexo, da Agressão Psicológica entre os pais e traços de personalidade na Ansiedade

	R2	R ² Change	B	SE	β	t	P
Ansiedade							
Bloco 1	.041	.041	.217	.035	.183	6.225	.000
Sexo (<i>dummy</i>)							
Bloco 2	.069	.028					
CTS2_CA							
Agressão Psicológica pai							
Agressão Psicológica mãe							
Bloco 3	.106	.037					
Personalidade							
Extroversão			-.103	.030	-.113	-3.459	.001
Abertura à Experiência			.054	.021	.077	2.623	.009
Conscienciosidade			-.087	.030	-.093	-2.844	.005

Nota. B, SE e β para um nível de significância de $p < 0.5$ Bloco 1 – Sexo; Bloco 2 – CTS2_CA-Agressão Psicológica; Bloco 3 – Personalidade (NEO-FFI-20)

Em relação à dimensão **Depressão**, o **bloco 1** apresentou um contributo significativo [$F(1,1093) = 12.833$; $p = .000$] e explica 1.2% da variância total ($R^2 = .012$) contribuindo individualmente com 1.2% da variância para o modelo ($R^2_{change} = .012$); o **bloco 2** teve um contributo significativo [$F(3,1091) = 16.995$; $p = .000$] e explica 4.5% da variância total ($R^2 = .045$) contribuindo de forma individual com 3.3% da variância para o modelo ($R^2_{change} =$

.033); o **bloco 3** teve um contributo significativo [$F(6,1088) = 34.328$; $p = .000$] e explica 15.9% da variância total ($R^2 = .159$) contribuindo de forma individual com 11.5% da variância para o modelo ($R^2\text{change} = .115$). De acordo com a análise individual acerca do contributo de cada uma das variáveis independentes dos blocos constatou-se que três variáveis apresentam uma contribuição significativa ($p \leq .05$) enquanto predictoras de **Depressão**, sendo apresentadas por ordem de importância **sexo feminino** ($\beta = .099$), **Extroversão** ($\beta = -.259$) e a **Conscienciosidade** ($\beta = -.129$).

Tabela 5 Análises preditivas: Papel preditor do sexo, da Agressão Psicológica entre os pais e personalidade na Depressão

	R2	R ² Change	B	SE	β	t	p
Depressão							
Bloco 1	.012	.012	.122	.035	.099	3.473	.001
Sexo (<i>dummy</i>)							
Bloco 2	.045	.033					
CTS2_CA							
Agressão Psicológica pai							
Agressão Psicológica mãe							
Bloco 3	.159	.115					
Personalidade							
Extroversão			-.246	.030	-.259	-8.184	.000
Abertura à Experiência							
Conscienciosidade			-.125	.031	-.129	-4.065	.000

Nota. B, SE e β para um nível de significância de $p < 0.5$ Bloco 1 – Sexo; Bloco 2 – CTS2_CA-Agressão Psicológica; Bloco 3 – Personalidade (NEO-FFI-20)

Por fim, na dimensão **Sensibilidade Interpessoal** verificou-se que o **bloco 1** apresentou um contributo significativo [$F(1,1093) = 24.810$; $p = .000$] e explica 2.2% da variância total ($R^2 = .022$) contribuindo individualmente com 2.2% da variância para o modelo ($R^2\text{change} = .022$); o **bloco 2** teve um contributo significativo [$F(3,1091) = 20.746$; $p = .000$] e explica 5.4% da variância total ($R^2 = .054$) contribuindo de forma individual com 3.2% da

variância para o modelo ($R^2_{change} = .032$); o **bloco 3** teve um contributo significativo [$F(6,1088) = 30.525$; $p = .000$] e explica 14.4% da variância total ($R^2 = .114$) contribuindo de forma individual com 9% da variância para o modelo ($R^2_{change} = .090$). A partir da análise individual do contributo de cada uma das variáveis independentes dos blocos verificou-se que três variáveis apresentam uma contribuição significativa ($p \leq .05$) enquanto preditoras de **Sensibilidade Interpessoal**, sendo apresentadas por ordem de importância **sexo feminino** ($\beta = .135$), **Extroversão** ($\beta = -.208$) e **Conscienciosidade** ($\beta = -.137$).

Tabela 6. Análises preditivas: Papel preditor do sexo, da Agressão Psicológica entre os pais e personalidade na Sensibilidade Interpessoal

	R2	R ² Change	B	SE	β	t	p
Sensibilidade Interpessoal							
Bloco 1	.022	.022	.186	.040	.135	4.704	.000
Sexo (<i>dummy</i>)							
Bloco 2	.054	.032					
CTS2_CA							
Agressão Psicológica pai							
Agressão Psicológica mãe							
Bloco 3	.144	.090					
Personalidade							
Extroversão			-.220	.034	-.208	-6.504	.000
Abertura à Experiência							
Conscienciosidade			-.147	.035	-.137	-4.268	.000

Nota. B, SE e β para um nível de significância de $p < 0.5$ Bloco 1 – Sexo; Bloco 2 – CTS2_CA-Agressão Psicológica; Bloco 3 – Personalidade (NEO-FFI-20)

Discussão

A exposição à violência interparental está relacionada com a violência doméstica, e tem vindo a ganhar maior visibilidade nos últimos tempos. Porém, os estudos acerca deste fenómeno social são, ainda, escassos. A vitimação infantil, apesar de não provocar lesões físicas, parece desencadear consequências psicológicas e emocionais, por vezes irreversíveis, tornando-se extremamente relevante sensibilizar a sociedade sobre esta problemática. Desta forma, a presente investigação teve como objetivo primordial analisar a relação entre a exposição dos adolescentes à violência interparental, a personalidade e a sintomatologia psicopatológica. A exposição à violência interparental pode ser considerada um fator de risco para o desenvolvimento de psicopatologia nos adolescentes (Hughes, 1988).

Tal como era previsível, na análise inferencial evidenciou-se que a Agressão Psicológica entre os pais estava relacionada com os sintomas psicopatológicos, nomeadamente, a Ansiedade, a Depressão e a Sensibilidade Interpessoal. Este resultado é congruente com os inúmeros estudos empíricos que têm verificado que os adolescentes expostos à violência entre os pais apresentam maior propensão para desenvolverem distúrbios do foro psicológico, como a Depressão (e.g., Costa & Sani, 2007; Fergusson & Hoewood, 1998; Jonhson et al., 2002; Sani, 2008), a Ansiedade (e. g., Costa & Sani, 2007; Fergusson & Hoewood, 1998; Kitamura, & Hasui, 2006; Sani, 2008), a perturbação de stresse pós-traumático (Bancroft & Silverman, 2002; Costa & Sani, 2007; Fergusson & Hoewood, 1998; Sani, 2008) assim como, manifestarem elevados níveis de agressividade, medo e insegurança (e. g., Costa & Sani, 2007; Fergusson & Hoewood, 1998; Sani, 2008). Também Clemmons, DiLillo, Martinez, DeGue e Jeffcott (2003) constataram que os jovens vítimas indiretas de violência apresentavam maior vulnerabilidade em desenvolver sintomas psicopatológicos, comparativamente com os jovens que nunca foram expostos a este tipo de acontecimento.

A exposição à Agressão Psicológica entre os pais encontra-se associada negativamente à Extroversão e à Conscienciosidade. Os dados sugerem que os adolescentes vítimas indiretas de apresentam-se mais vulneráveis, mesmo não sendo estes o alvo principal. Contudo, a exposição à violência interpaparental acarreta consequências a nível da personalidade, tornando-se adolescentes menos extrovertidos, menos sociáveis, com menor autoconfiança e menor autoestima, revelando insegurança, menor capacidade para resolver conflitos e maiores níveis de agressividade e insucesso escolar (Sani, 1999). Também, as competências sociais podem ser comprometidas, pelo que se verifica dificuldade para interpretar acontecimentos sociais e relacionamentos interpessoais, bem como capacidade empática reduzida (Sani, 1999).

Na presente investigação verificou-se, também, que os sintomas psicopatológicos se encontram associados à personalidade dos adolescentes, sendo que a Ansiedade se associa positivamente com a Abertura à Experiência e negativamente com a Extroversão e a Conscienciosidade. Também a Depressão se associa de forma negativa com a Extroversão e a Conscienciosidade. Estes dados eram previsíveis, sendo corroborado pelo estudo de Gramstad, Gjestad e Haver (2013), no qual se constatou que a Extroversão se associa negativamente com os sintomas depressivos. Os traços de personalidade exercem efeitos diretos e indiretos no desenvolvimento mal adaptativo (DeNeve & Cooper, 1998). Os níveis elevados de Neuroticismo e os níveis baixos de Extroversão encontram-se associados às estratégias de *coping* desadaptadas, desesperança, Ansiedade e Depressão (DeNeve & Cooper 1998; Vreeke & Muris, 2012).

Relativamente à Sensibilidade Interpessoal, esta apresenta uma associação positiva com a Abertura à Experiência e uma associação negativa com a Extroversão e a Conscienciosidade. Este dado foi corroborado por Yamamoto, Tomotake e Ohmori (2008), que constataram que os sujeitos que apresentavam maiores níveis de Conscienciosidade tendiam a ter menos Sensibilidade Interpessoal. De facto, os indivíduos que apresentam

Sensibilidade Interpessoal manifestam sentimentos de inferioridade perante os outros, autodepreciação, hesitação, desconforto e timidez perante as interações sociais, isto é, pode considerar-se que são indivíduos introvertidos, com dificuldade em estabelecer relações sociais, e por isso optam pelo isolamento. Também tendem a ser sujeitos irresponsáveis, desorganizados e sem objetivos para o futuro e quando se deparam com atividades com grau elevado de exigência geralmente, não apresentam determinação para as concluir (Canavarro, 2008).

Os resultados auferidos na presente investigação revelam ainda a presença de diferenças significativas na perceção de Agressão Psicológica entre os progenitores em função do nível de escolaridade, sendo que os sujeitos que frequentam o 11º e 12º anos testemunham mais Agressão Psicológica entre os pais do que os sujeitos com escolaridade inferior. Este resultado pode ser justificado tendo em conta que os adolescentes com mais escolaridade, e necessariamente mais velhos, estão numa fase desenvolvimental mais avançada o que acarreta maior maturidade (Graham, 2004), assim como, maior perceção do comportamento parental, especificamente, o reconhecimento de utilização táticas de resolução de conflitos inadequadas entre as suas figuras de vinculação, nomeadamente o recurso à violência para resolver os conflitos (Finkellor, 2008). Em contrapartida, os adolescentes com menos escolaridade e idade poderão apresentar uma melhor perceção de estratégias de resolução de conflitos, provavelmente por se encontrarem na fase inicial da adolescência, centrados nas mudanças ocorridas a nível corporal e emocional, assim como focados nas experiências exteriores ao meio familiar que adquirem maior relevância nesta faixa etária (e. g., Graham, 2004; Levisky, 1998). Outra justificação possível, prende-se pelo facto de os progenitores demonstrarem um maior cuidado e atenção em garantir a segurança dos filhos mais novos camuflando os conflitos existentes, todavia, os filhos mais velhos esperam uma maior compreensão face aos acontecimentos (Lopes, 2014). Os resultados indicam, ainda, que a sintomatologia

psicopatológica, como a Ansiedade, a Depressão e a Sensibilidade Interpessoal prevalece maioritariamente nos indivíduos que frequentam os 11º e 12º anos de escolaridade do que nos indivíduos dos 9º e 10º anos. A adolescência descreve-se como uma fase do ciclo vital que se caracteriza pela ocorrência de uma panóplia de mudanças físicas, psicológicas, cognitivas, sociais e comportamentais (e.g., Araújo, Vieira, & Coutinho, 2010; Sprinthall & Collins, 1988), sendo considerada a fase da consolidação da identidade (Pearsons, 2003). A adolescência é a transição da infância para a adultícia, no qual o adolescente deixa de ser dependente e passa a assumir uma maior autonomia pessoal (Teodoro, Hess, Saraiva, & Cardoso, 2014) que se relaciona com a transição da vivência do ambiente familiar para o âmbito social (relacionamento com os pares) (e. g., Biazus & Ramires, 2012). As mudanças biopsicossociais que ocorrem na fase da adolescência tornam o adolescente mais propenso para desenvolvimentos de psicopatologia (Bromleya, Johnson, & Cohend, 2006; Rutter & Rutter, 1993). Todas estas modificações e transições implicam uma adaptação, que por vezes, os adolescentes mais novos não são capazes de as conseguir favoravelmente (e. g., Cleto & Costa, 1996), sendo responsáveis pela maioria dos conflitos dos adolescentes (Marcelli & Braconnier, 1989). Ao encontrarem-se focados na vivência do seu corpo, tendencialmente, manifestam mais intolerância à frustração e angústia, tornando o seu corpo um meio de linguagem do seu mundo interior (e. g., Marcelli & Braconnier, 1989). Por conseguinte, os sujeitos mais velhos apresentam um maior amadurecimento cognitivo, o que lhes permite examinar de forma mais complexa, integrativa e reflexiva os desafios desenvolvimentais que surgem, recorrendo aos seus recursos pessoais e interpessoais e, ainda, ao reconhecimento das figuras significativas como um auxílio para as adversidades, com intuito de as gerir de forma mais benéfica (e.g., Cleto & Costa, 1996). Contudo, nem sempre os adolescentes mais velhos conseguem lidar com as vicissitudes da adolescência, sendo esta uma fase de responsabilidades e mudanças, o que parece desencadear maior vulnerabilidade no

desenvolvimento de sintomatologia psicopatológica. Costello, Copeland e Angold (2011), evidenciaram que na passagem da infância para a adolescência a probabilidade em desenvolver sintomatologia psicopatológica é maior.

No que concerne à personalidade em detrimento do nível de escolaridade, os dados obtidos reportam que os níveis de Extroversão são maiores em adolescentes que frequentam o 9º e o 10º ano do que nos adolescentes a frequentar os 11º e 12º anos. À medida que a idade avança, os níveis de Extroversão tendem a diminuir, neste sentido os adolescentes mais novos apresentam elevados níveis de Extroversão do que os adolescentes mais velhos (Martin et al., 2006).

Em contrapartida, a Conscienciosidade revela tendência a aumentar com a idade, contrariamente, a Extroversão e a Abertura à Experiência com tendência a diminuir (e.g., Martin et al., 2006; McCrae et al., 2000; Lucas & Donnellan, 2009). Relativamente à Conscienciosidade, os níveis são superiores em sujeitos que frequentam os 11º e 12º anos do que em sujeitos dos 9º e 10º anos, resultado corroborado por Pedroso-Lima et al., (2014). Na Abertura à Experiência não se verificaram diferenças significativas. De facto, este resultado, não era expectável, pois de acordo com o estudo realizado por Pedroso-Lima et al. (2014), os indivíduos com menor escolaridade tendencialmente apresentavam pontuações mais reduzidas na dimensão Abertura à Experiência. Desta forma, o resultado sugere que o sujeito que manifesta maiores níveis Abertura à Experiência demonstra maior interesse na procura ativa de aquisição de conhecimento, que poderá ser estimulado ou reforçado em detrimento de níveis superiores de escolaridade (Pedroso-Lima et al., 2014). Os níveis elevados de Abertura à Experiência contribuem para um progresso académico melhor, uma vez que estes indivíduos são dotados de criatividade/inteligência (Pedroso-Lima et al., 2014). Neste sentido, também, maiores níveis de Conscienciosidade foram constatados nos sujeitos com maior escolaridade (Pedroso-Lima et al., 2014; Lucas & Donnellan, 2009).

Na análise diferencial realizada às táticas de resolução de conflito entre os pais em função da fratria, verificou-se que a percepção de Agressão Psicológica contra o pai é maior nos sujeitos com dois e três irmãos do que nos sujeitos com um irmão e nos filhos únicos. No estudo comparativo realizado por Pereira, Santos e Williams (2009) no qual a amostra era constituída por 40 indivíduos (20 crianças vítimas de violência e outras não vítimas), constataram que a ocorrência de episódios violentos é maior nos casais em união de facto e com um maior número de filhos do que nas famílias onde não existe violência (normalmente casados e com média de dois filhos). A violência em contexto familiar ocorre frequentemente em famílias numerosas, que por norma manifestam maiores dificuldades a nível económico sendo a causa subjacente à presença de conflitos entre o casal (Kang, 2012). Fergusson e Horwood (1998) nomeiam como motivos adjacentes à ocorrência de violência, as desvantagens sociais, a disfunção familiar e o abuso do filho.

Relativamente à análise diferencial da personalidade face à fratria, verificou-se que ser filho único ou ter irmão não interfere com os níveis de Extroversão e de Abertura à Experiência. A Extroversão diz respeito à quantidade e intensidade das interações interpessoais, o nível de atividade e apreciação pela competitividade, sendo de esperar que os filhos primogénitos fossem mais extrovertidos que os não primogénitos (Fernandes, 2000; Sullo way, 1997). Os primogénitos, geralmente, apresentam maior capacidade física, cognitiva e emocional e, por sua vez, melhores competências relacionais, nomeadamente a liderança, contrariamente, aos filhos não-primogénitos que considerados como mais passivos e mais cooperativos. Quanto à Abertura à Experiência, e indo de encontro à teoria de Sullo way (Fernandes, 2000), este resultado é expectável, os filhos não-primogénitos são mais abertos a novas experiências em relação aos filhos primogénitos, uma vez que é inculcido aos filhos mais velhos ou únicos um papel mais conservador. Ainda, foi possível constatar que os níveis de Conscienciosidade são superiores nos filhos únicos do que nos filhos com irmãos. Este

facto pode ser justificado através da relação de maior proximidade entre as figuras parentais e o filho único. Geralmente, este filho apresenta-se como sendo o mais obediente e com mais respeito pela autoridade dos progenitores. De modo a responder às expectativas dos pais empenham-se por se tornarem filhos responsáveis, autodisciplinados. Estes aspetos mencionados anteriormente referem-se às características da Conscienciosidade (Fernandes, 2000; Sulloway, 1997).

De acordo com a literatura, parece existir uma relação entre os traços de personalidade e os sintomas psicopatológicos (Krueger & Tackett, 2003; Miller, Schmidt, & Vaillancourt, 2008). De facto, os traços de introversão, nomeadamente isolamento, manifestados pelos indivíduos podem funcionar como um preditor de psicopatologia e do consumo de substâncias (Miller et al., 2008).

Por último, nas análises preditivas os resultados demonstram que o sexo feminino surge associado a uma maior ocorrência de Ansiedade, Depressão e Sensibilidade Interpessoal. Este resultado era esperado, dado que as raparigas mostram maior vulnerabilidade perante dificuldades interpessoais com tendência a internalizar os conflitos, em contrapartida, os rapazes apresentam uma maior externalização, convertendo as suas angústias de forma ativa através da hostilidade. Estes resultados são congruentes aos estudos empíricos que revelam que o sexo feminino apresenta valores mais elevados de sintomatologia psicopatológica comparativamente ao sexo masculino (e.g., Leach, Christensen, Mackinnon, Windsor, & Butterworth, 2008). No estudo de Lemos (2007) com intuito de identificar os fatores de risco e indicadores da psicopatologia em adolescentes, com uma amostra de 628 jovens, com idades compreendidas entre os 12 e os 19 anos, evidenciou, maior suscetibilidade no sexo feminino para desenvolver psicopatologia em relação ao sexo masculino. Através dos resultados, ainda, se verificou que as raparigas manifestam maior propensão para o desenvolvimento de perturbações de internalização, nomeadamente, a

perturbação de Ansiedade generalizada e a Depressão, ao invés dos rapazes que denotam maior predisposição para perturbações de exteriorização, nomeadamente, o consumo de substâncias e o insucesso escolar. Como foi mencionado anteriormente, o sexo feminino tende a internalizar os acontecimentos. As raparigas, tendencialmente, investem mais nos seus relacionamentos interpessoais, assumindo-se como suporte afetivo e de identidade pessoal, conseqüentemente, as mudanças experienciadas neste contexto constituem um fator de risco para a sua autoestima e o seu equilíbrio emocional (Sun & Hui, 2007). Desta forma, a adolescência pode ser vivenciada com alguma Ansiedade, dado que esta etapa do ciclo vital implica modificações a nível corporal e hormonal (e.g. Kristensen et al., 2004). Assim, no estudo Hutz e Bardagir (2006), onde avaliou a influência dos estilos parentais relativamente à dificuldade de seleção profissional, Ansiedade e Depressão, recorrendo a 467 jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 20 anos. Os resultados indicaram uma maior propensão de Ansiedade, Depressão e indecisão na escolha profissional no sexo feminino.

Nas análises preditivas os resultados apontaram ainda que a Extroversão e a Conscienciosidade predizem negativamente a Ansiedade e a Depressão. Já a Abertura à Experiência prediz apenas a Ansiedade. Os resultados sugerem que os indivíduos mais Extrovertidos, com maior Abertura à Experiência e Conscienciosidade encontram-se menos predispostos a desenvolverem Ansiedade e Depressão (Anderson & Hope, 2008; Clark, Watson, & Mineka, 1994). Os indivíduos Extrovertidos, e com Conscienciosidade apresentam propensão para a presença de emoções positivas e a socialização, contrariamente, à Ansiedade e Depressão que são perturbações relacionadas com emoções negativas e com o isolamento social (DSM-V, 2013). E neste sentido, indivíduos com níveis superiores de Extroversão e Conscienciosidade associam-se a um menor desenvolvimento de emoções negativas que são inibidas pelas emoções positivas, logo a predisposição para a Depressão ou Ansiedade é menor (DSM-V, 2013). Outro resultado auferido refere que a Extroversão e a

Conscienciosidade predizem negativamente a Sensibilidade Interpessoal. A Sensibilidade Interpessoal traduz-se num conjunto de características como a dificuldade nas relações interpessoais, a baixa autoestima, sentimentos de inferioridade e introversão perante as interações sociais (Canavarro, 2008). Neste sentido, pode-se deduzir que os indivíduos que apresentam traços de introversão encontram-se mais predispostos para desenvolver Sensibilidade Interpessoal, dado que manifestam insegurança, baixa autoconfiança e, conseqüentemente, denotam dificuldade em estabelecer novas relações sociais, pelo medo da rejeição e crítica (Canavarro, 2008).

Implicações práticas, limitações e propostas futuras

A violência em contexto familiar é um problema social que se encontra muito presente na nossa sociedade. Contudo, é descurada a criança ou adolescente que está constantemente exposta a este tipo de comportamento na família, pois os atos violentos não recaem sobre esta de forma direta, mas pode afetá-la de forma significativa, tendo implicações irreversíveis no seu desenvolvimento. Assim sendo, o estudo pretendeu analisar as repercussões que podem advir do testemunho de violência interparental no adolescente, podendo-se destacar as implicações práticas inerentes à elaboração do presente estudo, nomeadamente, a compreensão das conseqüências a nível psicopatológico e da personalidade que possam surgir devido à exposição do adolescente à violência interparental. Neste sentido, a investigação salienta a necessidade de implementar programas de intervenção para os adolescentes visando reduzir o impacto negativo da ocorrência do testemunho de violência entre os pais, bem como elaborar estratégias de *coping* para lidar com este fenómeno, e por conseguinte, prevenir o aparecimento de sintomas psicopatológicos.

O estudo apresentou algumas limitações relativas ao tamanho da amostra, não sendo representativa para a população portuguesa uma vez que a recolha de informação apenas abrangeu a zona norte do país. Outra limitação refere-se ao recurso de instrumentos de

autorrelato, que puderam levar à distorção de informação, sendo importante em investigações futuras utilizar instrumentos carácter qualitativo, por exemplos entrevistas semiestruturadas, de modo a facultar uma recolha de informação mais fidedigna e verdadeira. A escassez de estudos acerca dos traços de personalidade dos adolescentes expostos à violência interparental impossibilitou um aprofundamento desta temática.

Como propostas futuras seria pertinente realizar um estudo de carácter longitudinal para perceber se a sintomatologia psicopatológica nos adolescentes poderá progredir para perturbações do foro psicológico na adultícia. Outro aspeto a ser estudado poderia ser a nível das estratégias de *coping* e resiliência dos adolescentes expostos a episódios de violência entre as figuras parentais.

Referências

- Almeida, T. C., Gonçalves, R. A. & Sani, A. I. (2010). Comportamiento agresivo en el menor: Testimonio de conflictos interparentales. *Revista Infancia, Juventud y Ley*, 2, 78-81.
- Anderson, E., & Hope, D. (2008). A review of the tripartite model for understanding the link between anxiety and depression in youth. *Clinical Psychology Review*, 28, 275-287. doi:10.1016/j.cpr.2007.05.004.
- Araújo, L. C., Vieira, K. F. L., & Coutinho, M. P. L. (2010). Ideação suicida na adolescência: um enfoque psicossociológico no contexto do ensino médio. *Psico-USF*, 15(1), 47-57.
- Assis, F., & Ferreira, E. (2012). Repercussões da violência doméstica contra crianças e adolescentes. *Adolescência e Saúde*, 9(2), 53-39.
- Avanci, J., Assis, S., Oliveira, R., & Pires, T. (2009). Quando a convivência com a violência aproxima a criança do comportamento depressivo. *Ciência & Saúde Coletiva* 14(2), 383-394.
- Bancroft, L., & Silverman, J. (2002). *The batterer as parent: Addressing the impact of domestic violence on family dynamics*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Bandura, A. (1986). *Social foundations of thought and action: A social cognitive theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Bandura, A., Azzi, R. G., & Polydoro, S. (2008). *Teoria social cognitiva: Conceitos básicos*. Porto Alegre: Artmed.
- Black, D., Sussman, S., & Unger, J. (2010). A further look at the intergenerational transmission of violence: Witnessing interparental violence in emerging adulthood. *Journal of Interpersonal Violence*, 25(6), 1022-1042. doi: 10.1177/0886260509340539.

- Biazus, C. B., & Ramires, V. R. R. (2012). Depressão na adolescência: Uma problemática dos vínculos. *Psicologia em Estudo*, 17(1), 83-91.
- Brandon, M., & Lewis, A. (1996). Significant harm and children's experiences of domestic violence. *Child & Family Social Work*, 1(1), 33-42. doi: 10.1111/j.1365-2206.1996.tb00005.x.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bromley, E., Johnson, J. G., & Cohen, P. (2006). Personality strengths in adolescence and decreased risk of developing mental health problems in early adulthood. *Comprehensive Psychiatry*, 47(4), 315-324.
- Canavarro, M. (1999). Inventário de Sintomas Psicopatológicos: BSI. In M. Simões, M. Gonçalves, L. Almeida (Eds.), *Testes e Provas Psicológicas em Portugal* (vol. II, pp. 87-109). Braga: SHO/APPORT.
- Canavarro, M. C. (2008). Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI): Uma revisão crítica dos estudos realizados em Portugal. Em M. R. Simões, C. Machado, M. M. Gonçalves, & L. S. Almeida (Eds.), *Avaliação psicológica: Instrumentos validados para a população portuguesa* (Vol. III, pp. 305-330). Coimbra: Quarteto Editora.
- Carlson, B. (2000). Children exposed to intimate partner violence. Research findings and implications for intervention. *Trauma, Violence and Abuse*, 1(4), 321- 329.
- Cecconello, A., De Antoni, C., & Koller, S. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em Estudo*, 8, 45-54.
- Chemtob, C., & Carlson, J. (2004). Psychological effects of domestic violence on children and their mothers. *International Journal of Stress Management*, 11(3), 209-226. <http://dx.doi.org/10.1037/1072-5245.11.3.209>.

- Clark, L., Watson, D., & Mineka, S. (1994). Temperament, personality, and the mood and anxiety disorders. *Journal of Abnormal Psychology, 103*(1), 103-116. doi: 10.1037/0021-843X.103.1.103.
- Clemmons, J., DiLillo, D., Martinez, I., DeGue, S., & Jeffcott, M. (2003). Cooccurring forms of child maltreatment and adult adjustment reported by Latina college students. *Child Abuse & Neglect, 27*, 751-767.
- Cleto, P., & Costa, M. (1996). Estratégias de *coping* no início da adolescência. *Cadernos de Consulta Psicológico, 12*, 93-102.
- Costa, V., & Sani, A. (2007). Sintomatologia de pós-stress traumático em crianças expostas à violência interpaparental. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, 4*, 210-221.
- Costello, J., Copeland, W., & Angold, A. (2011), Trends in psychopathology across the adolescent years: What changes when children become adolescents, and when adolescents become adults? *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 52*, 1015–1025. doi:10.1111/j.1469-7610.2011.02446.x.
- Cummings, E., & Davies, P. (1994). *Children and marital conflict. The impact of family dispute and resolution*. New York: The Guilford Press.
- Cunningham, A., & Baker, L. (2004). *What about me! Seeking to understand a child's view of violence in the family*. London, ON: Centre for Children & Families in the Justice System.
- Cunningham, A. & Baker, L. (2005). *Learning to listen, learning to help: Understanding woman abuse and its effects on children*. London On: Centre for children & Families in the Justice systems of the London. Family court clinic.
- DeNeve, K., & Cooper, H. (1998). The happy personality: A metaanalysis of 137 personality traits and subjective well-being. *Psychological Bulletin, 124*, 197-229.

- Dix, T. (1991). The affective organization of parenting: Adaptive and maladaptive processes. *Psychology Bulletin*, 110(1), 3-25.
- Edleson, J. (1999). Children's witnessing adult domestic violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 14(8), 839-870.
- Fergusson, D., & Horwood, L. (1998). Exposure to interparental violence in childhood and psychosocial adjustment in young adulthood. *Child Abuse Negligence*, 22(5), 339-57.
- Fernandes, O. M. (2000). *Fratria e personalidade* (Tese de Doutorado não publicada), Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.
- Finkelhor, D. (2008). *Childhood victimization: Violence, crime, and abuse in the lives of young people*. New York: Oxford University Press.
- Gagné, M., Lavoie, F., & Hébert, M. (2005). Victimization during childhood and revictimization in dating relationships in adolescent girls. *Child Abuse & Neglect*, 29, 1155-1172.
- Ghazarian S, Buehler C. (2010). Interparental conflict and academic achievement: An examination of mediating and moderating factors. *Journal of Youth and Adolescence*, 39, 23-35.
- Gramstad, T., Gjestad, R., & Haver, B. (2013). Personality traits predict job stress, depression and anxiety among junior physicians. *BMC Medical Education*, 13, 150-159. doi 10.1186/1472-6920-13-150.
- Graham-Bermann, S. A. (1998). The impact of woman abuse on children's social development: Research and theoretical perspectives, In George Holden, Robert Geffner, Ernest Jouriles (Eds.) *Children exposed to marital violence. Theory, research and applied issues* (pp.21-54). Washington, American psychological Association.<http://dx.doi.org/10.1037/10257-001>.
- Graham, P. (2004). *The end of adolescence*. New York: Oxford University Press.

- Goldblatt, H. (2003). Strategies of coping among adolescents experiencing interparental violence. *Journal of Interpersonal Violence, 18*(5), 532-552. doi:<https://doi.org/10.1177/0886260503251071>.
- Grundy, A. M., Gondoli, D. M., & Blodgett Salafia, E. H. (2007). Marital conflict and preadolescent behavioral competence: Maternal knowledge as a longitudinal mediator. *Journal of Family Psychology, 21*(4), 675-682.
- Harold, G., Aitken, J., & Shelton, K. (2007). Inter-parental conflict and children's academic attainment: A longitudinal analysis. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 48*(12), 1223-1232.
- Hazan, C., & Zeifman, D. (1999). *Pair-b as attachments: Evaluating the evidence*. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment Theory and Research* (pp. 336-354). New York: Guilford.
- Holden, G. W. (1998). The development of research into another consequence of family violence. In George Holden, Robert, Ernest Jouriles (Eds.). *Children exposed to marital violence. Theory, research and applied issues* (pp.1-18). Washington, American psychological Association.
- Holt, S., Buckley, H., & Whelan, S. (2008). The impact of exposure to domestic violence on children and young people: A review of the literature. *Child Abuse & Neglect, 32*, 797-810. doi:[10.1016/j.chiabu.2008.02.004](https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2008.02.004).
- Hughes, H. (1988). Psychological and behavioral correlates of family violence in child witnesses and victims. *American Journal of Orthopsychiatry, 58*(1), 77-90. doi:[10.1111/j.1939-0025.1988.tb01568.x](https://doi.org/10.1111/j.1939-0025.1988.tb01568.x).
- Hughes, H., Humphrey, N., & Weaver, T. (2005). Advances in violence and trauma. Toward comprehensive ecological models. *Journal of Interpersonal Violence, 20*(1), 31-38.

- Hutz, C. S., & Bardagir, M. P. (2006). Indecisão profissional, Ansiedade e Depressão na adolescência: A influência dos estilos parentais. *Psico-USF*, 11(1), 65-73.
- Izaguirre, A., & Calvete, E. (2015). Children who are exposed to intimate partner violence: Interviewing mothers to understand its impact on children. *Child Abuse & Neglect* 48, 58-67.
- Jaffe, P. G., Wolfe, D. A., & Wilson, S. K. (1990). *Children of battered woman*. USA: Sage Publications.
- Johnson, R., Kotch, J., Catellier, D., Winsor, J., Dufort, V., Hunter, W., & Amaya-Jackson, L. (2002). Adverse behavioral and emotional outcomes from child abuse and witnessed violence. *Child Maltreatment*, 7(3), 179-186.
- Kang, H. J. (2012). The impact of family environment-related factors on violence against adults in the family. *Journal of Family Violence*, 27(4), 303-312. doi: 10.1007/s10896-012-9432-6.
- Kashni, J., Daniel, A., Dandoy, A., & Holcomb, W. (1992). Family violence: Impact on children. *Journal of the American Academy of Child Adolescent Psychiatry*, 31(2), 181-189.
- Kaufman, J., & Zigler, E. (1993). The intergenerational transmission of abuse is overstated. Ingelles, R. J. & Loseke, D. R. (Eds.) *Current Controversies on Family Violence* (pp. 209-221). Newbury Park, CA: Sage.
- Kitamura, T., & Hasui, C. (2006). Anger feelings and anger expression as a mediator of the effects of witnessing family violence on anxiety and depression in Japanese adolescents. *Journal of Interpersonal Violence*, 21(7) 843-855.
- Kitzmann, K., Gaylord, N., Holt, A., & Kenny, E. (2003). Child witnesses to domestic violence: A meta analytic review. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 71(2), 333-352.

- Kinsfogel, K., & Grych, J. (2004). Interparental conflict and adolescent dating relationships: integrating cognitive, emotional, and peer influences. *Journal Family Psychology, 18*(3), 505-515. doi:10.1037/0893-3200.18.3.505.
- Kristensen, C. H., Leon, J. S., D’Incao, D. B., & Dell’Aglío, D. D. (2004). Análise da frequência e do impacto de eventos estressores em uma amostra de adolescentes. *Interação em Psicologia, 8*(1), 45-55.
- Krueger, R., & Tackett, J. (2003). Personality and psychopathology: Working toward the bigger picture. *Journal of Personality Disorders, 17*(2), 109-128.
- Leach, S., Cristensen, H., Mackinnon, J., Windsor, D., & Butterworth, P. (2008). Gender differences in depression and anxiety across the adult lifespan: The role of 78 psychosocial mediators. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology, 43*(12), 983-998.
- Lemos, I. M. F. A. T. (2007). *Família, psicopatologia e resiliência na adolescência: Do risco psicossocial ao percurso delinquente*. (Tese de doutoramento não publicada). Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve, Algarve.
- Levendosky, A., Huth-Bocks, A., & Semel, M. (2002). Adolescent peer relationships and mental health functioning in families with domestic violence. *Journal of clinical child and adolescent psychology, 31*(2), 206-218.
- Levisky, D. (1998). *Adolescência: Reflexões psicanalíticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lopes, D. (2014). *Conflitos interparentais, psicopatologia e ideação suicida em adolescentes e jovens adultos: papel dos pares*. (Tese de mestrado não publicada). Universidade Trás-Os-Montes, Vila Real.
- Lourenço, L., Salgado, F., Amaral, A., Gomes, S., & Senra, L. (2011). O impacto do testemunho da violência interparental em crianças: Uma breve pesquisa bibliométrica e bibliográfica. *Revista Internacional de Psicologia, 4*(1), 104-

111.

- Lucas, R., & Donnellan, M. (2009). Age differences in personality: Evidence from a nationally representative Australian sample. *Developmental Psychology, 45*(5), 1353-1363.
- Luthar, S. (2003). *Resilience and vulnerability: Adaptation in the context of childhood adversities*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Luthra, R., & Gidycz, C.A. (2006). Dating violence among college men and women: Evaluation of a theoretical model. *Journal of Interpersonal Violence, 21*, 717-731.
- Marcelli, D. & Braconnier, A. (1989). *Manual de psicopatologia do adolescente*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Maroco, J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS*. Lisboa: Sílabo.
- Martin, P., Da Rosa, G., Siegler, I., Davey, A., MacDonald, M., & Poon, L. (2006). Personality and longevity: Findings from the Georgia centenarian study. *Age, 28* (4), 343-352. doi: 10.1007/s11357-006-9022-8.
- McDonald, R., Jouriles, E., Tart, C., & Minze, L. (2009). Children's adjustment problems in families characterized by men's severe violence toward women: does other family violence matter? *Child Abuse Negligence, 33*(2), 94-101. doi: 10.1016/j.chiabu.2008.03.005.
- McCrae, R., Costa, P., Jr., Ostendorf, F., Angleitner, A., Hrebícková, M., Avia, M., Sanz, J., Sánchez-Bernardos, M., Kusdil, M., Woodfield, R., Saunders, P., & Smith, P. (2000). Nature over nurture: Temperament, personality, and lifespan development. *Journal of Personality and Social Psychology, 78*, 173-186.
- McIntosh, J. (2002). Thought in the face of violence: A child's need. *Child Abuse and Neglect, 26*, 229-241.

- Milani, R., & Loureiro, S. (2009). Crianças em risco psicossocial associado à violência doméstica: O desempenho escolar e o autoconceito como condições de proteção. *Estudos de Psicologia, 14*(3), 191-198.
- Miller, J., Scchmidt, L., & Vaillancourt, T. (2008). Shyness, sociability, and eating problems in a non-clinical sample of female undergraduates. *Eating Behaviors, 9*(3), 352-359. doi: 10.1016/j.eatbeh.2008.01.001.
- Mullender, A., Hague, G., Imam, U., Kelly, L., Malos, E. & Regan, L. (2002). *Children's perspectives on domestic violence*. London: Sage Publication.
- O'Donnell, E. H., Moreau, M., Cardemil, E. V., & Pollastri, A. (2010). Interparental conflict, parenting, and childhood depression in a diverse urban population: The role of general cognitive style. *Journal of Youth Adolescence, 39*(1), 12-22.
- Oliveira, M., & Sani, A. (2009). A intergeracionalidade da violência nas relações de namoro. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e sociais do Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa issn 1646-0502.6* (pp.162-170).
- Øverlien, C. (2010). Abused women with children or children of abused women? A study of conflicting perspectives at women's refuges in Norway. *Child & Family Social Work, 16*(1), 71-80. doi: 10.1111/j.1365-2206.2010.00715.x.
- Parsons, C. (2003). Caring for adolescents and families in crisis. *Nursing Clinics of North America, 38*(1), 111-122. doi: 10.1016/S0029-6465(02)00071-3.
- Pedroso-Lima, M., Magalhães, E., Salgueira, A., Gonzalez, A., Costa, J., Costa, M., & Costa, P. (2014). A versão portuguesa do NEO-FFI: Caracterização em função da idade, género e escolaridade. *Revista da Associação Portuguesa de Psicologia, 28*(2), 1-10.
- Pereira, P., Santos, A., Williams, L. (2009). Desempenho escolar da criança vitimizada encaminhada ao fórum judicial. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 25*(1), 19-28. doi.org/10.1590/S0102-37722009000100003.

- Pratta, E. M. M., & Santos, M. A. (2007). Família e adolescência: A influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em Estudo*, 12(2), 247-256.
- Rodrigues, A. (2006). *De que é feito o amor entre os pais que se batem? Significados de amor, conjugalidade, papéis de género e violência em adolescentes expostos a violência doméstica* (Dissertação de Mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto.
- Rutter, M. (1987). Psychosocial resilience and protective mechanisms. *American Journal of Orthopsychiatry*, 57(3), 316-331.
- Rutter, M. & Rutter, M. (1993). *Developing minds: Challenge and continuity across the life span*. New York: Basic Books.
- Sawyer, M., Miller-Lewis, L, & Clark, J. (2006). The mental health of 13-17 year-olds in Australia: Findings from the national survey of mental health and well-being. *Journal of Youth and Adolescence*, 36(2), 185-194.
- Sani, A. (1999). Entrevista de avaliação – intervenção com crianças vitimizadas. In: Soares, A. P.; Araújo, S. & Caíres, S. (ed.). Actas do Congresso “Avaliação Psicológica: formas e contextos”. Braga, APPORT, Vol. VI., pp. 363-374.
- Sani, A. (2002). *As crianças e a violência. Representações de crianças vítimas e testemunhas de crime*. Coimbra, Quarteto editora.
- Sani, A. I. (2003), *As crenças, o discurso e a acção: As construções de crianças expostas à violência interparental* (Tese de doutoramento não publicada). Universidade do Minho, Braga.
- Sani, A. I. (2007). Las consecuencias de la violencia interparental en la infancia. In R. Arce, F. Fariña, E. Alfaro, C. Civera, & F. Tortosa (Eds.), *Psicología Jurídica Violencia y Víctimas* (pp. 13-21). Valencia: Sociedad Española de Psicología y Ley.

- Sani, A. (2008). Mulher e mãe no contexto de violência doméstica: A experiência de parentalidade. *Ex-aequo – Revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres*, 18, 123-133.
- Sani, A., & Almeida, T. (2011). Violência interparental: A vitimação indirecta de crianças. In A. I. Sani (Coord.), *Temas de Vitimologia: Realidades emergentes e respostas sociais* (pp. 11-31) Coimbra: Editora Almedina.
- Salisbury, E., Henning, K., & Holdford, R. (2009). Fathering by partner-abusive men: Attitudes on children's exposure to interparental conflict and risk factors for child abuse. *Child Maltreatment*, 14, 232-242.
- Sprinthall, N. A., & Collins, W. A. (1988). *Psicologia do adolescente: Uma abordagem desenvolvimentista* (2ª Ed.). (C. M. Vieira, Trad.) Lisboa: Fundação Calouste Gulenkian.
- Sulloway, F. J. (1997). *Born to Rebel: Birth order, family dynamics, and creative lives*. Nova Iorque: Vintage Books. (Obra original publicada em 1996).
- Sun, R. C. F., & Hui, E. K. P. (2007). Psychosocial factors contributing to adolescent suicidal ideation. *Journal of Youth and Adolescence*, 36(6), 775-786.
- Teodoro, M., Hess, A., Saraiva, L., & Cardoso, B. (2014). Problemas emocionais e de comportamento e clima familiar em adolescentes e seus pais. *Psicologia*, 45(2), 168-175.
- Vreeke, L., & Muris, P. (2012). Relations between behavioral inhibition, Big Five personality factors, and anxiety disorder symptoms in non-clinical and clinically anxious children. *Child Psychiatry and Human Development*, 43, 884-894.
- Wekerle, C., & Wolfe, D. (1999). Dating violence in mid-adolescence: Theory, significance, and emerging prevention initiatives. *Clinical Psychology Review*, 19, 435-456.

- Whiteside-Mansell, L., Bradley, R., McKelvey, L., & Fussel, J. (2009). Parenting: Linking impacts of interpartner conflict to preschool children's social behavior. *Journal of Pediatric Nursing, 24*(5), 389-400. doi: org/10.1016/j.pedn.2007.08.017.
- Widom, C. (1989). Child abuse, neglect and adult behavior: Research design and findings on criminality, violence, and child abuse. *American Journal of Orthopsychiatry, 59*, 355-367.
- Yamamoto, M., Tomotake, M. & Ohmori, T. (2008). Construction and reliability of the Japanese Version of the Adolescent Egocentrism – Sociocentrism (AES) Scale and its Preliminary Application in the Japanese University Students. *The Journal of Medical Investigation, 58*, 254 -259.

Considerações Finais

A realização do presente estudo empírico possibilitou analisar as consequências inerentes à violência interparental no exercer da parentalidade e o impacto da exposição à violência interparental nos adolescentes. Este trabalho contribui para a aquisição de aprendizagens relativas ao fenómeno da violência interparental, especificamente, a importância em estudar o impacto nas vítimas indiretas que, geralmente, são desvalorizadas e que por sua vez não sofrem qualquer repercussão, visto que a ocorrência de violência não se direciona diretamente para as mesmas. A investigação serve também como um despertar para a sociedade em geral e para os profissionais que se deparam com esta realidade, uma vez que em Portugal, os estudos acerca das repercussões em casos de ocorrência de violência são escassos. Viver num ambiente familiar hostil e violento, afeta, direta e indiretamente, o adolescente que experiencia todo este acontecimento. A perceção que constrói acerca do ambiente que o rodeia e no qual se encontra inserido é desordenada criando crenças e valores baseados no seu sistema familiar. Neste sentido, torna-se pertinente compreender as implicações deste fenómeno na saúde mental das crianças ou adolescentes.

Este fenómeno assume um impacto direto quando interfere com os progenitores no exercer da sua parentalidade, o qual despoleta na vítima uma fragilidade emocional, incapacitando-a de desempenhar as suas competências parentais, bem como influencia a qualidade das interações progenitores-filhos, denotando-se indisponibilidade emocional e o recurso a estilos parentais ineficazes. A Agressão Psicológica exercida sobre a progenitora potencializa o uso de estratégias autoritárias, com recurso à punição, no processo de educação dos seus filhos. Para além de se tornar uma mãe inconsistente, menos responsiva, negligente e manifestando pouca afetividade.

Outro dado que se evidenciou na presente investigação refere-se à divergência de percepções relativas aos sexos face às figuras parentais, no qual o sexo feminino apresenta uma maior percepção de apoio e afeto face às figuras de vinculação. À semelhança de estudos empíricos, os indivíduos do sexo feminino descrevem os progenitores como responsivos e exigentes, e mais democráticos. Em contrapartida, os indivíduos do sexo masculino apresentam uma maior percepção de coerção física por parte dos pais e definem os mesmos como mais autoritários. Geralmente, a mãe é considerada mais democrática e o pai mais autoritário.

Também, os adolescentes mais velhos testemunham níveis de violência psicológica do que os mais novos. Este facto pode se justificar tendo em conta a adolescência, uma vez que se traduz num processo de transição entre a infância e a adultícia, acompanhado de um conjunto de aquisições, nomeadamente, maior responsabilidade, autonomia e independência e maior maturidade. Geralmente, os sujeitos mais velhos apresentam uma maior compreensão acerca do comportamento dos progenitores na resolução de conflitos, denotando uma incapacidade em recorrer a estratégias adequadas para lidar com as situações conflituosas, optando pela Agressão Psicológica. Já os adolescentes mais novos, como se encontram no início da adolescência direcionam a sua atenção para as experiências exteriores, relacionamento com os pares, demonstrando-se menos focados nos conflitos existentes no ambiente familiar.

Quanto aos estilos parentais, os indivíduos mais novos percebem maiores níveis de Apoio e Afeto, Cedência de Autonomia/Participação Democrática e Coerção Física do que os indivíduos mais velhos. Com o avançar da adolescência, o relacionamento entre os progenitores e os filhos torna-se gradualmente igualitário, e, desta forma, os adolescentes mais velhos descrevem o comportamento parental menos controlador e autoritário, e os adolescentes mais novos apresentam uma percepção de maior suporte social e controlo

parental. Outro resultado previsível, é o facto de os filhos únicos terem uma maior percepção de apoio e afeto da mãe do que os indivíduos com irmãos.

Os estudos empíricos acerca da temática da exposição dos adolescentes à violência interparental são recentes. O impacto deste fenómeno poderá originar elevados riscos no funcionamento do adolescente, tanto a nível psicológico como físico. As consequências que advém da exposição à violência interparental são complexas e múltiplas com influência nos distintos níveis do desenvolvimento: comportamental, emocional, cognitivo e físico, e com ocorrência em diferentes momentos temporais: imediatos e/ou longo prazo. A exposição à violência interparental, pode, ainda, apresentar um impacto indireto devido à sua interferência com o ambiente familiar. Testemunhar Agressão Psicológica entre as figuras parentais torna os adolescentes mais suscetíveis na saúde mental, aumentando a probabilidade de manifestar sintomas psicopatológicos (depressão, ansiedade e sensibilidade interpessoal) e traços de personalidade de introversão, menos conscienciosos e maior dificuldade em interagir com o meio que o rodeia.

A literatura refere que os traços de personalidade podem exercer um efeito preditor no desenvolvimento de psicopatologia. Geralmente, os indivíduos com traços de personalidade de introversão e considerados como menos conscienciosos apresentam maior propensão para sintomas psicopatológicos, nomeadamente, a Ansiedade e a Depressão. Em relação aos sujeitos com valores reduzidos relativos à abertura à experiência revelam maior predisposição para a ansiedade. Em contrapartida sujeitos extrovertidos, com níveis superiores de abertura à experiência e conscienciosidade desenvolvem mais emoções positivas levando à inibição das emoções negativas e, por sua vez, menor tendência para manifestar sintomatologia psicopatológica. A presença de violência constante no sistema familiar desencadeia uma experiência traumática para o adolescente, uma forma de vitimação infantil que não deve ser camuflada, e no qual merece uma maior atenção dos profissionais de saúde mental e dos

serviços sociais. De ressaltar, que é de extrema relevância implementar programas de prevenção e intervenção para reverter as sequelas inerentes a este fenómeno com intuito de minorar a presença de sintomas psicopatológicos, contribuindo para uma saúde mental benéfica.

Este trabalho de investigação não pode ser considerado como um término uma vez que foi acompanhado de algumas limitações, contudo poderá servir como um ponto de partida para investigações futuras. O facto de a amostra ser apenas na zona Norte não permitindo a generalização dos dados para a restante população portuguesa.

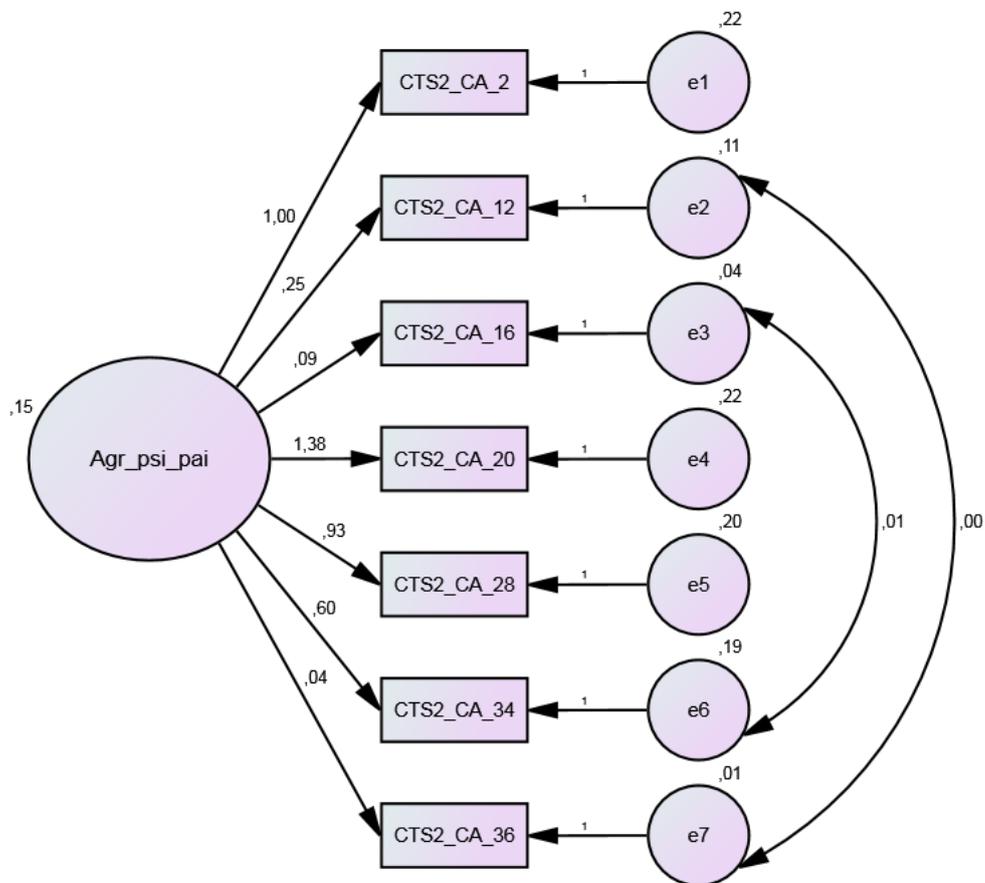
Relativamente ao primeiro estudo empírico, em investigações futuras seria pertinente explorar o impacto da violência interpaparental no exercício de parentalidade, nomeadamente ao nível do progenitor, uma vez que os estudos acerca desta temática, ainda são escassos e envolvem sobretudo as vítimas do sexo feminino, descurando a possibilidade de ocorrência de violência contra o sexo masculino. A violência conjugal contra o homem é uma problemática que ocorre, no entanto ainda se encontra camuflada pela sociedade, talvez pelo facto do homem ser uma figura vista como corajoso e superior à mulher, havendo uma certa vergonha do sexo masculino em denunciar os atos violentos que sofrem em relação à mulher. Neste sentido, é de extrema pertinência sensibilizar os profissionais e a sociedade acerca da violência contra o homem.

No que concerne ao segundo estudo empírico, que se direcciona para as sequelas adversas da exposição do adolescente à violência interpaparental, denotou-se a escassez de estudos acerca dos traços de personalidade dos adolescentes expostos à violência interpaparental o que impossibilitou um aprofundamento desta temática. Como propostas futuras seria pertinente realizar um estudo de carácter longitudinal para perceber se a sintomatologia psicopatológica nos adolescentes poderá progredir para perturbações do foro psicológico na idade adulta. Também seria relevante em investigações futuras analisar as estratégias de *coping* e

resiliência dos adolescentes expostos a episódios de violência entre as figuras parentais, visto que nem todos os indivíduos são afetados da mesma maneira e apresentam diferentes formas de agir.

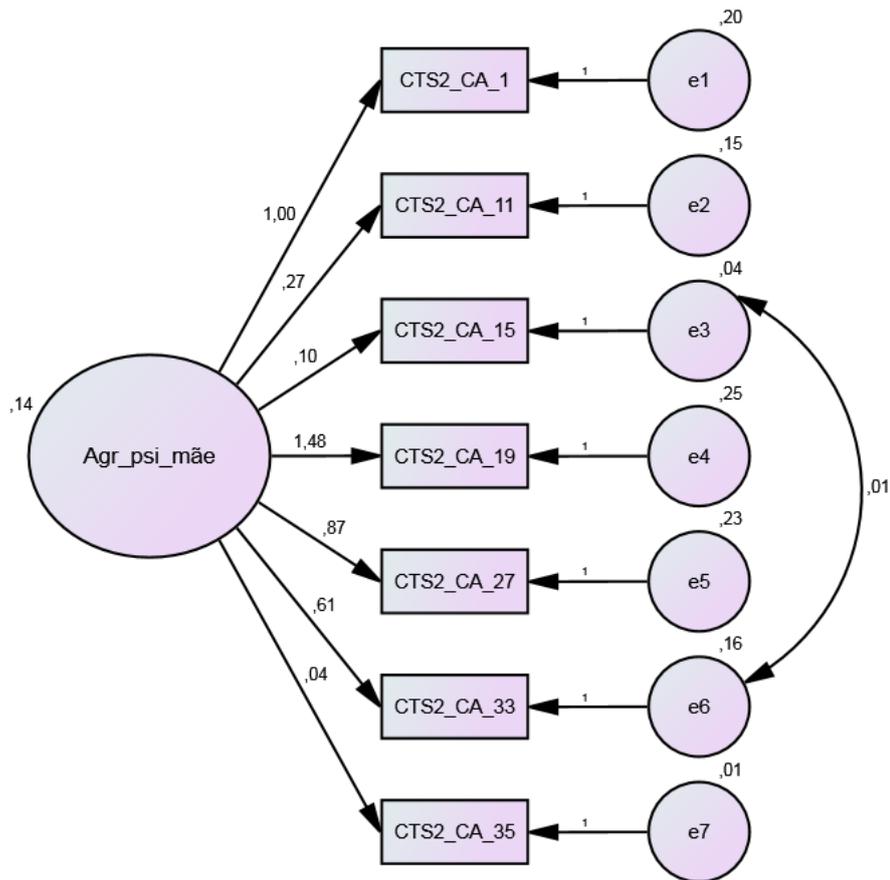
ANEXOS

Anexo 1. Análise Fatorial Confirmatória de 1ª Ordem do Questionário *The Revised Conflict Tactics Scale - Parent-to-Parent Version (CTS2 – CA)* ao pai



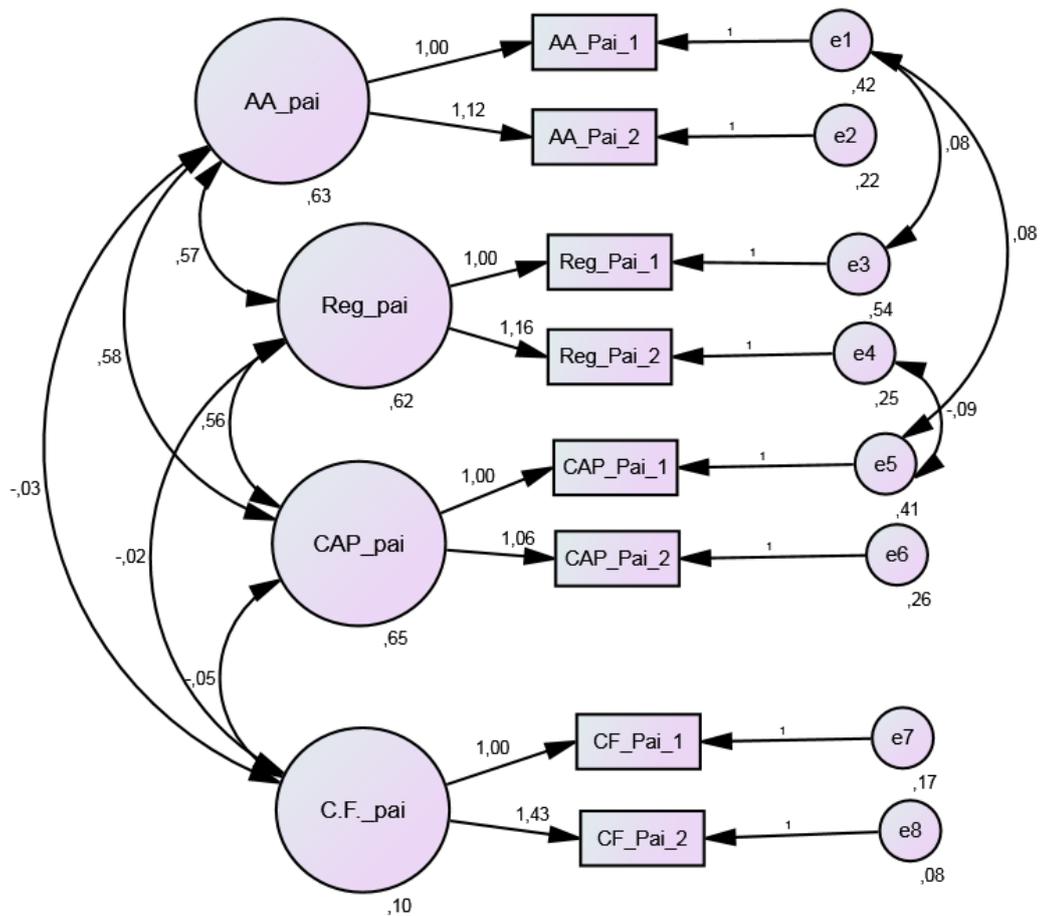
$\chi^2(12) = 35,099$ Ratio = 2.925, $p = .000$, com CFI = .977; SRMR = .004; RMSEA = .042

Anexo 2. Análise Fatorial Confirmatória de 1ª Ordem do Questionário *The Revised Conflict Tactics Scale - Parent-to-Parent Version (CTS2 – CA)* à mãe



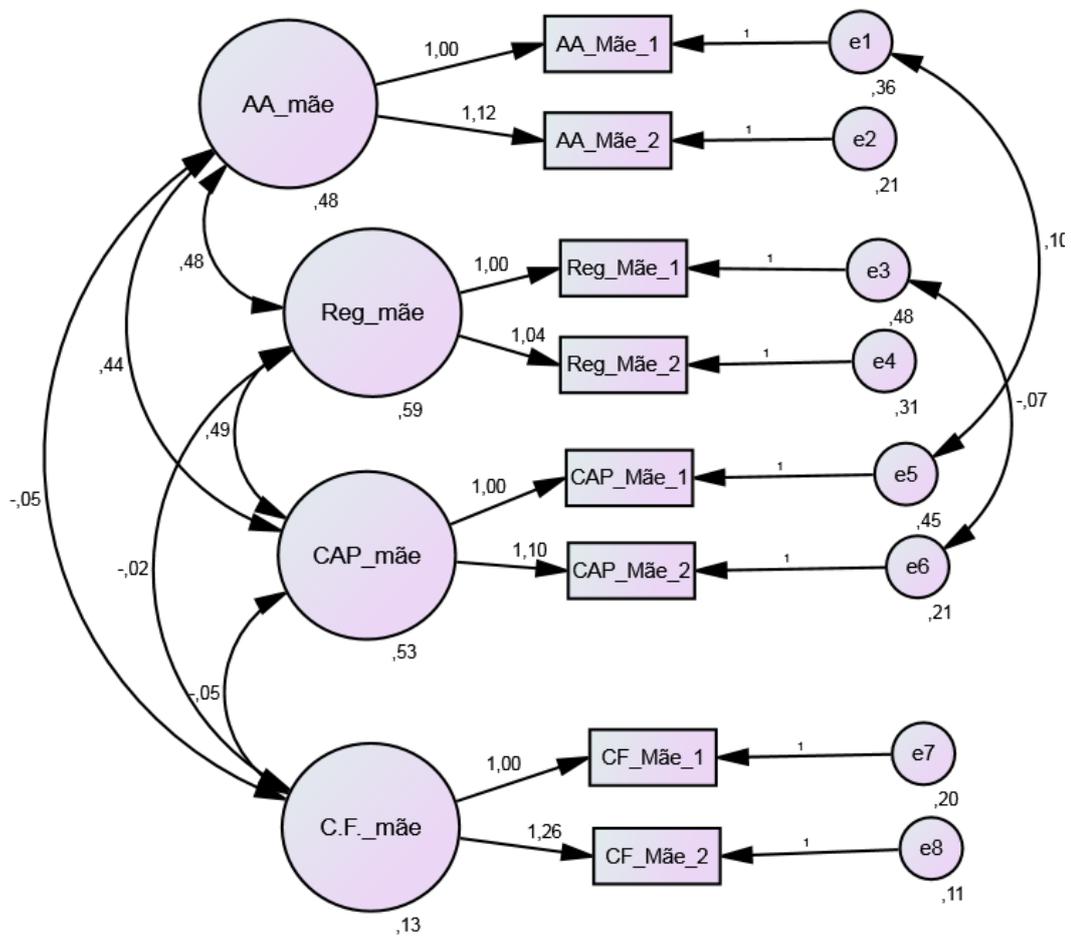
$\chi^2(13) = 38.477$ Ratio = 2.960, $p = .000$, com CFI = .971; SRMR = .004; RMSEA = .042

Anexo 3. Análise Fatorial Confirmatória de 1ª Ordem do Questionário Parenting Styles and Dimensions Questionnaire: Short Version (PSDQ) ao pai



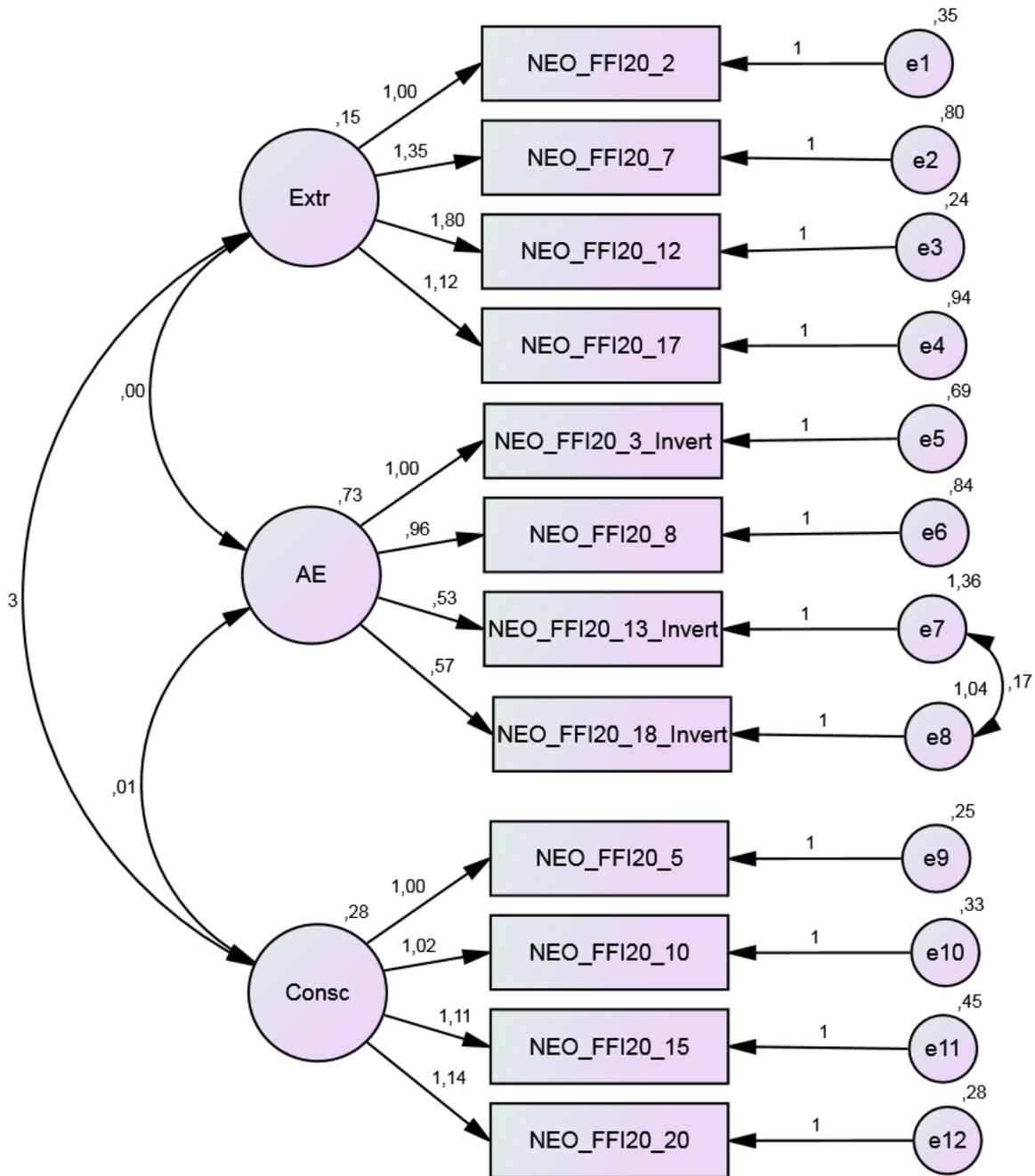
$\chi^2(11) = 28.680$ Ratio = 2.607, $p = .003$, com CFI = .996; SRMR = .012; RMSEA = .038.

Anexo 4. Análise Fatorial Confirmatória de 1ª Ordem do Questionário Parenting Styles and Dimensions Questionnaire: Short Version (PSDQ) à mãe



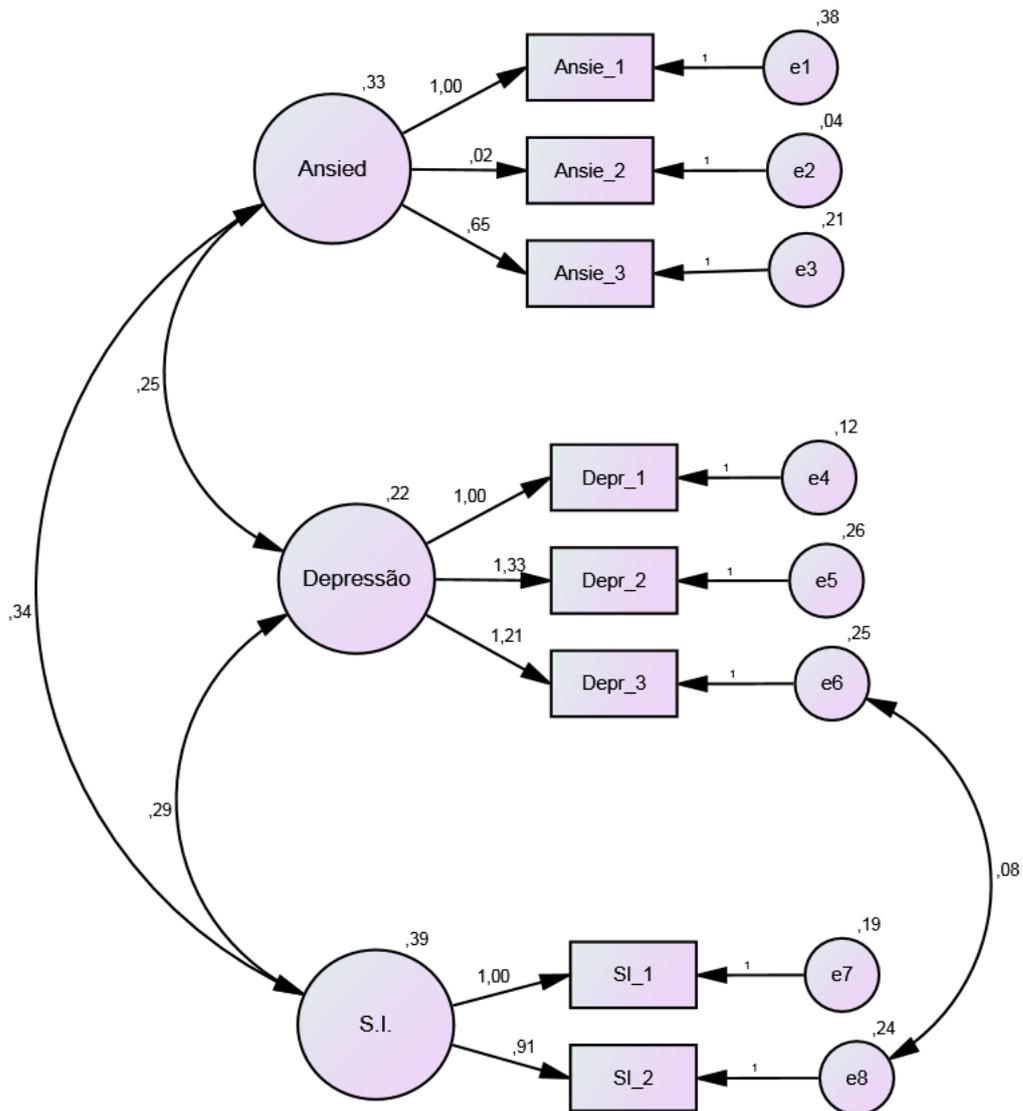
$\chi^2(12) = 47.139$ Ratio = 3.928, $p = .000$, com CFI = .991; SRMR = .014; RMSEA = .052

Anexo 5. Análise Fatorial Confirmatória de 1ª Ordem do Questionário O Inventário de Personalidade dos Cinco Fatores (NEO-FFI-20)



$\chi^2(50) = 128.708$ Ratio = 2.846, $p = .000$, com CFI = .972; SRMR = .035; RMSEA = .038.

Anexo 6. Análise Fatorial Confirmatória de 1ª Ordem do Questionário *Brief Symptom Inventory (BSI)*



$\chi^2(16) = 52.251$, *Ratio* = 3.27, $p = .000$, com CFI = .99; SRMR = .009; RMSEA = .046.

Anexo 7. Protocolo



Vila Real, 2015

Caro(a) Jovem,

Somos alunas do Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e pretendemos realizar os nossos projetos de investigação, com vista à obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica. A base de investigação destes projetos tem como finalidade estudar o papel da vinculação, da violência e dos estilos parentais na personalidade, saúde mental, competências sociais e no desenvolvimento de comportamentos de *bullying* e de ideação suicida de adolescentes e jovens adultos.

Esta instituição foi selecionada para fazer parte da amostra, por isso pedimos que cooperes no preenchimento dos questionários. Desde já garantimos a máxima confidencialidade dos dados. A informação referente à tua identificação pessoal, assim como da tua família e da tua relação com os pares, serve apenas para descrever a amostra de adolescentes e jovens adultos em geral, permitindo-nos ao mesmo tempo relacionar os vários questionários à mesma pessoa.

Pedimos-te que leias atentamente os questionários e respostas de forma sincera e com a maior exatidão possível, dando a tua opinião face às questões apresentadas. Recorda-te que o objetivo não é verificar se as respostas estão corretas ou erradas, apenas importa verificar o que pensas ou sentes.

Por favor responde a todos os itens dos questionários apresentados e sempre que te surgir alguma dúvida solicita ajuda das investigadoras. Devemos ainda referir que a participação é voluntária e agradecemos desde já a tua colaboração.

Com os melhores cumprimentos,

A equipa de investigação,

(Mónica Pinheiro)

(Etelvina Teixeira)

(Sara Ferreira)

(Rita Tavares)

Nº do sujeito: _____

1. Identificação Pessoal

Sexo: Feminino Masculino **Idade:** _____ anos

Escolaridade: _____ ano que frequenta

2. Identificação Familiar

2.1 Pai Idade: _____ Profissão: _____ Escolaridade: _____

2.2 Mãe Idade: _____ Profissão: _____ Escolaridade: _____

2.3 Número de irmãos: _____ Idade dos irmãos: 1º _____ Sexo? _____

2º _____ Sexo? _____

3º _____ Sexo? _____

2.4 Estado civil dos pais

Casados/União de facto Há quanto tempo: _____

Separados/Divorciados Há quanto tempo: _____

Viúvos Há quanto tempo: _____

3. Relação com os pares

3.1 Neste momento namora? Não Sim Duração da relação?

3.2 Sente que tem muitos amigos? Sim Não

3.3 Na maioria das vezes, prefiro iniciar/manter o contato com os meus amigos:

Cara a cara

Internet

Telemóvel

PSDQ

(Robinson, Mandleco, Olsen, & Hart, 2001; Tradução de Nunes & Mota, 2013)

As seguintes afirmações medem com que frequência e de que modo os teus pais atuam contigo. Lê atentamente cada uma das frases e **assinala com uma cruz (X)** as respostas. Responde em colunas separadas para o pai e para a mãe.

Nunca	Algumas Vezes	Metade das vezes	Muitas vezes	Sempre
1	2	3	4	5

	PAI					MÃE				
1. Os meus pais são sensíveis aos meus sentimentos e necessidades.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
2. Os meus pais castigam-me fisicamente como forma de me disciplinar.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
3. Os meus pais têm em conta os meus desejos antes de me pedirem que faça algo.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4. Quando pergunto aos meus pais porque tenho de lhes obedecer, eles dizem-me: “porque eu disse” ou “porque somos teus pais e queremos que o faças”.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5. Os meus pais explicam-me como se sentem quando me comporto bem e quando me comporto mal.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
6. Os meus pais batem-me quando sou desobediente.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
7. Os meus pais encorajam-me a falar dos meus problemas.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
8. Os meus pais consideram difícil disciplinar-me.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
9. Os meus pais encorajam-me a expressar-me livremente mesmo quando não concordam comigo.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
10. Os meus pais castigam-me retirando-me privilégios, fazendo-o com poucas ou nenhuma explicação.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
11. Os meus pais realçam os motivos das regras que implementam.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
12. Os meus pais confortam-me e são compreensivos quando estou “em baixo”.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
13. Quando me comporto mal, os meus pais falam alto ou gritam.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
14. Quando me comporto bem, os meus pais elogiam-me.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
15. Os meus pais cedem quando eu faço birra.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
16. Os meus pais têm explosões de raiva comigo.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
17. Os meus pais ameaçam-me mais vezes com castigos do que me castigam efetivamente.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
18. Os meus pais têm em conta as minhas preferências.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
19. Os meus pais agarram-me com força quando eu desobedeço.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
20. Os meus pais dizem que me castigam, mas depois não cumprem.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
21. Os meus pais mostram respeito pelas minhas opiniões, encorajando-me a expressá-las.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5

NEO-FFI-20

(Costa & McCrae, 1992; Adaptação de Bertoquini, V., & Pais-Ribeiro, J. L., 2006)

Lê cada afirmação com atenção. Para cada afirmação, **marca com uma cruz (X)** apenas a coluna que melhor corresponde à tua opinião. Não existem respostas certas nem erradas. Descreve as tuas opiniões rápida, espontânea e honestamente. Responde a todas as questões.

Discordo Fortemente	Discordo	Neutro	Concordo	Concordo Fortemente
1	2	3	4	5

1. Raramente estou triste ou deprimido(a).	1	2	3	4	5
2. Sou uma pessoa alegre e bem disposta.	1	2	3	4	5
3. A poesia pouco ou nada me diz.	1	2	3	4	5
4. Tendo a pensar o melhor acerca das pessoas.	1	2	3	4	5
5. Sou eficiente e eficaz no meu trabalho.	1	2	3	4	5
6. Sinto-me, muitas vezes, desamparado(a), desejando que alguém resolva os meus problemas por mim.	1	2	3	4	5
7. Muitas vezes, sinto-me a rebentar de energia.	1	2	3	4	5
8. Às vezes ao ler poesia e ao olhar para uma obra de arte sinto um arrepio ou uma onda de emoção.	1	2	3	4	5
9. A minha primeira reação é confiar nas pessoas.	1	2	3	4	5
10. Sou uma pessoa muito competente.	1	2	3	4	5
11. Raramente me sinto só ou abatido(a).	1	2	3	4	5
12. Sou uma pessoa muito ativa.	1	2	3	4	5
13. Acho as discussões filosóficas aborrecidas.	1	2	3	4	5
14. Algumas pessoas consideram-me frio(a) e calculista.	1	2	3	4	5
15. Esforço-me por ser excelente em tudo o que faço.	1	2	3	4	5
16. Houve alturas em que experimentei ressentimento e amargura.	1	2	3	4	5
17. Sou dominador(a), cheio(a) de força e combativo(a).	1	2	3	4	5
18. Não dou grande importância às coisas da arte e da beleza.	1	2	3	4	5
19. Tendo a ser descrente ou a duvidar das boas intenções dos outros.	1	2	3	4	5
20. Sou uma pessoa aplicada, conseguindo sempre realizar o meu trabalho.	1	2	3	4	5

BSI

(L.R. Derogatis, 1993; Versão: M.C. Canavarro, 1995)

A seguir encontra-se uma lista de problemas e sintomas que por vezes as pessoas apresentam. Assinala, num dos espaços à direita de cada sintoma, aquele que melhor descreve **o grau em que cada problema te incomodou durante a última semana**. Para cada problema ou sintoma marca apenas um espaço com uma cruz. Não deixes nenhuma pergunta por responder.

Em que medida foi incomodado pelos seguintes sintomas:	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Muitíssimas vezes
1. Nervosismo ou tensão interior					
2. Pensamento de acabar com a vida.					
3. Ter um medo súbito sem razão para isso					
4. Sentir-se sozinho					
5. Sentir-se triste					
6. Não ter interesse por nada					
7. Sentir-se atemorizado					
8. Sentir-se facilmente ofendido nos seus sentimentos					
9. Sentir que as outras pessoas não são suas amigas ou não gostam de si					
10. Sentir-se inferior aos outros					
11. Sentir-se sem esperança para o futuro					
12. Sentir-se em estado de aflição ou tensão					
13. Sentir-se embaraçado junto de outras pessoas					
14. Ter ataques de terror ou pânico					
15. Sentir-se tão desassossegado que não consegue manter-se sentado e quieto					
16. Sentir que não tem valor					

Relações entre os Pais (CTS2-CA)

Não importa o tempo que os pais permanecem juntos, por vezes eles discordam, ficam aborrecidos um com o outro, querem coisas diferentes um do outro, ou simplesmente têm discussões porque estão mal-humorados, cansados ou por outra razão. Os pais também podem ter maneiras diferentes de tentar impor as suas diferenças um ao outro. De seguida existe uma lista de coisas que podem ter acontecido quando os teus pais tiveram diferenças ou estiveram zangados um com o outro.

Se os teus pais não viviam juntos no último ano, e viveste com a tua mãe ou o teu pai e os seus respetivos companheiros, responde em relação a eles. Se viveste aos cuidados de outras pessoas que não os teus pais (outros cuidadores) responde em relação a eles. Por favor, **assinala quantas vezes aconteceram as coisas abaixo indicadas no último ano.**

AFIRMAÇÕES	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Muitas vezes
1. A minha mãe insultou ou disse palavrões contra o meu pai.	1	2	3	4	5
2. O meu pai insultou ou disse palavrões contra a minha mãe.	1	2	3	4	5
3. A minha mãe atirou alguma coisa que poderia ter magoado o meu pai.	1	2	3	4	5
4. O meu pai atirou alguma coisa que poderia ter magoado a minha mãe.	1	2	3	4	5
5. A minha mãe torceu o braço ou puxou o cabelo ao meu pai.	1	2	3	4	5
6. O meu pai torceu o braço ou puxou o cabelo à minha mãe.	1	2	3	4	5
7. A minha mãe empurrou ou apertou o meu pai.	1	2	3	4	5
8. O meu pai empurrou ou apertou a minha mãe.	1	2	3	4	5
9. A minha mãe usou uma faca ou uma arma contra o meu pai.	1	2	3	4	5
10. O meu pai usou uma faca ou uma arma contra a minha mãe.	1	2	3	4	5
11. A minha mãe chamou de gordo ou feio o meu pai.	1	2	3	4	5
12. O meu pai chamou de gordo ou feio a minha mãe.	1	2	3	4	5
13. A minha mãe esmurrou ou bateu no meu pai.	1	2	3	4	5
14. O meu pai esmurrou ou bateu na minha mãe.	1	2	3	4	5

15. A minha mãe destruiu algo que pertencia ao meu pai.	1	2	3	4	5
16. O meu pai destruiu algo que pertencia à minha mãe.	1	2	3	4	5
17. A minha mãe tentou sufocar o meu pai.	1	2	3	4	5
18. O meu pai tentou sufocar a minha mãe.	1	2	3	4	5
19. A minha mãe gritou ou berrou com o meu pai.	1	2	3	4	5
20. O meu pai gritou ou berrou com a minha mãe.	1	2	3	4	5
21. A minha mãe atirou o meu pai contra a parede.	1	2	3	4	5
22. O meu pai atirou a minha mãe contra a parede.	1	2	3	4	5

Anexo 8. Pedido de autorização à Direção Geral De Educação



Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar

Início » Pesquisar inquéritos » **Ficha de inquérito**

Dados da Entidade

Nome da entidade:

Tipo de entidade:

Utilizador:

Palavra-chave:

- Início
- Pesquisar inquéritos
- Registar entidade

Dados do Inquérito

Número de registo:
050600001

Designação:
Vinculação, violência e estilos parentais: Implicações da personalidade, resiliência, saúde mental e competências sociais no desenvolvimento de comportamentos de bullying e ideação suicida em adolescentes e jovens adultos.

Descrição:
Somos alunas do Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e pretendemos realizar os nossos projetos de investigação, com vista à obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica. Para a realização desse trabalho científico foi realizado um protocolo conjunto que está a ser orientado pela Prof. Doutora Catarina Pinheiro Mota, Prof. Doutora Inês Relva e Prof. Doutora Otilia Monteiro Fernandes.

Objectivos:
Este projeto tem como finalidade estudar o papel da vinculação, da violência e dos estilos parentais na personalidade, saúde mental, competências sociais e no desenvolvimento de comportamentos de bullying e de ideação suicida de adolescentes e jovens adultos (ver nota metodológica)

Periodicidade:

Data do início do período de recolha de dados:

Data do fim do período de recolha de dados:

Universo:

Unidade de observação:

Método de recolha de dados:

Inquérito registado no Sistema Estatístico Nacional:

Inquérito aplicado pela entidade:

[Voltar](#)

RE: Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar: Inquérito nº 0506000001

From: mime-noreply@gepe.min-edu.pt

Date: Thu, 17 Sep 2015 15:59:56 +0100

Subject: Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar: Inquérito nº 0506000001

Exmo(a)s. Sr(a)s.

O pedido de autorização do inquérito n.º 0506000001, com a designação *Vinculação, violência e estilos parentais: Implicações da personalidade, resiliência, saúde mental e competências sociais no desenvolvimento de comportamentos de bullying e ideação suicida em adolescentes e jovens adultos.*, registado em 24-07-2015, foi **aprovado**.

Avaliação do inquérito:

Exmo.(a) Senhor(a) Sara Ferreira; Mónica Pinheiro; Rita Tavares; Etelvina Teixeira;

Venho por este meio informar que o pedido de realização de inquérito em meio escolar é autorizado uma vez que, submetido a análise, cumpre os requisitos, devendo atender-se às observações aduzidas.

Com os melhores cumprimentos

José Vítor Pedroso

Diretor-Geral

DGE

Observações:

- a) A realização dos Inquéritos fica sujeita a autorização das Direções dos Agrupamentos de Escolas do ensino público a contactar para a realização do estudo e citadas na nota metodológica. Merece especial atenção o modo, o momento e as condições de aplicação dos instrumentos de recolha de dados em meio escolar, porque muito onerosos e inquirindo sobre matérias de sensibilidade pessoal e vida privada, devendo fazer-se em estreita articulação com a Direção do Agrupamento.
- b) Deve considerar-se o disposto na Lei nº 67/98 em matéria de garantia de anonimato dos sujeitos, confidencialidade, proteção e segurança dos dados, sendo necessário solicitar o consentimento informado e esclarecido do titular dos dados. No caso presente de inquirição de alunos menores (menos de 18 anos) este deverá ser primeiramente atestado pelos seus representantes legais mas também recolhendo o seu consentimento informado e esclarecido sobre os objetivos do estudo e sobre o teor das questões a serem colocadas. As autorizações assinadas pelos Encarregados de Educação e pelos alunos devem ficar em poder da Escola/Agrupamento ao qual pertencem os alunos. Não deve haver cruzamento ou associação de dados entre os que são recolhidos pelos instrumentos de inquirição e os constantes das declarações de consentimento informado.
- c) Informa-se ainda que a DGE não é competente para autorizar a realização de estudos/aplicação de inquéritos ou outros instrumentos em estabelecimentos de ensino privados e para autorizar a realização de intervenções educativas/desenvolvimento de projetos e atividades/programas de intervenção/formação em meio escolar junto de alunos em contexto de sala de aula, dado ser competência da Escola/Agrupamento.
- d) A DGE gostaria de ter conhecimento dos resultados e conclusões do presente estudo dada a sua relevância para o sistema de ensino. Pode consultar na Internet toda a informação referente a este pedido no endereço <http://mime.gepe.min-edu.pt>. Para tal terá de se autenticar fornecendo os dados de acesso da entidade.

Anexo 9. Pedido de consentimento informado

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Vila Real, 26 de Outubro de 2015

Exmo. Encarregado(a) de educação

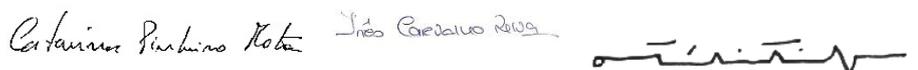
No âmbito de um projeto de investigação conjunto a decorrer no 2º ciclos de Psicologia Clínica e na qualidade de orientadoras, Catarina Pinheiro Mota, Inês Relva e Otilia Monteiro Fernandes, Professoras na Escola de Ciências Sociais e Humanas – Departamento de Educação e Psicologia, da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, vimos por este meio solicitar autorização para a recolha de dados que integra o projeto intitulado: Vinculação, violência e estilos parentais: Implicações da personalidade, resiliência, saúde mental e competências sociais no desenvolvimento de comportamentos de *bullying* e ideação suicida em adolescentes e jovens adultos. Para o efeito, serão administrados alguns questionários de recolha de dados junto de adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 19 anos.

Cabe ressaltar que nos comprometemos a salvaguardar os melhores interesses dos jovens. Todos os dados recolhidos serão confidenciais e anónimos, sendo que em momento algum a identidade dos adolescentes será revelada em qualquer relatório ou publicação, ou a qualquer pessoa não relacionada diretamente com este estudo. Para além disso, salvaguarda-se que a participação dos próprios neste estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem que essa decisão se reflita em qualquer prejuízo para os mesmos.

Ao participar neste trabalho, estão a colaborar para o desenvolvimento da investigação em Portugal sobre a adolescência, não sendo, contudo, acordado qualquer benefício direto ou indireto pela colaboração dos adolescentes.

Esperando de V.^a Ex.^a a melhor compreensão e colaboração, fico a aguardar autorização, dispondo-me naturalmente para qualquer esclarecimento adicional.

Com os melhores cumprimentos



(Prof. Doutora Catarina Pinheiro Mota
Prof. Doutora Inês Relva
Prof. Doutora Otilia Monteiro Fernandes)
Responsáveis pela orientação do projeto

Eu, _____ encarregado(a) do aluno(a) _____

declaro que fui informado sobre os objetivos do presente trabalho e autorizo-o a participar no preenchimento dos questionários

Data ___/___/___

Anexo 10. Pedido de autorização às escolas secundárias e universitárias

**Anexo 11. Pedido de autorização e parecer à Comissão de Ética da
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro**

Parecer da Comissão de Ética N:	31/2015
Data:	10.11.2015
Assunto:	Doc 20 A/CE/2015 Projeto de investigação "Vinculação, violência e estilos parentais: Implicações da personalidade, resiliência, saúde mental e competências sociais no desenvolvimento de comportamentos de <i>bulyling</i> e ideação suicida em adolescentes e jovens adultos"
Requerente:	Catarina Mota; Inês Relva; Otilia Monteiro

A CE considera relevantes os objetivos da investigação, regista que todos os instrumentos de avaliação referidos estão validados e que o processo inclui o termo de consentimento informado dos encarregados de educação dos participantes menores de idade. A CE regista também que as investigadoras responsáveis, em Declaração que anexam, se afirmam cientes da importância que a temática em estudo comporta, mormente no que se refere ao *Questionário de Ideação Suicida (QIS)*, comprometendo-se a tomar os cuidados necessários para evitar danos à integridade dos participantes bem como a sinalizar e encaminhar os jovens para um processo de intervenção, caso identifiquem entre os participantes qualquer sintoma de desconforto.

Pela Comissão de Ética
A Presidente da Comissão

Maria da Conceição Azevedo